

Nos dias seguintes à ressurreição do Senhor,
os Apóstolos permaneceram reunidos entre si, confortados pela
presença de Maria, e depois da Ascensão
perseveraram juntamente com ela em orante expectativa do Pentecostes.
Nossa Senhora foi para eles mãe e mestra,
papel que continua a desempenhar
para os cristãos de todos os tempos.
A tradição popular consagrou a Maria o mês de Maio,
que normalmente se situa entre a Páscoa e o Pentecostes.
Este mês, que iniciamos, é-nos por isso útil para redescobrir
a função materna que ela desempenha na nossa vida,
para que sejamos sempre discípulos dóceis e
testemunhas corajosas do Senhor ressuscitado.

Bento XVI, Regina Caeli, 30.4.2006

Sumário
julho-agosto de 2012

Encontro das Visitadoras, de 4 a 27 de maio de 2012

242 Introdução

ABERTURA DO ENCONTRO

244 Abertura do Encontro
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral

DEIXAR-SE TRANSFORMAR

Deixar-se transformar pelos pobres

250 Os pobres são nossos mestres
Padre Jean-François Berjonneau, FSJC

Deixar-se transformar em Igreja

267 Anunciar Jesus Cristo, hoje
Padre Fernando Del Castillo, cm

282 A maneira de evangelizar das Filhas da Caridade
Padre Fernando Del Castillo, cm

Deixar-se transformar como Companhia

294 A Companhia chamada a deixar-se transformar pelo Espírito
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral

MISSÃO DA VISITADORA

- 311 Dimensão relacional da missão da Visitadora
Irmã Elisabeth Robert, Superiora geral do Instituto das Irmãs de São Francisco de Assis.
- 329 Corresponsáveis pelo patrimônio dos pobres
Irmã Pia Humbel, Ecônoma geral
- 338 Apresentação do encontro dos Diretores provinciais
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

ENCERRAMENTO DO ENCONTRO

- 341 Encerramento do Encontro
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral

ENCONTRO DAS VISITADORAS

Introdução

Encontro das Visitadoras De 4 a 27 de maio de 2012

No dia 4 de maio de 2012, convocadas para o encontro interassembleias, sessenta e nove visitadoras e uma Regional chegaram dos quatro cantos do mundo.

O tempo forte de retiro foi um momento de graça para fortificar o espírito de fé, deixar-se guiar e transformar pelo Espírito, reforçar as grandes motivações da Assembleia geral de 2009, partilhar as diferentes realidades, os novos sinais dos tempos, renovar o entusiasmo missionário e voltar o olhar para a Companhia do futuro. Mais uma vez, cada participante descobriu o quanto a universalidade da Companhia foi uma riqueza. O encontro foi organizado em três grandes partes.

Primeira parte: Deixar-se transformar pelo Espírito, para uma conversão pessoal e provincial. Esta primeira parte foi reagrupada em três temas:

1º tema: **Deixar-se transformar pelos pobres.** Os pobres são o lugar sagrado onde Deus nos espera, santuário da presença permanente de Deus que nos chama para encarnar o carisma e tornar presente o Amor de Deus. O Padre Jean-François Berjonneau partilhou sua experiência junto aos pobres, sua preocupação em escutar o Cristo falar através deles e de permitir que a Igreja seja uma família onde eles se sentem acolhidos.

2º tema: **Deixar-se transformar em Igreja.** Impulsionadas pelo grande desafio da Nova Evangelização, a missão essencial da Igreja é evangelizar, anunciar o Cristo, com audácia e criatividade do Espírito Santo. O Padre Fernando Del Castillo, cm, conjugou evangelização dos pobres e missão de formação das Irmãs.

3º tema: **Deixar-se transformar como Companhia.** O Espírito Santo nos inspira e nos torna capazes de testemunhar seu Amor pelos pobres. Irmã Evelyne Franc convidou as Visitadoras a criar nelas as disposições interiores necessárias para que a Companhia viva um Pentecostes permanente.

Segunda parte: Reler e aprofundar a missão da Visitadora a partir de reflexões sobre o Guia da Visitadora e os demais Guias (Ecônoma, Secretária, Diretor provincial, Irmã Servente).

Momentos de reflexão pessoal, partilhas de experiências, de contribuições durante a sessão plenária permitiram escutar as reflexões feitas em grupos, entrar em diálogo para aprender umas com as outras e buscarem juntas como viver esta missão específica. Algumas questões foram abordadas pelos Superiores: o Superior geral, o Diretor geral, a Ecônoma geral, a Secretária geral, a responsável pelos arquivos. Finalmente, a Irmã Elisabeth Robert, Superiora geral do Instituto São Francisco de Assis abordou a questão da dimensão relacional.

Terceira parte: Preparar a Assembleia de 2015.

Muitas tardes foram consagradas para preparar a Assembleia geral de 2015 conforme o que está escrito nas Constituições.

Durante o encontro, as Visitadoras tiveram a ocasião de escutar testemunhos de diferentes lugares do mundo. Algumas partilharam situações mais particulares de sua Província; todas tiveram a graça de colocar seus passos nos passos de Santa Luísa ao longo de duas peregrinações: uma, à Igreja Saint-Nicolas-des-Champs e outra à Chartres.

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Abertura do encontro das Visitadoras

14 de maio de 2012

É com grande alegria, que começamos, ou melhor, continuamos hoje nosso Encontro das Visitadoras na Casa-Mãe, após a graça refrescante desta semana de retiro pregado pelo Padre Patrick e ...o Espírito Santo.

Somos convocadas pelo Senhor para este Encontro fraterno que reúne todas as Províncias e a Região da Companhia, representadas por cada uma de vocês. Como vocês já sabem, apenas uma Visitadora não pôde vir. Trata-se da Irmã Graciela Pellerin, Visitadora da Argentina que teve que renunciar à viagem por motivo de saúde, mas ela nos garante sua proximidade pelo pensamento e pela oração.

Aqui, vocês são 69 Visitadoras e uma Responsável regional (contando a ausência de Irmã Graciela Pellerin). É interessante destacar que, das Irmãs aqui presentes 53 estiveram na Assembleia geral de 2009 como Visitadoras ou Delegadas; 13 estiveram presentes no Encontro para as Novas Visitadoras designadas que aconteceu em fevereiro de 2011 e, entre as 6 que estão começando sua missão de Visitadora, 3 estavam como delegadas em 2009. Portanto, formamos um grupo bem motivado para a missão de hoje e a de amanhã.

Vocês estão vindo dos quatro cantos do mundo, lá onde a Companhia está presente e tenta viver fielmente o carisma de São Vicente e de Santa Luísa. Mais uma vez, vamos poder avaliar o quanto esta interculturalidade e esta diversidade serão de uma grande riqueza para nossas reflexões e poderão ser ainda mais, fonte de dinamismo para o serviço de nossos irmãos e irmãs desfavorecidos.

Este Encontro de Visitadoras é uma parada entre as duas Assembleias de 2009 e 2015. Como todo acontecimento vivido na fé, é um momento de graça, um convite para entrarmos mais intensamente neste caminho de transformação traçado pela Assembleia de 2009, sob a conduta do Espírito Santo¹. É também um convite para voltar nosso olhar para a Companhia do futuro que se constrói no hoje.

Daqui a pouco, ainda nesta manhã, a Comissão encarregada de animar o encontro vai apresentar-lhes os objetivos, a metodologia e as diferentes partes do programa – interligados pelo tema principal que apoiará nossa reflexão. Ela vai explicar-lhes também o plano previsto para o trabalho destes dias. Hoje, também, de acordo com as indicações do programa, vocês terão a ocasião de se apresentar e de partilhar alguns aspectos significativos da vida das suas Províncias.

Antes de continuar esta breve introdução, gostaria de agradecer aos membros desta Comissão de animação, composta pela Irmã Rosa Maria Miro, Assistente geral e Irmã Françoise Petit, Conselheira geral, ajudadas pela Irmã Miguelina Florido do Peru, Irmã Christo Kumari Sing da Índia do Norte e Irmã Angèle Mbula, do Congo. Estamos felizes ainda, por reencontrar Irmã Micheline Tremblay (Irmã da Cruz) nossa facilitadora do Encontro das Visitadoras de 2006 e da Assembleia geral de 2009. Evidentemente, o Conselho geral tem sempre participado e acompanhado de perto os trabalhos da Comissão. Ainda uma palavra para felicitar a presença fiel da equipe de tradutoras (reforçada, depois do fim do retiro), as Irmãs responsáveis pelo sistema de som e a contribuição de nossas duas Secretárias, Irmã Anne Prévost e Irmã Marie Odile Herbet.

Permitam-me novamente destacar a importância deste Encontro:

- Vamos refletir e dialogar sobre muitos temas, o que será para todas nós uma ocasião de formação contínua.
- Vocês terão, igualmente, a possibilidade de trabalhar sobre aspectos bem concretos do serviço da Visitadora, tendo como base os diferentes Guias e as Orientações que a Companhia coloca a disposição de vocês. Estes documentos são bons instrumentos para facilitar a reflexão e o discernimento do Conselho provincial, em vista do serviço de animação e da tomada de decisões.
- O Encontro nos permitirá também, abordar a preparação das próximas Assembleias e dialogar amplamente sobre todos os temas abordados. Acredito que vocês poderão fazer todas as perguntas que desejarem.

Como já sabem, este ano de 2012 será marcado por quatro acontecimentos eclesiais, dos quais esperamos frutos abundantes para a Igreja, para a Companhia e para o mundo: o 50º aniversário de abertura do Concílio Vaticano II, o 20º aniversário da promulgação do Catecismo da Igreja Católica, o Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização e o início do Ano da Fé.

Com toda a Igreja, desejamos acolher estes grandes acontecimentos como Kairós, um tempo de graça propício para renovar nossa vida de fé, para fortificar e dinamizar o espírito missionário da Companhia e assimilar o vasto horizonte da nova evangelização.

Na verdade, somos encorajadas à:

- nos reapropriarmos das grandes mensagens do Concílio, bússola que continua a orientar nossos passos;
- aprofundar os conteúdos da fé, sintetizados no Catecismo da Igreja Católica;
- renovar em nós e em nossas Irmãs o entusiasmo de comunicar a fé, acolhendo com esperança as orientações do Sínodo;
- *“repassar a história da nossa fé, que faz ver o mistério insondável da santidade entrelaçada com o pecado”²*

De acordo com as próprias palavras do Papa: *“deverá intensificar-se a reflexão sobre a fé, para ajudar todos os crentes em Cristo a se tornarem mais conscientes e revigorarem a sua adesão ao Evangelho, sobretudo num momento de profunda mudança como este que a humanidade está vivendo... Neste Ano, tanto as comunidades religiosas como as comunidades paroquiais e todas as realidades eclesiais, antigas e novas, encontrarão a forma de fazer publicamente profissão do Credo”³.*

Quanto a nós, compete a vocês pensarem como preparar esta profissão pública do Credo, no âmbito da Companhia, de cada Província, de cada Comunidade local... voltaremos a falar sobre isso, em outro momento.

O *Ano da fé* será uma ocasião propícia para intensificar o testemunho da caridade⁴.

Nossa época é complexa, os discernimentos que temos que fazer são delicados (formação das Irmãs, reagrupamento das Províncias, orientações a tomar sobre os nossos serviços apostólicos...) parecem-nos às vezes: *“que um manto de escuridão teria descido sobre o nosso tempo, impedindo de ver com clareza a luz do dia”*⁵.

Para que estas realidades cinzentas e dolorosas que enfrentamos diariamente não nos desanimem, temos necessidade de descobrir e escutar, discernir e acolher os novos sinais que manifestam a presença e a ação do Espírito Santo no mundo. Estamos suficientemente vigilantes para ver para onde o Espírito nos conduz nesta etapa da história da Companhia? Quais inquietudes, quais esperanças estão presentes em vocês e em cada uma das Irmãs de sua Província? Estou certa de que, após suas orações e reflexões do retiro, as partilhas entre vocês serão ricas.

Um rápido olhar sobre a preparação do Sínodo sobre a nova evangelização pode nos dar alguns elementos para orientar nossa reflexão. Os Lineamentos sublinham a necessidade de mostrar aos nossos contemporâneos que a perspectiva cristã é capaz de interpretar os grandes problemas da vida.

A nova evangelização não é somente anúncio, é antes de tudo autoevangelização, é audácia do encontro; é sinônimo da missão que nos reenvia aos desafios do nosso tempo.

Trata-se de ajudar nossos contemporâneos a encontrar o essencial, a distinguir o que é verdadeiro, o que é bom e belo. Em sociedades, como a deste país, onde os políticos, os intelectuais apresentam como avanços o direito ao casamento para pessoas do mesmo sexo, o direito de planejar o fim de sua vida, nossos contemporâneos têm necessidade de respirar um ar menos viciado, têm sede de uma outra linguagem. Este sopro de ar puro pode ser transmitido através do nosso testemunho de vida e de serviço. Todos os nossos objetivos de promoção social, fundamentados sobre nosso carisma vicentino, devem estar incluídos em uma perspectiva de reconhecimento dos traços de Deus no ser humano, de uma evangelização que vise a uma verdadeira humanização.

O dom da fé nos faz esperar no Senhor e nos preservará do desânimo. A nova evangelização nos convida à confiança, ao abandono à Providência, a olhar o mundo com novos olhos, a renovar nosso compromisso com a causa dos pobres, como enviadas, que somos, pela Igreja e pela Companhia, como apóstolas e testemunhas da Caridade. Vivemos em tempos de audácia criativa e profética, de alegre atenção ao Espírito que nos guia para a verdade total⁶.

Hoje, como ontem, ao longo de toda a história da Companhia, nos sentimos nas mãos do Senhor que nos conduz: *“Temos, por isso, necessidade que Deus, nosso Pai, nos governe e enquanto confiarmos Nele, não nos abandonará”*⁷, dizia São Vicente às Irmãs em junho de 1659, e estas palavras são hoje, muito atuais.

Por sua vez, Santa Luísa escrevia à Barbe Angiboust que viveu algumas dificuldades em Bernay: *“podeis supor, querida Irmã, que mais do que nunca temos necessidades da bondade de sua Providência para este negócio e para todos os outros do governo da Companhia”*⁸.

O Papa Bento XVI nos exorta em sua carta apostólica *Porta Fidei*: *“só acreditando é que a fé cresce e se revigora; não há outra possibilidade de adquirir certeza sobre a própria vida, senão*

abandonar-se, (...) nas mãos de um amor que se experimenta cada vez maior porque tem a sua origem em Deus”⁹.

Durante os próximos dias, teremos a ocasião de abordar assuntos de grande importância na vida da Companhia. Desejo que vivam estes dias de trabalho num clima de oração e de reflexão, de calma e de paz interior, num ambiente fraterno de cordialidade e confiança.

Para toda a Companhia este encontro é um tempo especial de graça e de bênção. Um tempo de abertura ao Espírito Santo para nos deixarmos transformar por Ele, e nos tornarmos assim, “*instrumentos de suas obras*”¹⁰.

Sabemos que podemos contar com oração de todas as Irmãs, especialmente de nossas Irmãs idosas e doentes, que participam ativamente da missão da Companhia com a oferenda do que vivem neste estado de amor puro e de fidelidade, etapa de plenitude em seu dom total a Deus.

A Companhia espera muito de vocês, a quem foi confiada a missão de Visitadora e lhe pede também para consagrar todas as suas energias, disponibilidade e entusiasmo para promover a vitalidade espiritual e apostólica de cada uma das Filhas da Caridade¹¹ e manter assim acesa a chama do carisma em todas as Províncias da Companhia.

Imploramos a intercessão de São Vicente e de Santa Luísa pelos frutos deste encontro.

Confiemos à Maria, Mãe da Companhia, as reflexões e o trabalho destes dias. “*Desde a Anunciação ao Pentecostes, vemo-la presente como mulher totalmente disponível à vontade de Deus... Maria é também símbolo da abertura a Deus e aos outros; escuta ativa, que interioriza, assimila, na qual a Palavra se torna forma de vida*”¹².

Irmã Evelyne FRANC
Filha da Caridade

NOTAS

¹ cf. Documento Interassembleias 2009-2015.

² cf. Bento XVI, Motu proprio, Porta Fidei, n. 13.

³ cf. Bento XVI, Motu proprio, Porta Fidei, n. 8.

⁴ cf. Bento XVI, Motu proprio, Porta Fidei, n. 14.

⁵ Bento XVI, Mensagem para o XLV Dia mundial da Paz, 2012.

⁶ cf. Jo 16, 13.

⁷ São Vicente de Paulo, conf de 9 de junho de 1658, Coste X, pág. 781.

⁸ Santa Luísa, Escritos espirituais, pág. 625 C.582 (L. 524).

⁹ Carta Apostólica, Porta Fidei, n. 7.

¹⁰ C. 17c.

¹¹ Cf. C. 73a.

¹² Exortação pós-sinodal Verbum Domini, 27.

PADRE JEAN-FRANÇOIS BERJONNEAU, FSJC

Os pobres são nossos mestres

15 de maio de 2012

Quis colocar o título desta conferência fazendo minhas as palavras de São Vicente de Paulo, mestre espiritual de vocês. O título que me tinha sido proposto era: “O que os pobres têm a nos dizer, e a dizer para a Igreja, hoje?” Então, pensei que a mais bela mensagem que podemos receber dos pobres, hoje, é o Cristo, a presença do Cristo, a Palavra do Cristo. No capítulo 25 do evangelho segundo São Mateus, o Cristo se identificou com os pobres, os famintos, os doentes, os estrangeiros, os prisioneiros... Jesus afirmou que sempre que entramos em relação fraterna com um

destes pequeninos, considerados por Ele “seus irmãos”, entramos em relação com Ele mesmo, quaisquer que sejam suas fisionomias de pobres, que são bem diferentes de acordo com os países de onde vocês procedem. Hoje poderíamos acrescentar a esta lista imagens atuais que encontramos: os “sem”: “sem-documentos”, sem teto, sem terra, sem famílias, as inúmeras pessoas que se perdem numa sociedade mundializada, cujas mutações políticas e tecnológicas se aceleram com uma tal rapidez que deixa de lado um número cada vez mais alarmante de excluídos.

Em todas essas categorias de pobres tão diversificadas e cujos caminhos são tão complexos, nós, cristãos, escutamos a única palavra de Jesus “que sendo rico se fez pobre” para se aproximar de nós e nos abrir para o seu Reino.

Foi isto o que São Vicente de Paulo expressava quando dizia: *“Não se deve julgar um camponês pobre ou uma senhora de condição humilde por sua aparência ou pela envergadura de sua inteligência. Muitas vezes eles não têm absolutamente nenhum rosto, muito menos o aspecto de pessoas educadas. Mas, viraí a medalha, e vereis, à luz da fé, que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por estes pobres. Também Ele, em sua paixão, quase não tinha aspecto de homem. Para os gentios, não passava de um louco; para os judeus, era pedra de escândalo”*. (XI, 32).

Parece-me importante refletirmos juntos sobre qual é a mensagem que o Cristo nos dirige através dos pobres que encontramos e nos perguntarmos qual o caminho de conversão profunda que o Cristo nos engaja: como o compreendemos? Como ele nos transforma? Como ele nos questiona?

Farei referência à minha experiência de capelão carcerário, há quase 30 anos. Nisso sinto-me próximo de vocês, porque São Vicente de Paulo foi o fundador das capelarias carcerárias. Vou me basear também no percurso que realizei como Secretário da Comissão Episcopal dos Migrantes entre 1992-1998, onde tive muitos contatos com as pessoas que viviam em situação irregulares e pediam para serem acolhidos numa sociedade que os rejeitava, e que recorriam às Igrejas para escutarem o seu clamor.

Sobre esse assunto gosto de contar os meus primeiros passos como capelão carcerário. Na minha primeira visita à Casa de Detenção de Evreux, recebi uma espécie de carta de missão de um jovem preso. Este sabendo que eu era o novo “capelão” enviado para a da prisão, me disse algo que jamais esqueci: “Veja, Padre, eu tenho duas prisões. A primeira é minha cela com a porta blindada e grades, desta não sei quando sairei. Mas, a segunda é a mais dura: é o ódio que tenho pelas pessoas! Se você conseguir me libertar desta segunda prisão, você terá vencido! Mas, eu o previno que não estará no fim dos seus problemas!”. Acredito que através deste prisioneiro, Jesus traçava o caminho da minha missão.

Nesta minha conferência, proponho-lhes dois pontos de reflexão:

I - Como o Cristo nos transforma em nosso companheirismo com os pobres.

II - Como ser “mediadora” entre os pobres e a Igreja para que eles ocupem seu lugar na Igreja.

I - COMO O CRISTO NOS TRANSFORMA NA RELAÇÃO COM OS POBRES

1- PARA COMEÇAR, OS POBRES NOS INCOMODAM SEMPRE

Em nossa agenda sempre muito cheia, os pobres intervêm, surgem muitas vezes de maneira inesperada.

Por exemplo, eu desejava ir para algum lugar afastado para preparar esta conferência. Estava bem tranquilo, quando meu celular tocou: era Jean-Pierre, que acompanhei na prisão durante uns vinte dias, e que ainda estava preso, e me dizia que logo iria logo e que contaria comigo para encontrar um alojamento.

Penso que isso lhes acontece muitas vezes. Vocês se organizam para um trabalho urgente, estão muito ocupadas...e eis que surge, em um momento inoportuno, um pobre que pede para ser escutado ou acolhido e que não escuta os seus argumentos. Evidentemente que, em Comunidade, existem Irmãs que se propõem a acolher estas pessoas em situações precárias, mas isto não impede que aqueles familiarizados da exclusão apareçam sempre como provocadores e perturbadores.

Nas sociedades marcadas pela eficácia, a performance, a rentabilidade, a preocupação de tudo organizar, os pobres surgem sempre de maneira insólita, lá onde não se esperava.

Eles escapam aos nossos critérios, aos nossos pontos de referência. Eles não vivem como nós, não pensam como nós, não têm os mesmos rituais, e essa perturbação faz parte dos primeiros passos da relação, porque ela nos obriga a nos descentralizarmos do nosso pequeno mundo, para dar um lugar a esta pessoa que, em seu sofrimento pede a nossa atenção “imediatamente”. E este sair de nós mesmos é o próprio Deus que nos solicita. É isto que nos diz Michel de Certeau em seu livro “O estrangeiro ou a união na diferença” (DDB p.14).

“É como desconhecido e ignorado que o Senhor chega sempre em sua própria casa e na do seu povo: “Venho como um ladrão” (Ap. 16,15 ; 3,3). Aqueles que creem nele são incessantemente chamados para reconhecê-lo, assim, morando longe ou vindo de outro lugar, vizinho desconhecido ou irmão separado, encontrado na rua, fechado nas prisões, alojado junto aos desprovidos ou ignorado, numa região fora das fronteiras. Existe até mesmo o “místico” que sempre se apresenta na Igreja como um provocador, um importuno, um estranho...Isto nos leva a algo mais desconcertante, porém, fundamental para a fé cristã. Deus permanece o desconhecido, aquele a quem não conhecemos, mesmo se nele cremos, permanece um estranho para nós, na experiência humana de nossas relações. Mas, é também desconhecido, aquele que não queremos reconhecer e que João afirma (Jo 1,11) não ser recebido pelos seus em sua própria casa. É sobre isto que, em última instância, seremos julgados; é o teste da verdadeira vida cristã: ‘recebemos o estrangeiro, visitamos o prisioneiro, acolhemos o outro’?” (Mt 25, 35-36)”.

O próprio Jesus conheceu esta perturbação, quando ele se retirou para o país de Tiro e de Sidônia e que quis permanecer desconhecido. Lá, ele se encontra com a Cananea que gritando lhe conta o seu sofrimento de mãe por causa da doença de sua filha, os discípulos lhe disseram: “*Despede-a, ela nos persegue com seus gritos!*” O próprio Jesus levou muito tempo para ajudar a esta mulher, para reconhecer nela a fé.

Os pobres nos ajudam a fazer a experiência de uma difícil alteridade. Eles nos obrigam sempre a sair de nossos hábitos e de nossas “comodidades”, abrindo-nos assim um espaço para Deus.

2 – QUAISQUER QUE SEJAM SUAS DIFICULDADES, OS POBRES EXIGEM RESPEITO

Quando o desejo de despedi-los passou e a perturbação foi assumida, abriu-se o tempo do respeito. Entramos, então, no caminho da alteridade, que supõe o tempo da escuta e da compreensão do outro, e isto exige muito tempo.

A pessoa que está diante de mim tem uma história, foi marcada por feridas, nem sempre encontra palavras para expressar seu sofrimento. A primeira palavra pode esconder uma outra. Assim na

prisão, um pedido aparentemente interessado de cigarros ou de selos pode ser o começo para um intercâmbio muito mais profundo.

Como disse Maurice Bellet, padre e psicanalista : *“Começarás pelo respeito”*. O respeito consiste em resistir a tentação de classificar esta pessoa, em situação de pobreza, numa categoria e de buscar imediatamente “a solução” para ela ou de encaminhá-la para tal ou tal serviço social.

O respeito significa nos abrir à dimensão única da pessoa que está diante de nós, criada à imagem de Deus e através da qual o Cristo se dirige a nós. Isto supõe, portanto, deixar que a palavra desta pessoa trilhe seu próprio caminho, mesmo se esta palavra no começo nos pareça incompreensível.

Este espaço sagrado que se chama respeito supõe, não só que evitemos toda iniciativa de dominação ou de paternalismo para nos colocarmos à escuta daquilo que a pessoa expressa com suas palavras, mas também, daquilo que se expressa além das palavras.

No episódio do encontro de Jesus com a Cananeia, Jesus escuta os clamores dessa mulher angustiada e não lhe responde palavra alguma. É o tempo, para Ele, de respeitar a distância que o separa dessa mulher, de ajustar-se a ela.

3 – NOS AJUSTARMOS AO OLHAR DE DEUS SOBRE OS POBRES

Os pobres que encontramos nos fazem sempre, de uma certa maneira, a seguinte pergunta: *“Você é capaz de me amar como eu sou?”*

Se nós os encontramos pela primeira vez, eles nos chamam a ultrapassar nossas reticências diante de sua aparência, às vezes repugnante. Eles nos chamam a ultrapassar nossas apreensões e às vezes nossos medos.

Se estamos ao seu lado durante muito tempo, eles testam nossa fidelidade no acompanhamento, mesmo em situação de crise.

E para entrar nesta conversão do olhar, temos sempre que nos colocar à escuta desta palavra do Cristo no Evangelho *“Não tema...Não tenha medo”*. Uma tal conversão do olhar enraíza-se no próprio itinerário de Jesus de Nazaré.

Para Jesus, a experiência de origem, a partir da qual todos esses encontros com os pobres fazem sentido, é o seu batismo nas águas do rio Jordão. Lá, ele vive esta experiência extraordinária da paternidade de Deus. Em seu livro: *“Le Dieu plus grand”*, Eloi Leclerc escreveu: *“Na inefável proximidade divina que se manifesta n’Ele, é evidente para Jesus que Deus se aproxima...N’Ele, todo homem sem exceção, é chamado a ouvi-Lo dizer: “Tu és o meu filho bem amado”. Ao mesmo tempo que descobre a paternidade de Deus a seu respeito, abre-se ao amor de Deus para todos os homens. Ele deposita o seu olhar misericordioso sobre o homem. Aliás, quanto mais o Filho se assemelha ao Pai, mais se deixa invadir e conduzir por este amor divino por todos os homens”*.

Não devemos jamais esquecer a fonte contemplativa de nosso encontro com os pobres. Habitados pelo Espírito de Cristo, somos chamados incessantemente para ir ao encontro dos mais pobres.

A partir desta experiência pessoal da ação do Espírito do Cristo em nós, podemos progressivamente nos ajustar ao olhar do Pai sobre todos os pobres que encontramos. Deus os vê com ternura: *“um pobre clamou e Deus escutou”*. Sabemos ser simplesmente os reflexos desta benevolência divina

para com eles? Sob o olhar do Cristo podemos ultrapassar os medos, as apreensões, as reticências que podem, às vezes, nos habitar, para entrar numa autêntica relação de vida com os pobres, a fim de que se sintam amados por Deus.

4- OS POBRES NOS REVELAM NOSSAS PRÓPRIAS FRAGILIDADES.

Quando entro na prisão para me encontrar com os detentos, sempre sinto um certo medo, no começo: medo de encontrar situações de violência, medo de infringir algum regulamento, medo de ser confrontado por um detento, particularmente agressivo, às vezes medo de não estar a altura deles... Estes medos, sempre me lembram minha fragilidade, meus limites. E neste sentido, esta tomada de consciência dos meus medos é positiva para o encontro com os mais pobres.

Esta fragilidade me obriga a fazer um trabalho comigo mesmo para aprender a conhecer a verdade sobre esses medos e superá-los. Minha fé em Cristo também me ajuda a superar meus medos. A única maneira de me aproximar dos detentos, que têm uma caminhada tão perturbada e cheia de tantas provações, é ser muito humilde, muito disponível e despojado de toda vontade de dominação sobre meu interlocutor. É o sentido do lava-pés: assumir a posição do servo, ajoelhar-se diante da pessoa frágil, colocar-se à sua escuta, ter uma atitude desprovida de todo poder (cf. Jo 13. 1-15).

A “humildade” é a condição para que a palavra do pobre possa se expressar e para que a confiança se instale entre nós

Esta observação pessoal me conduz à algumas observações sobre a consciência de nossa própria fragilidade no encontro com pessoas em condições precárias. Este sentimento de fragilidade no encontro com os pobres é ambivalente:

- Às vezes, este encontro desperta em nós medos ou feridas enterradas há muito tempo e que, por ocasião desta relação reaparecem. Outras vezes, este sentimento de fragilidade é tão forte que pode chegar a uma reação de exclusão que, em alguns momentos, pode nos surpreender... Não conhecíamos as susceptibilidades de tais rejeições. Em outras circunstâncias, o encontro com tal ou tal pessoa em situação precária tanto no aspecto econômico, relacional ou de saúde pode preencher um vazio afetivo que nos impede de manter a justa distância com a pessoa. Esta, aliás, não tem mais a liberdade de traçar o seu caminho como ela o compreende.

- Mas este sentimento de fragilidade pode ser bom se for vivido na verdade, questionando o nosso sentimento de onipotência. Ele pode também nos introduzir no sentimento de uma condição comum que nos une profundamente a pessoa que encontramos. É o que expressa Xavier Emmanuelli, médico, ex-Diretor do SAMU social : *“No íntimo, o sentimento de fragilidade cria esta indefectível solidariedade humana... Como dizia no começo do SAMU social às minhas equipes tentando animá-las: não esqueçam de que esta noite, nas ruas de Paris, vocês irão encontrar pessoas do mesmo nível e do mesmo status de humanidade que vocês... A fragilidade é o que marca o status do homem em um mundo que permanece, acontece o que acontecer, indecifrável e infinito”*.

Esta experiência de nossa fragilidade, no encontro com os pobres e os riscos que isto comporta, nos chama sempre a sermos acompanhados por alguém ou por uma equipe que nos permita encontrar a distância certa, que nos possibilite ajudar a pessoa em precariedade, sem se deixar absorver por seu sofrimento. Como disse ainda o Doutor Emmanuelli: *“no acompanhamento do sofrimento, devemos, certamente, arriscar algo pessoal, sem nos perdermos totalmente, pois nos tornaríamos inúteis ou perigosos, para nós ou para o paciente”*. Em seguida, ele faz a seguinte definição da compaixão: *“Compaixão significa compreender o sofrimento do outro, questionar-se sobre ele, deixar-se tocar por ele, mas sabendo defender-se do naufrágio, do que podem ser a dor, o sofrimento moral para saber fazer o vínculo. É uma relação de alteridade, de preocupação com o*

outro. Eu o acompanho porque o outro está sofrendo e em perigo, porque reconheço minhas próprias fragilidades. Se não tivermos esta compaixão, não poderemos fazer o vínculo” (Id. p.146)

Esta experiência nos permite compreender o mistério da Encarnação de Cristo. Somente assumindo, no amor do Pai e na força do Espírito Santo, nossa vulnerabilidade, fazendo-se “*pobre, de rico que era*” “*assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens, e sendo exteriormente reconhecido como homem...tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz*” (Fl.2, 7-8), ele nos fez conhecer o poder do seu Amor e nos abriu o caminho da ressurreição.

5- OS POBRES SÃO REVELADORES DA DESORDEM DO MUNDO E NOS CHAMAM PARA NOS ENGAJARMOS.

Quando Jesus apresenta sua carta de missão na Sinagoga de Nazaré, ele o faz com as mesmas palavras do Profeta Isaías: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor*”(Lucas, 4, 18-19).

Trata-se, então, para ele, **aproximar-se** de todas essas categorias de pessoas caracterizadas pelo seu estado de precariedade: os pobres, os prisioneiros, os cegos e os oprimidos. Existe aí uma prioridade reconhecida e afirmada. Mas, ao mesmo tempo, esta missão traz uma **dimensão de liberdade**, de saída deste estado precário de aprisionamento, da cegueira e da opressão. A boa nova anunciada traz uma dinâmica concreta de libertação de uma certa escravidão. Não podemos nos contentar em interpretar esta mensagem de Isaías retomada por Jesus, como puramente espiritual. É verdade que concerne à inauguração do Reino de Deus, tal como ele se manifesta na pessoa de Jesus. Mas, implica também em dimensões concretas, as que o próprio profeta, o 3º Isaías, evoca nestes termos: “*Por acaso não consiste nisto o jejum que escolhi: em romper os grilhões da iniquidade, em desatar as cordas do jugo e pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar todo o jugo? Não consiste em repartires o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vês nu e em não te esconderes daquele que é tua carne?*” (Is. 58,6-5).

A proximidade dos pobres está, portanto, intimamente relacionada a toda atividade que visa cessar a opressão da qual são vítimas e entrar num combate pela justiça e numa dinâmica de partilha. Tal iniciativa faz parte integrante da solidariedade com os mais pobres, segundo o Evangelho.

Na encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, o Papa João Paulo II define a solidariedade, dizendo: “*A solidariedade), portanto, não é um sentimento de compaixão vago ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos. Esta determinação está fundada na firme convicção de que as causas que entravam o desenvolvimento integral são aquela avidez do lucro e aquela sede do poder... Estas atitudes e estas “estruturas de pecado” só poderão ser vencidas - pressupondo o auxílio da graça divina - com uma atitude diametralmente oposta: a aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para “perder-se” em benefício do próximo em vez de o explorar, e para “servi-lo” em vez de o oprimir para proveito próprio (cf. Mt 10, 40-42; 20, 25; Mc 10, 42-45; Lc 22, 25-27)” (Sollicitudo Rei Socialis, nº38).*

O companheirismo com os pobres, em particular com aqueles que são vítimas de uma ordem social e econômica injusta, nos engaja num verdadeiro combate contra essas “estruturas de pecado” das quais fala João Paulo II. O que concerne ao meu ministério de capelão carcerário, esta proximidade com os prisioneiros me leva ao diálogo que temos juntos, a descobrir o mundo de sua infância. Eles

vêm muitas vezes de um meio marcado pelo desemprego, pela miséria, por habitações degradadas, ausência de vida familiar equilibrada, falta de referências educacionais que terminam na delinquência

Quando perguntei a um jovem, que havia sido preso pela quinta vez por tráfico de drogas, como pretendia sair, ele me respondeu: “Jean-François, encontre para mim uma razão de viver no bairro onde eu moro!”

Em meus encontros com os prisioneiros, se não dou toda minha atenção às suas origens, se de uma maneira ou de outra, não contribuo para encontrar com eles um caminho de reinserção social e profissional quando saírem da prisão, se eu não luto contra todas as estigmatizações que eles podem sofrer após seu encarceramento, a apresentação da mensagem de conversão e de libertação que lhes dirige o Cristo, corre o risco de não ser recebida. E é a verdade deste compromisso que eu quero viver com eles, em nome do Cristo.

Na relação com os pobres, existe, portanto, lugar para um engajamento ao seu lado que pode nos conduzir para muito longe. Ele nos chama para fazer uma análise da situação econômica, política e social que provocou esta miséria. Ele nos envolve num combate perseverante contra todas as formas de opressão que mantém tantas pessoas no porão da humanidade. Ele nos convida assim constantemente a nos colocarmos na escola dos pobres, pois, são eles que, a partir da sua situação, com sua linguagem própria, nos dizem quais são os caminhos de sua própria libertação.

6 – OS POBRES NOS CHAMAM À PACIÊNCIA E À FIDELIDADE.

O próprio Jesus conheceu a provação da fidelidade na aliança com os pobres. Ele percebeu num dado momento que esta relação com os excluídos de seu povo poderia conduzi-lo à confrontação com os poderes políticos e religiosos de seu tempo, que não aceitavam sua missão. Ele também experimentou a inconstância das pessoas que o tinham seguido. Esta mesma multidão que tinha aclamado a sua entrada em Jerusalém foi capaz de se voltar contra ele no momento do julgamento. Os próprios discípulos queriam impedi-lo de assumir o risco de doar sua vida.

Mas, na fidelidade ao amor de seu Pai e dos homens, a quem havia sido enviado, foi fiel até o fim. Resistiu a todas as tentações do poder, da dominação sob todas as suas formas, da busca do sucesso popular. Manteve a opção pela pobreza e pelo dom de si mesmo e “... ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém!” (Lc 9,51).

Nesta amizade com os pobres, pode acontecer que façamos a experiência da provação e da contradição. Esta provação pode nos acontecer por causa do cansaço, da dúvida que insinua se o nosso engajamento foi bem fundamentado, ou ainda a impressão do fracasso nesta solidariedade com os pobres; Esta provação pode também ocorrer devido o risco característico do nosso engajamento e do perigo ou da violência que se aproximam ou ainda de um sentimento de solidão. Ela pode surgir também quando os próprios pobres que acompanhamos no caminho de sua emancipação estão sujeitos a recaídas e parecem novamente derrubados pela fatalidade. Pode então acontecer que sejamos tentados a desistir.

Um dia, alguns amigos me disseram que um jovem que eu tinha ajudado em seu combate por uma verdadeira libertação das drogas, durante um longo processo de cura e desintoxicação, tinha recaído no consumo de drogas. Era a quinta vez que ele experimentava uma recaída. Tive a infelicidade de dizer a estes meus amigos que deram a notícia: “Destas vezes, eu desisto!”. E este jovem, logo depois, veio me dizer: “se você soubesse o mal que isto me fez, quando eu soube que você também ia desistir de mim”. Isto é o que eu chamo de pecado contra a esperança... Os pobres nos provocam à

fidelidade e à paciência, que vão além das recaídas, do desespero e das angústias que podem machucá-los e até mesmo levá-los a morte.

Existe uma espiritualidade do “Stabat Mater” que se assemelha à fidelidade de Maria que se manteve em pé, ao pé da cruz, quando, aparentemente não havia mais nada para fazer e que seu Filho estava morrendo sob os escárnios da multidão. Somente nossa fé na ressurreição do Cristo, num amor mais forte do que todas as misérias e os sofrimentos que podem se abater sobre nossos irmãos, os mais pobres, pode nos ajudar a nos mantermos juntos a eles e a permanecer “esperando contra toda esperança” como nos convida São Paulo em sua Carta aos Romanos (Rm. 4,18).

7- OS POBRES NOS INTRODUZEM NO CAMINHO PASCAL COM O CRISTO

Finalmente, os pobres podem nos conduzir a viver profundamente este caminho pascal que o Cristo traçou, para nos conduzir à ressurreição. O Papa João Paulo II na encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, diz: “À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir as dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação. O próximo, então, não é só um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais; mas torna-se a imagem viva de Deus Pai, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornada objeto da ação permanente do Espírito Santo. Por isso, ele deve ser amado, ainda que seja inimigo, com o mesmo amor com que o ama o Senhor; e é preciso estarmos dispostos ao sacrifício por ele, mesmo ao sacrifício supremo: “*dar a vida pelos próprios irmãos*” (cf. 1 Jo 3, 16)” (*Sollicitudo Rei Socialis*, n. 40).

Os monges de Tibhirine nos deram um sinal resplandecente desta solidariedade até o dom de suas vidas. Dia a dia, nesta difícil fraternidade com o povo algeriano, submetidos ao medo e à violência da guerra civil, no ambiente onde eles moravam, traçaram o caminho da doação total. Eles quiseram permanecer Irmãos de todos, recusando-se escolher entre os irmãos do planalto (soldados da arma algeriana) e os irmãos da montanha (que são denominados os islamitas) que se opuseram sobre seus olhos numa violência impiedosa. Numa contemplação assídua do seu Senhor e mestre Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, e neste longo trabalho interior da oração, aprenderam a superar seus medos, a fazer a escolha de permanecer juntos, ao lado deste pobre povo, com quem tinham feito uma aliança, a se despojar pouco a pouco de tudo o que pudesse ainda impedir o amor e a se abandonarem com confiança entre as mãos deste Deus que, na pessoa do Cristo, nos repete incessantemente que: “não há maior prova de amor do que doar a vida por aqueles que se ama”.

Nós também, à medida que fizemos nossas escolhas definitivas de unir a nossa vida à dos pobres, nos deixamos conduzir e modelar por eles. Pouco a pouco somos levados pelo caminho de suas alegrias, de suas esperanças, de seus sofrimentos e de suas lutas; unimos nossa vida à dos pobres. Passamos também, pela obscuridade do medo, da incerteza do amanhã, da experiência de nossos limites e de nossas fragilidades. Mas, também somos conduzidos pela graça que eles nos concedem quando nos acolhem como seus irmãos ou irmãs e que conquistamos sua amizade.

São eles que nos ensinam, dia após dia, a doar a nossa vida como o Cristo. Às vezes, diante de nossas fragilidades recebemos deles as palavras de esperança, como Jesus que, antes de entregar o seu espírito ao Pai, recebeu do bom ladrão crucificado, ao seu lado, esta reflexão de prejúncio da ressurreição pela qual passaria: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu Reino” (Lc 23, 42).

II – O LUGAR DOS POBRES NA VIDA DA IGREJA

1- A EXPRESSÃO DO CONCÍLIO VATICANO II

Se o Cristo nos fala de uma maneira pessoal e coletivamente no encontro e na solidariedade com as pessoas desprovidas, a vida da Igreja está envolvida no mais alto grau.

E como estamos no ano do 50º aniversário do Concílio Vaticano II, podemos nos referir a alguns textos que evocam o lugar dos pobres na Igreja:

“Mas, assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus “que era de condição divina... despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo (Fl. 2, 6-7) e por nós, “sendo rico, fez-se pobre” (2 Cor. 8,9).

Assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai “a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração” (Lc. 4,18), “a procurar e salvar o que perecera” (Lc. 19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo...” (cf. Lumen Gentiun, nº08).

Este texto destaca vários pontos essenciais:

- a pobreza como sinal de conformidade à pessoa do Cristo e como caminho para a missão.
- O reconhecimento dos pobres e dos sofredores como os privilegiados da missão da Igreja (a expressão opção preferencial pelos pobres está subentendida).
- O reconhecimento pela Igreja da presença do Cristo na pessoa dos pobres.

Para resumir estas afirmações conciliares, poderíamos dizer que uma Igreja sem os pobres é uma Igreja mutilada. Porque o Cristo se identificou com os pobres (famintos, doentes, estrangeiros, prisioneiros...), porque ele designou os pobres como os destinatários privilegiados da Boa Nova, e manifestou a busca pela ovelha perdida como prioridade para os seus discípulos, o lugar dos pobres é constitutivo do mistério da Igreja.

2- MAS, A IGREJA REUNIDA ESTÁ MUITAS VEZES DISTANTE DOS POBRES.

Com certeza, falo desta Igreja que conheço na França e de modo geral, na Europa onde constato que os pobres estão ainda muito longe de se sentirem em casa, em nossas assembleias cristãs. Sem dúvida, para muitas de vocês que vêm de países mais pobres, esta observação é menos pertinente. Isto não impede que, em muitos países, os mais pobres não se sintam no mesmo nível em nossas comunidades cristãs.

Nossas comunidades cristãs têm a preocupação de responder às exigências dos pobres. Elas são para os pobres, mas não com os pobres. O Padre Joseph Wresinsky, fundador de ATD Quart Monde escreveu um livro intitulado: “Os pobres são Igreja”...Estamos distantes disto! O que quer que digamos sobre a opção preferencial pelos pobres, a voz dos pobres é ainda dificilmente percebida em nossas Igrejas. Deve-se considerar esta distância e reconhecer lucidamente, sem culpabilidade, mas também sem complacência. É importante medir esta distância que nos mantém longe dos pobres, pois, é também a base de uma conversão possível. Se soubermos reconhecer lucidamente a alteridade das nossas comunidades (paróquias ou dioceses) em relação aos pobres que vivem na exclusão; se tomarmos consciência de que nossas comunidades estão “desfiguradas” por sua ausência. Então, poderemos entrar em diálogo com eles, numa verdadeira reciprocidade, evitando as tentações sutis de recuperação rápida que nos servem de pretexto para não escutar o clamor

perturbador dos pobres. Pois, com nossos irmãos e irmãs, mais pobres, devemos nos colocar à sua escuta e estarmos prontos, em um verdadeiro diálogo com eles, para nos deixarmos transformar profundamente pela palavra que nos une ao Cristo, na pessoa dos pobres.

3- PARA VIVER UM VERDADEIRO ENCONTRO COM OS POBRES, NOSSAS COMUNIDADES CRISTÃS TÊM NECESSIDADES DE MEDIAÇÕES.

Quando falo de mediação, penso nas pessoas que têm uma relação duradoura com os mais pobres, comprometidas em uma verdadeira solidariedade com eles, que partilham seus sofrimentos e suas lutas, e que, ao seu lado, aprendem sua linguagem e se deixam transformar por eles. Estas pessoas, como membros das comunidades cristãs, podem ser junto aos seus irmãos e irmãs batizados, servos e servas do encontro com os mais pobres. Elas podem ensinar às comunidades cristãs como compreender, a partir do interior, o que vivem estas pessoas excluídas e colocar-se à escuta da palavra que o Cristo dirige através de suas vidas.

Vocês mesmas, minhas Irmãs, são testemunhas de uma maneira ou de outra: acontece que em alguns lugares humildes, marcados pela hospitalidade, o sentido da oração, a qualidade de escuta ao outro, um verdadeiro encontro se faça entre os excluídos e a palavra simples do Cristo. Acontece também, que os excluídos que desejam fortemente ver sua dignidade reconhecida e serem libertados de toda opressão entrem na luz do Evangelho. Às vezes, prisioneiros e oprimidos são tocados pela Boa Nova do Evangelho e escutam a palavra do Cristo: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”. Então, a vida destas pessoas frágeis, podem ser reaquecidas (levadas à incandescência). Como testemunhas destas pequenas ressurreições, podemos vibrar na alegria do Cristo: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21). Na mesma perspectiva, acontece que as palavras do Magnífica venham aos nossos lábios, onde a voz de Maria se misture à voz dos pobres que encontramos: “Derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes...” (Lc. 1,51).

Então, quando somos testemunhas maravilhadas deste encontro fulgurante entre a voz dos mais pobres e a luz do Evangelho do Cristo, não podemos guardá-lo para nós. Temos uma dupla responsabilidade:

- Permitir às pessoas que vivem a exclusão e que descobriram a palavra de Jesus, sentirem-se acolhidas numa comunidade e dar alguns passos no caminho de uma reinserção que tem uma dimensão espiritual e eclesial.
- Ajudar as Comunidades cristãs, muitas vezes distantes dos pobres, a entrarem em contato com estas pessoas marcadas pelo sofrimento ou pela miséria e se deixarem converter pela palavra que o Cristo lhes dirige.

Neste sentido, as Filhas da Caridade podem:

- dar sua contribuição na formação de uma Igreja mais evangélica, habitada e transformada pela presença e pela palavra dos pobres em seu meio.

- Tornar-se humildes traços de união entre esses pobres, trabalhados pela grande esperança da Boa Nova do Cristo e nossas Igrejas diocesanas ou paroquiais feridas pela ausência dos pobres e à espera de um verdadeiro encontro com eles e, através deles com o Cristo.

4- AS RESPONSABILIDADES QUE CABEM A VOCÊS NO SEIO DE SUAS COMUNIDADES RELIGIOSAS E NA IGREJA.

Como “Visitadoras” penso que vocês nem sempre têm a possibilidade de estar em contato direto com os mais pobres. Mas, as Irmãs das Comunidades das quais vocês são responsáveis partilham a condição dos pobres no concreto de sua vida cotidiana. Vocês são testemunhas da qualidade de escuta e da presença das Irmãs junto a todas essas pessoas frágeis que a vida lhes possibilita encontrar. Partilham de perto seus sofrimentos, suas lutas, às vezes, a sua proximidade com o Evangelho. Participam a vocês, ora os seus encantamentos, a exemplo de Jesus diante da Cananea ou do centurião romano, ora, o seu cansaço ou suas decepções, quando provam essas inevitáveis contradições, como o próprio Cristo. Imagino que a presença de vocês ao lado delas é extremamente importante.

Vocês estão lá para discernir os carismas que o Espírito Santo coloca no coração de cada Irmã que encontra sua alegria no serviço dos pobres, que ela assegura nestes lugares de precariedade. A escuta atenciosa de sua experiência pode ajudá-las a reler a palavra que o Cristo lhes dirige através desta proximidade com os mais pobres. Vocês estão lá também para apoiá-las, acompanhá-las quando a experiência é muito pesada por causa da extrema miséria ou da perda de esperanças. Vocês são de alguma maneira depositárias destes “Atos dos apóstolos” que se vive, ainda hoje, na companhia daqueles que o mundo despreza, e, sobretudo, têm o interesse de partilhar na comunidade todas essas pérolas do Evangelho recebidas dos mais pobres e que conduzem nossa Igreja no amor sempre ativo do Ressuscitado.

CONCLUSÃO

Hoje, esta reflexão assume um caráter de urgência, por duas razões:

- Nossas sociedades globalizadas estão sacudidas pela crise econômica e financeira sem precedente, e de uma maneira ou de outra, todos os países do planeta são atingidos. Esta crise tem consequências dramáticas sobre a vida das famílias que não sabem o que lhes reserva o dia seguinte. As migrações do desespero se intensificam. Os jovens de países pobres alimentam, muitas vezes, o desejo de trabalhar nos países industrializados. Os países ocidentais fecham suas fronteiras e têm a tendência de fechar-se sobre identidades temerosas. Em toda parte o desafio da solidariedade assume uma atualidade surpreendente.

Neste contexto, muitas comunidades cristãs conhecem uma nova precariedade, seja pelo fato da miséria que assola seu país, seja por causa da violência, ou, no Ocidente, pelo fato da diminuição rápida do número de padres e de meios pastorais. Se as comunidades da Igreja soubessem operar um discernimento sobre a implicação espiritual que comporta esta nova situação, no quadro desta globalização, não regulada, elas poderiam descobrir uma nova dinâmica evangélica no encontro dos pobres, no diálogo com eles, estando comprometidas ao seu lado, para que seus direitos elementares sejam reconhecidos. Neste engajamento e no aprofundamento do mistério eucarístico que as faz viver, as Comunidades podem deixar-se novamente conduzir pela Paixão do Cristo que se fez pobre entre os pobres, até o dom total de sua vida na Cruz, para abrir aos povos a comunhão, na luz de sua ressurreição.

Jean-François BERJONNEAU
Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas

Anunciar Jesus Cristo, hoje

16 de maio de 2012

I – UM NOVO CENÁRIO CULTURAL

Vivemos um momento de mudanças e transformações importantes em todos os âmbitos da existência humana: “uma acelerada transformação” da sociedade tem gerado um novo cenário cultural caracterizado pela perda de consistência da alma¹, uma crise da verdade, uma perversão da liberdade, desvinculada do ser e da verdade humana, uma obscuridade da consciência moral, em suma, uma crise espiritual do ser humano. Como afirma o Papa Bento XVI: “*o humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano...sem Deus, o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem ele é*”².

A Igreja, consciente do alcance desta situação se propôs como **prioridade pastoral** a Nova Evangelização. Ela compreende a urgência de “refazer o tecido cristão da sociedade humana” (João Paulo II). A proposta da Nova Evangelização não é uma questão de métodos, nem de estratégias humanas, é uma resposta à situação atual. Esta resposta é a pessoa de Cristo que oferece a todos a Salvação: “*pois ele é uma força vinda de Deus para a salvação de todos o que creem*” (Rom. 1,16).

Há muitos anos que o conceito da Nova Evangelização ressoa na vida da Igreja. Não é uma ideia totalmente nova, nem um tema de reflexão suplementar.

De acordo com a Carta “Lineamenta para o Sínodo dos Bispos” a nova evangelização é uma ação global, que com a encíclica “Verbum Domini” e a criação do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização, quer enfrentar os desafios da sociedade atual.

A urgência de uma nova evangelização expressa a necessidade de renovar o espírito missionário da Igreja, a necessidade de viver na Igreja um novo Pentecostes: “Devemos reviver em nós o sentimento ardente de Paulo que o levava a exclamar: ‘Ai de mim se não evangelizar!’ (1Cor 9,16)”³.

Estamos todos implicados na proposta da Nova Evangelização, de duas maneiras: como sujeitos chamados a anunciar e como receptores do anúncio do Evangelho. O anúncio do Evangelho é importante primeiramente para nós mesmos e para aqueles que o recebem. Ele é tão importante que está em jogo a nossa própria salvação. O “Lineamenta”, em referência ao Evangelii Nuntiandi n.74 pergunta: “poder-nos-emos salvar se, por negligência, por medo ou por vergonha...ou por se seguirem ideias falsas, nos omitirmos de o anunciar?”⁴. O anúncio do Evangelho é uma prioridade pastoral, mas sobretudo, é a razão de ser da Igreja e da vocação de todo batizado.

O niilismo que permeia a cultura atual torna mais urgente e necessária uma proposta de esperança. O anúncio de Jesus Cristo hoje, exige reformular a questão sobre a própria identidade. O que é especificamente cristão? Como vivemos a nossa identidade cristã? Como está a qualidade de nossa fé? A Igreja reconhece a falta de fecundidade no modo como vivemos a nossa fé, a secularização interna do próprio cristianismo e a ineficácia de certas maneiras de anunciar o Evangelho. A situação de algumas comunidades cristãs reflete a falta de esperança dos discípulos a caminho de Emaús. Algumas maneiras de viver a fé e de evangelizar são pouco convincentes e não comunicam vida: as respostas habituais, os caminhos padronizados estão ultrapassados e são incapazes de responder à situação atual.

Para poder definir a identidade cristã, precisamos realizar um processo de discernimento que nos ajude a interpretar as mudanças, a redescobrir a urgência de propor a fé (GS 4). Trata-se de uma confrontação recíproca entre a Igreja e a sociedade: a Igreja escuta e observa com atenção a sociedade e a sociedade é confrontada com a Igreja.

A situação atual é descrita no documento através de seis cenários que expressam as transformações sociais e as respostas possíveis na perspectiva da nova evangelização.

1 - A cultura da secularização que degenera em secularismo, que vive sem Deus e direciona a dimensão religiosa no âmbito privado.

2 - A Imigração: a mundialização faz de nossas sociedades, sociedades líquidas⁵.

3 - O meios de comunicação social que exaltam as emoções, a cultura do efêmero, uma espécie de egocentrismo virtual.

4 - A crise econômica que revela o fracasso de todo projeto de desenvolvimento que esquece de Deus, e a fragilidade da condição humana: “a exigência de autonomia para a economia, que não deve aceitar *“influências” de carácter moral, impeliu o homem a abusar dos instrumentos econômico até mesmo de forma destrutiva*”⁶.

5 - A investigação científica. Sem ética, os progressos científicos podem se tornar idólatras, as “religiões da prosperidade e da gratificação imediata” impedem o verdadeiro desenvolvimento humano.

6 - A política. Novas situações precisam ser esclarecidas a partir do Evangelho: “*o compromisso pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, a melhoria das formas de governo mundial e nacional, a construção de formas possíveis de escuta, convivência, diálogo e cooperação entre diferentes culturas e religiões, a defesa dos direitos humanos... a promoção dos mais fracos, a salvaguarda da criação e o compromisso com o futuro do nosso planeta*”⁷.

Os cenários nos quais somos chamados a anunciar a Jesus Cristo mudaram muito, mas a missão da Igreja permanece. Diante da secularização que pretende eliminar a questão de Deus somos convidados a buscar novas expressões de ser Igreja, de vivermos como pessoas de fé. A nova Evangelização nos impulsiona a descobrir o rosto de Deus no Cristo, a apreender com Ele em que consiste a verdadeira humanidade. Ela tem como tarefa sensibilizar a sociedade sobre a situação dos pobres, trabalhar em ações concretas de justiça e de caridade em favor do bem comum, ela implica os cinco continentes.

Faz-se urgente :

- Dar respostas evangélicas a estas novas situações.
- dialogar com a cultura contemporânea, tendo um sentido crítico em relação aos rumos e às orientações da sociedade.
- revisar humildemente nossa maneira de viver a fé.

II – O SENTIDO DA MISSÃO

A nova evangelização é a resposta teológica da Igreja aos desafios atuais. A Igreja anuncia um reflexo do mistério trinitário: toda missão procede do amor do Pai que irradia sua bondade, enviando-nos seu Filho que anuncia e comunica a salvação, missão continuada pelo Espírito⁸.

A finalidade da missão é tornar conhecido o “Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo” (Evangelii Nuntiandi n.26), para que possa participar da mesma vida de Deus⁹. Jesus Cristo é o maior evangelizador” (cf. Evangelii Nuntiandi, 7), infunde em nós seu Espírito para que anunciemos seu Reino. Sem o Espírito não há evangelização. As técnicas e estratégias não substituem a ação do Espírito Santo naquele que o proclama e naquele que o escuta¹⁰. A nova evangelização não consiste numa série de ações externas, mas em deixar o Espírito que nos interpela, agir em nossa identidade cristã, em nossa maneira de viver a comunhão eclesial, em nossa dificuldade de formar uma verdadeira fraternidade¹¹.

Todos somos chamados a ser evangelizadores em comunhão com a Igreja. Para evangelizar, não se trata de falar, mas de viver em comunhão fraterna para construir a civilização do amor.

3 - A NOVA CONSCIÊNCIA MISSIONÁRIA: DE PAULO VI A BENTO XVI

A missão da Igreja iniciada em Pentecostes evoluiu em sua expressão ao longo da história, mas o mandamento de Cristo continua sempre atual: conduzir a humanidade para o Reino de Deus.

Percorrendo rapidamente os documentos do Magistério, desde Paulo VI a Bento XVI podemos melhor situar a proposta da Nova Evangelização e melhor compreendê-la como uma renovação do espírito missionário, encorajado pelo Concílio Vaticano II. Em todos os documentos do Concílio, a missão é o fio condutor e nos recorda que a Igreja existe para evangelizar, para continuar a missão de Cristo no mundo: a Igreja anuncia a Palavra (Dei Verbum), celebra o mistério Pascal (Sacrosantum Concilium), mostra-se solidária com a humanidade, (Gaudium et Spes) para comunicar a todos a salvação. A constituição Lumen Gentium desenvolve a natureza missionária da Igreja; o Decreto Ad-Gentes aprofunda a missão dirigida a todos os povos. Estes documentos são sempre a referência fundamental para a reflexão teológica e pastoral.

No Sínodo de 1974 surge um novo paradigma da missão: a evangelização que envolve toda a Igreja. Evangelii nuntiandi (1975) apresenta a importância da evangelização no mundo contemporâneo. “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN 14). A missão da Igreja é prolongar a missão de Cristo (cf. EN1). Tem como ponto central o mistério de Cristo, que responde ao mistério do homem (G.S. 22)¹², que oferece a salvação a todos os homens, no coração dos quais opera invisivelmente a graça (RM 10).

JOÃO PAULO II

Após o “*Evangelii Nuntiandi*”, a necessidade de propor o Evangelho ao homem de hoje, foi um dos mais importantes temas de João Paulo II. Onde está a novidade? A Evangelização é Nova porque é o espírito que impulsiona os evangelizadores, é nova em sua apresentação mais adequada aos tempos atuais; é nova nos países que já receberam o anúncio do Evangelho. Ela é a chave para resolver o problema da secularização, a falta de vocações.... É a recuperação **do entusiasmo para evangelizar**: “*o amor de Cristo nos impele*” (2Cor 5,14).

João Paulo II fala da necessidade de uma pastoral evangelizadora no Conselho Pontifício para a cultura (1986), na Exortação apostólica “*Christifideles laici*”, (1989), e na “*Ecclesia in Europa*”, enfim, na encíclica “*Redemptoris Missio*”, (1990), descreve as novas situações da missão, os agentes e responsáveis, a cooperação concreta e a espiritualidade missionária.

A expressão “Nova Evangelização” muito utilizada por **João Paulo II** apareceu pela primeira vez em uma visita à Porto Príncipe (Haiti) em 1983, por ocasião do V Centenário da primeira

evangelização da América. O Papa utiliza o verbo “reevangelizar” não para ser interpretado como uma crítica à primeira evangelização. Ele reafirma a importância de ir ao encontro do homem atual com um novo ardor missionário. Não se trata de restaurar modelos anteriores, mas de abrir novos espaços à fé, de buscar uma maneira mais adequada de anunciar o Evangelho: com novos métodos e procedimentos.

A nova evangelização não é um problema exclusivamente ocidental. A secularização abrange todos os continentes, mesmo se são afetados de maneiras diferentes. A Nova Evangelização não está determinada por critérios geográficos, mas pelas realidades culturais indiferentes à questão de Deus.

A encíclica Novo Milênio Ineunte (2001) é um apelo para uma elã missionário. A Igreja deve contemplar o Cristo, entrar na dinâmica do mandamento novo e fazer de toda ação pastoral expressão do amor de Cristo: “Se verdadeiramente contemplamos o rosto de Cristo, amados irmãos e irmãs, a nossa programação pastoral não poderá deixar de inspirar-se ao “mandamento novo” que Ele nos deu: “Assim como Eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34)” (NMI 42).

A nova evangelização exige recomeçar a partir do Cristo “que temos de conhecer, amar, imitar, para nEle viver a vida trinitária e com Ele transformar a história até à sua plenitude na Jerusalém celeste. É um programa que não muda com a variação dos tempos e das culturas, embora se tenha em conta o tempo e a cultura para um diálogo verdadeiro e uma comunicação eficaz” (NMI 29).

BENTO XVI

O Papa Bento XVI em 2007, num discurso pronunciado por ocasião da V Conferência do CELAM em Aparecida/Brasil, retoma o apelo de João Paulo II: a Nova Evangelização conduz a proclamar na íntegra a mensagem de salvação, a defender a dignidade de todo ser humano, a aprofundar os valores de nossa fé, a ter um estilo de vida coerente com a fé cristã; a ajudar aqueles que se encontram em situação de pobreza.

Por ocasião da celebração do Ano Paulino, Bento XVI propôs como prioridade pastoral mostrar o verdadeiro rosto de Cristo, nos “novos areópagos” da atualidade. A atividade missionária da Igreja deve orientar-se para os centros mais sensíveis da sociedade do terceiro milênio.

Bento XVI está convencido da contribuição imprescindível da fé cristã no novo contexto cultural, porque a dimensão da fé é um elemento construtor da sociedade. Revitalizar as raízes cristãs ajudará a “restaurar a alma”, o sentido da dignidade do homem e seu desenvolvimento integral¹³.

Ao longo do seu pontificado, ele desenvolve convicções da fé cristã: o amor e a misericórdia de Deus, a obra redentora de Jesus Cristo, a esperança de vida eterna, a primazia da caridade, a necessidade de santificar a vida da humanidade. Seu próprio mistério é em si uma verdadeira ação evangelizadora.

A proposta de celebrar o **Ano da fé** por ocasião do aniversário de 50 anos do Concílio Vaticano II se compreende neste mesmo sentido: situar a fé no centro da ação pastoral.

Em 2010, Bento XVI criou o Conselho Pontifício para promover a evangelização a partir da convicção de que “o Concílio Vaticano II e os Papas nos ofereceram uma palavra clara para uma pastoral presente e futura”: “nova evangelização” (L 24). Ela inaugura “uma nova etapa histórica do seu dinamismo missionário” (L.5) para conduzir os homens para Cristo, “o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Necessitamos nos alimentar da Palavra e nos deixarmos evangelizar¹⁴. Para falar de Deus é indispensável, antes, escutar a Deus. Como ouvinte da Palavra, a Igreja anuncia ao mundo um discurso de esperança, de alegria e de paz (cf. de VD127)¹⁵.

Outros documentos do Episcopado Latino-americano (Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007) fixam estes objetivos missionários: encarnar o Evangelho nas diversas realidades, redefinir a identidade do cristão como discípulo e missionário, renovar as instituições eclesiais. “*Que ninguém fique de braços cruzados. Ser missionário é ser anunciador de Jesus Cristo com criatividade e audácia em todos os lugares onde o Evangelho não foi suficientemente anunciado ou acolhido, especialmente nos ambientes difíceis e esquecidos e além de nossas fronteiras*”(D. de Aparecida n.4 pág. 271).

Um dos desafios da evangelização atual, é “formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo...Este é o melhor serviço...que a Igreja deve oferecer às pessoas e nações” (D. de Aparecida n°14, pág. 15).

IV – UM NOVO PARADIGMA MISSIONÁRIO

A partir do Concílio Vaticano II, apareceu um novo modo de compreender a missão da Igreja: passamos de uma visão “eclesiocêntrica” da missão a uma compreensão missionária da Igreja. A Nova Evangelização compreende ao mesmo tempo “missão” e “missões”. Os documentos do Magistério mostram uma continuidade na consciência missionária da Igreja, como lembra Bento XVI na carta apostólica *Porta Fidei*. O objetivo deste Ano da Fé que começará no dia 11 de outubro de 2012, data do aniversário de abertura do Concílio Vaticano II e vai terminar em 24 de Novembro de 2013.

“*a Igreja pretende introduzir no mundo de hoje e na atual discussão a sua temática mais original e específica: a proclamação do Reino de Deus, iniciado em Jesus Cristo*” (Lin, n° 10).

De *Gaudium et Spes* à *Evangelii Nuntiandi* e *Redemptoris Missio* diferentes temas foram abordados: a Igreja no mundo, a opção preferencial pelos pobres e a evangelização da cultura da liberdade, o diálogo entre a fé e a pós-modernidade. Nas instruções de 1984 e 1986 se reconhece que a opção preferencial pelos pobres não é nem sectarismo, nem particularismo, mas a manifestação da universalidade do ser e da missão da Igreja.

Para João Paulo II, o conflito com a cultura moderna e secularizada (cultura de liberdade) é um problema moral, uma concepção antropológica diferente do ser humano que conduz à moral cristã *Veritatis Splendor* (1993).

A partir do Concílio Vaticano II, os documentos do Magistério expressam a preocupação da Igreja pela evangelização dos pobres e pela cultura da liberdade, seu desejo de acompanhar a humanidade nesta período de mudanças rápidas, profundas e universais. O Cristo é o verdadeiro sinal dos tempos, a chave fundamental para conduzir o homem para Deus, a chave para renovar a vocação de discípulos e missionários: “*crer em Jesus Cristo é o caminho para se poder chegar definitivamente a salvação*”¹⁶.

V – EVANGELIZAR, ANUNCIAR JESUS CRISTO

Não se trata simplesmente do anúncio de uma Boa Nova. A palavra “Evangelho” aparece já no Antigo Testamento, no livro da Consolação de Israel do Profeta Isaías (40-66); “Evangelho” é a consolação de Israel, compreendida não como consolação afetiva, nem fictícia, mas como a ação divina que transforma a situação daquele que está em dificuldade, a consolação é a salvação.

“*Como são belos sobre as montanhas os pés do mensageiro que anuncia a felicidade, que traz as boas novas e anuncia a libertação, que diz a Sião: Teu Deus reina!*” (Is 52,7). Para o profeta Isaías quem evangelizar é o Messias, enviado para consolar: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, ele me enviou para anunciar a boa nova aos pobres*” (Lc 4,18). Israel recebe o anúncio da visita de Deus, o fim do tempo das lágrimas e da dor.

O Evangelho segundo São Marcos começa por “*proclamar o evangelho de Deus*” (1,14). Ele não se refere a um livro, mas ao anúncio: Deus reina. Proclamar o evangelho é crer que Deus reina agora, no momento presente. Evangelizar é anunciar a salvação, anunciar o reino de Deus, o reino de justiça e de paz, onde os poderosos serão derrubados de seus tronos (Mc 13,10). O Messias é o único que pode nos trazer o Reino de Deus (Mc 1,14). Este anúncio supõe que o Evangelho seja proclamado a todas as nações. O deixar-se evangelizar, é deixar Deus reinar, deixar que seu Reino, venha (Mc 16, 15).

Evangelizar é transformar os valores de uma cultura, segundo o projeto de Deus libertar a humanidade de tudo o que a oprime e lhe comunicar a salvação. João Paulo II, na encíclica “*Redemptor Hominis*”, afirma que evangelizar é acreditar que Deus nos humaniza e lhe permitir que Ele reine em nós; é ajudar o homem a ser homem e a encontrar o que é verdadeiramente humano. Quando falamos de evangelização, pensamos imediatamente nas ações concretas que temos que fazer e esquecemos de um requisito prévio: deixar Deus reinar em nossas vidas, deixarmo-nos “*evangelizar*”.

O Reino de Deus não é espetacular, mas seu poder se encontra naquele que é pequeno. Jesus fala do Reino como uma semente capaz de dar muitos frutos (Mt 13,19). A Palavra de Jesus frutifica nossas capacidades. Todas as imagens que Jesus utiliza para falar do Reino (fermento, semente, sal e luz) são de certa maneira, imagens de “morte”: a semente tem que morrer, o fermento tem que se dissolver, o sal se diluir, ou seja, a evangelização só é possível se houver uma entrega generosa, se morrermos para nós mesmos, mesmo se a fecundidade do Reino não dependa de nós, mas de Deus.

A meta de toda evangelização é ajudar o homem de hoje a descobrir o mistério de Deus na própria vida e criar as condições nas quais a fé possa ser vivida, rezada e celebrada (cf.L 11). Em Jesus Cristo, em sua pessoa e através de sua vida, em suas palavras e ações é que se realiza a revelação de Deus (Dei Verbum, n.4).

Jesus Cristo não pode ser anunciado sem uma renovação: “*o esforço de renovação que a Igreja é chamada a fazer para estar à altura dos desafios*” (Lin. 9). Esta renovação realiza-se quando contemplamos o rosto do Cristo, quando o apresentamos aos outros (NMI 16), quando nossa vida cristã é o reflexo do amor apaixonado por Cristo (VC 109; ChrL64), quando reconhecemos a primazia de Cristo como “Salvador e Evangelizador” (T.M 39).

Este processo de renovação é necessário por causa da distância entre a nossa experiência de fé e nossa vida. A verdadeira crise da Igreja é uma crise de fé. Os documentos “Lineamenta” falam também do cansaço (Lin 6 e 15), de uma secularização generalizada, da indiferença que invade a vida quotidiana e vai desgastando o entusiasmo para transmitir a fé. Este cansaço não é necessariamente uma crise de identidade, mas a sensação de impotência diante de um mundo que se afasta de Deus.

Não devemos entender a renovação como uma simples atualização, mas como um processo de conversão pessoal¹⁷. “O convite à conversão não se refere tanto a um esforço moral, mas a uma capacidade de abertura para a graça”. Deus nos chama a viver nossa fé com intensidade, sem nos perdermos em cômodas rotinas.

A Igreja participa deste processo de conversão pastoral na missão. É necessário um novo modo de ser Igreja, um novo rosto configurado pela ação do Filho e do Espírito, para poder ser um instrumento a serviço da evangelização (LG 4; RM 92). A Igreja não anuncia ideias, mas é chamada a ser uma presença no mundo, compartilhar, a entrar em diálogo, a testemunhar uma vida nova que mostre a novidade da vida trazida pelo Cristo; que proporcione a unidade e a fraternidade.

O anúncio do Evangelho é uma experiência de comunhão¹⁸. A Igreja é chamada a criar comunidades eclesiais maduras que reconheçam que o Amor as precede, as salva, entregando-se totalmente à humanidade¹⁹. A Igreja tem por missão oferecer-se aos outros para introduzi-los na dinâmica da filiação e da fraternidade²⁰.

Esta experiência de superabundância do amor conduzirá à recomposição da trama social, cultural, intelectual, moral e institucional. É a humanidade de Cristo, o segundo Adão, que nos revela em que consiste o verdadeiro humanismo. Não existe outra maneira de evangelizar senão a de transmitir sua própria experiência de fé.

VI - A MISSÃO DO CRISTÃO

Cristo é a Luz, mas tem necessidade de discípulo, de “amigos” para que esta luz continue brilhando. A Encarnação é um apelo para que outros homens colaborem em sua missão. A missão do cristão consiste em primeiro lugar em escutar os clamores dos homens e mulheres de nosso tempo, em acolher e partilhar seu sofrimento. O Espírito que reza em nós com gemidos inefáveis nos envia ao mundo para escutar os gemidos da criação que espera sua libertação final.

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS 1). Cinquenta anos depois, a afirmação continua válida e necessária. A relação da Igreja com o mundo não é fundada em otimismo históricos, mas na solidariedade do Cristo com o gênero humano.

Do mesmo modo que Jesus foi de Nazaré a Cafarnaum, não podemos permanecer em “Nazaré” preocupados com “assuntos internos”, temos que descer até Cafarnaum para entrar em relação com a sociedade atual²¹. A Encarnação do Cristo exige inculturação da fé em todos os âmbitos. O Evangelho necessita de mediações culturais para se expressar, mesmo se a fé em Cristo não resulte de nenhuma cultura, nem se identifique com uma cultura determinada²².

A mensagem cristã exige abertura à universalidade. O amor de Deus se destina a todo o gênero humano: *“para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu juntar em unidade todos os seus filhos que estavam dispersos”* (LG 13). O Deus de Israel não é o Deus de um lugar, mas um Deus de pessoas, um Deus universal que *“nos transforma em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus*

seja “*tudo em todos*”²³. O amor que vem de Deus nos une a Ele e faz de nós uma humanidade reconciliada.

A razão deste diálogo é de ordem teológica. “*A Igreja deve entrar em diálogo de salvação com todos*” porque Deus continua oferecendo a salvação a humanidade inteira

A missão consiste em estabelecer relações com o mundo, com os creem e com os que não creem, com cristãos de outras confissões religiosas. “*O diálogo... não está em contraposição com a missão ad gentes; pelo contrário, tem laços especiais com ela, e constitui uma sua expressão*”(RM nº55). O Evangelho não é uma imposição, mas uma proposta de encontro pessoal com o Cristo.

A missão consiste também em manifestar o que somos pelo batismo: na medida que nos aproximamos de Cristo, o fogo da caridade nos invade e o espírito missionário aumenta. Mas, no contexto da Nova Evangelização, manifestaremos de uma maneira nova, com atitudes e métodos novos; as novas expressões são uma nova presença do cristianismo na sociedade, um rosto novo para o cristianismo²⁴.

As novas expressões não se referem à estratégias pastorais, mas às novas maneiras de propor o Evangelho, com apresentações mais significativas que facilitem a abertura do homem às realidades não mensuráveis, de expressões que suscitem a questão de Deus com sólidos e razoáveis argumentos (Lin 16). “*Ao homem de hoje, não é suficiente falar de Deus ou de Cristo, é preciso falar primeiro dele mesmo. Deve-se, portanto, colocar-se a escuta*”²⁵. É preciso empregar uma pastoral da escuta.

Este novo estilo é um estilo global que compreende pensamento e ação, o que é pessoal e o comunitário, o privado e o público, a educação e a caridade. A delicadeza e o respeito fazem parte deste estilo. Evangelizar é um ato de amor, de compaixão e de misericórdia para com o irmão. A escuta atenta, a humildade na proposta, o amor para apresentar a verdade, a confiança no Senhor fazem parte deste processo do anúncio. Não podemos propor o evangelho, sem considerar a situação religiosa do interlocutor, sua realidade e suas circunstâncias. “*Perante os cenários da nova evangelização, as testemunhas para serem credíveis devem saber falar a linguagem do seu tempo anunciando, assim, a partir de dentro, as razões da esperança que as anima (cf. 1 Pd. 3, 15). Semelhante tarefa não pode ser imaginada de forma espontânea, exige atenção, educação e cuidado*” (Lin 22)²⁶.

Manifestar o que somos com um novo estilo e nos novos espaços de encontro, no “*pátio dos gentios*” (Lin 5), com aqueles que encontramos nas encruzilhadas do caminho, aos que ainda estão em busca, nestes espaços culturais onde o homem poderia descobrir sua vocação original (Lin. 21).

Enfim, a missão consiste em conduzir a criação à libertação definitiva. Cuidar de tudo o que foi criado, para que todos os povos e toda a criação sejam uma oferenda agradável a Deus (Rm 15,16). A missão da Igreja é mostrar ao mundo um sentido, uma razão de ser..²⁷.

PEQUENO REBANHO OU GRANDE POVO?

A Igreja Sagrada Família, obra do arquiteto Antônio Gaudí, na cidade de Barcelona, foi escolhida como ícone da Nova Evangelização. Esta Igreja é um espaço sagrado com grandes setas que apontam para o céu, uma espécie de bosque de imensas colunas que nos convidam a olhar para o alto para captar o mistério. A Igreja e a cidade entram em diálogo, numa busca permanente.

“Pequeno rebanho ou grande povo?” J. Daniélou²⁸ colocou esta questão em seu livro sobre a “Igreja e secularização”. Na Nova Evangelização, não é uma questão de um cristianismo de elites, muito menos de um cristianismo de massas, também não se trata de renunciar ao que Bento XVI chama de “Igreja popular”, mas, se trata de produzir a partir da radicalidade do Evangelho, frutos significativos na sociedade.

Eis o desafio que o Papa Bento XVI nos lança, quando fala das comunidades cristãs, como “minorias criativas”, afirmando que o destino da sociedade depende sempre de minorias criativas. Somos chamados a ser uma minoria criativa significativa, de visão ampla, sem voluntarismo tingido de orgulho, sem viver fechados em nossa realidade, sem pretender transformar toda a realidade apenas com nossos esforços.

Para que o cristianismo seja significativo é preciso encontrar o essencial da fé: a fé no Deus Trinitário. Somos privilegiados em poder participar da graça de anunciar a Cristo, testemunhado através de nossa vida cristã que deve ser uma “*resposta dada a Deus*” e um “*serviço aos irmãos*” (R.M., nº 11).

Padre Fernando del Castillo,cm

Notas

¹ Caritas in Veritate, 76

² Caritas in Veritate, 78

³ A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã, Lineamenta n. 24

⁴ Idem, Lineamenta 2

⁵ cf. Z Bauman, “El arte de la vida” Paidós, Barcelona 2008

⁶ Caritas in Veritate, 34

⁷ Lineamenta 6

⁸ Ad Gentes, 2-4.

⁹ Redemptoris Missio, 47.

¹⁰ Rédemptoris Missio, 45 e 21.

¹¹ cf. Lineamenta, 2.

¹² RH 8; RM 6,10,28

¹³ Entrevista a Bento XVI sobre a viagem a Alemanha 2006.

¹⁴ Verbum Domini (2010), n.96

¹⁵ “Alimentar-nos da Palavra para sermos “*servos da Palavra*” no trabalho da evangelização: tal é, sem dúvida, uma prioridade da Igreja ao início do novo milênio” (NMI 40)

¹⁶ Bento XVI “Porta Fidei” N°3

¹⁷ Ad-Gentes 35. Renovação interior

¹⁸ “Esta nova evangelização, dirigida, não apenas aos indivíduos mas a inteiras faixas de população, nas suas diversas situações, ambientes e culturas, **tem por fim formar comunidades eclesiais maduras**, onde, a fé desabroche e realize todo o seu significado originário de adesão à pessoa de Cristo e ao Seu Evangelho, de encontro e de comunhão sacramental com Ele, de existência vivida na caridade e no serviço” (Christifideles Laici,n34).

¹⁹ “Não é a ciência que redime o homem. **O homem é redimido pelo amor**. Isto vale já no âmbito deste mundo. Quando alguém experimenta na sua vida um grande amor, conhece um momento de « redenção » que dá um sentido novo à sua vida. Mas, rapidamente se dará conta também de que o amor que lhe foi dado não resolve, por si só, o problema da sua vida. É um amor que permanece frágil. Pode ser destruído pela morte. **O ser humano necessita do amor incondicionado.**” (Spe Salvi 26).

²⁰ “A fraternidade cristã baseia-se profunda e definitivamente na fé que nos assegura que somos realmente filhos do Pai e irmãos uns dos outros”. J. Ratzinger, “La fraternidad cristiana” Sigueme, Salamanca 2005, 70.

²¹ “os cristãos são chamados a possuir uma fé que lhes permita confrontar-se criticamente com a cultura actual resistindo às suas seduções... construir uma cultura cristã que possa evangelizar a cultura mais ampla em que vivemos” Eclésia in Europa 50

²² “O cristianismo “permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar” NMI 40.

²³ Bento XVI. “Deus Caritas est” nº 18

²⁴ “O zelo pela instauração do Reino de Deus e pela salvação dos irmãos vem assim a constituir a melhor prova de uma doação autenticamente vivida pelas pessoas consagradas. Eis porque cada uma de suas tentativas de renovação traduz-se num novo impulso para a missão evangelizadora” Partir de Cristo 9 ; cf. NMI 2

²⁵ B. Seboüé, CROIRE, invitation à la foi catholique pour les femmes et les hommes du XXI^o siècle. Droguet et Ardant Paris, 1999.

²⁶ “A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais e símbolos; depois, não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria a sua vida real” (EN63).

²⁷ “Há apenas um só Senhor, Jesus Cristo, através do qual tudo existe e pelo qual nos existimos”. Estas palavras revelam uma verdadeira força libertadora, o grande exorcismo que purifica o mundo. Qualquer que seja a quantidade de deuses que possam habitar no mundo, existe apenas um só Deus e um só Senhor. Se pertencemos a Ele, os outros não tem nenhum poder, e perdem o seu esplendor divino. Então, o mundo é apresentado em sua racionalidade: proceda da Razão eterna, e somente esta Razão criadora constitui o verdadeiro poder sobre o mundo e no mundo. Somente a fé no Deus único liberta e racionaliza realmente o mundo. Quando a fé desaparece, a razão do mundo é apenas uma aparência..... “**Exorcizar**”, iluminar o mundo com a luz da ratio que procede da eterna Razão criadora e de sua bondade que cura tudo direcionado para ela, **tal é a tarefa central dos mensageiros de Jesus Cristo** ” (Jesus de Nazaré” Tome I p. 198 Capítulo “os discípulos”).

²⁸ J. Daniélou, “Iglesia y secularización”. BAC, Madrid, 1973, pág. 23

PADRE FERNANDO DEL CASTILLO, CM

A maneira de evangelizar das Filhas da Caridade

16 de maio de 2012

I. A CARIDADE, O CORAÇÃO DO EVANGELHO

A proposta da Nova Evangelização como prioridade pastoral da Igreja suscita em nós um chamado que nos interpela: como uma Filha da Caridade pode evangelizar? Como as Filhas da Caridade podem colaborar nesta proposta da Nova Evangelização a partir de sua identidade? Como viver uma caridade enraizada no Evangelho para que seja evangelizadora? Como evangelizar nos novos cenários de pobreza? Tentarei abordar essas questões a partir de uma **perspectiva pastoral** com o objetivo de aprofundar uma nova “lógica” da caridade, um dinamismo missionário da caridade ou, como dizia João Paulo II “uma nova fantasia da caridade”.

A Nova Evangelização implica, em certo sentido, **uma mudança de mentalidade** da nossa compreensão da caridade e da nossa maneira de vivê-la. O mandato de Jesus aos seus discípulos “Ide e evangelizai todas as nações” continua sendo atual, mas é necessário revisar algumas maneiras de compreender e de exercer a caridade¹; a caridade não pode limitar-se a um benefício assistencial, nem contentar-se com ações pontuais

Para redescobrir a dimensão missionária da caridade, coração do Evangelho, é necessário refletir sobre as ações que realizamos; reagir diante de certos hábitos caritativos, superar o individualismo pastoral, corrigir um certo perfeccionismo pastoral; abrir-se às novas realidades, sair das fronteiras

já conhecidas. *Não há evangelização sem caridade*, sem a descoberta do mistério de Cristo nos pobres².

O que constitui o essencial da caridade cristã? O que a fé e a caridade cristã acrescentam à atividade caritativa “secular”?³ O essencial da caridade não consiste em realizar uma série de atividades senão em acolher “**um dom que se consuma no dar-se**”⁴.

Entretanto, não é suficiente saber-se amado e amar, é necessário descobrir a verdade: “*a verdade é a luz que dá sentido e valor à caridade*”; “*sem a verdade, a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente...acaba prisioneiro das emoções*”.⁵ Sem a caridade na verdade, a experiência cristã da caridade corre o risco de ser reduzida a um “cristianismo” ético. A verdade nos ajuda a acolher a realidade, a identificar as necessidades do outro, a buscar o desenvolvimento integral do homem. A verdade exige da caridade uma reflexão sobre o que fazemos, sobre as prioridades e critérios de nosso modo de agir.

A evangelização não consiste na comunicação de uma mensagem, de ideias, de valores, mas sim **em fazer ressoar um anúncio**: “*O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem. A palavra e a vida de cada cristão podem e devem fazer ecoar este anúncio: Deus te ama, Cristo veio por ti, para ti Cristo é “Caminho, Verdade, Vida” (Jo 14, 6)! (Christifideles laici, 34).*

A caridade anuncia a verdade do amor de Cristo na sociedade e, à medida que participamos da lógica do dom, a caridade nos faz olhar para Deus até confessar nossa fé nele. Desta maneira a caridade se converte num **caminho para encontrar Deus** no homem⁶. Para algumas pessoas, não é fácil encontrar Deus através dos esquemas clássicos, que pedem uma iniciação, uma formação. A caridade é um meio excepcional que permite a presença de Jesus em todos os espaços e possibilita manifestar Deus e experimentar sua presença, mesmo sem conhecê-lo. A caridade é o meio privilegiado para aqueles que não O conhecem, para fazer a experiência de Deus. A caridade torna visível uma salvação digna do homem, e mostra como a salvação cristã é plena de humanidade. Os testemunhos de solidariedade e de serviço são **meios privilegiados de evangelização**. O amor é o caminho de acesso a Deus para muitas pessoas sem fé.

O espírito da Companhia é doar-se a Deus para o serviço dos pobres, na caridade, humildade e simplicidade no seio de uma comunidade. A caridade fala de Deus:

“Praza à vontade de Deus, minhas queridas filhas, dar-vos o seu espírito em abundância, que não é senão amor, mansidão, suavidade e caridade.” (Conferência de 19 de agosto de 1646, pág. 187)

Para São Vicente de Paulo, **evangelizar é amar**, continuar a missão de Cristo, evangelizador dos pobres implica reconhecer os dois aspectos inseparáveis do serviço dos pobres: **espiritual e corporal**. “Elas têm como principal preocupação fazê-los conhecer Deus, anunciar-lhes o Evangelho” (C. 10a). É necessário encarnar a caridade em gestos concretos, nos esforçarmos para tornar as estruturas mais justas e mais humanas, através de um compromisso concreto que abra caminho para poder descobrir o amor de Deus.

Na perspectiva vicentina a caridade evangeliza quando enraizados no Cristo, numa atitude de adoração, de serviço e de compaixão, confiamos na Providência. Na escola de Cristo aprendemos a confiar em Deus, a renunciar a nós mesmos para realizar seu projeto, assim participamos do que orienta sua vida: a obediência e a entrega.

Evangelizar é amar, é viver no amor e levar esta luz ao mundo. A Filha da Caridade evangeliza quando sua humildade lhe permite ultrapassar a pretensão de acreditar ser a salvadora do mundo, de não cair na tentação do desânimo e quando aceita os fracassos.

O *Documento Interassembleias* convida a olhar o mundo com a sensibilidade dos fundadores, a responder com criatividade aos novos apelos dos pobres, a aprofundar o sentido profético da caridade, a buscar o desenvolvimento integral da pessoa, a viver o serviço como uma missão confiada à comunidade.

Descobrir a caridade como o coração do evangelho implica tornar a caridade visível na vida cotidiana. O amor fala de Deus e o faz não com palavras, mas com as obras.

O amor permite acolher o outro: “*Vá e faça o mesmo*”. Estamos dispostos a tomar consciência dos males e injustiças que afetam os pobres? Atrevemo-nos a adiar nossas ocupações para dar espaço à compaixão, sentindo a dor do outro como nossa? Qual a nossa resposta diante dos novos cenários de pobreza?

Uma sociedade sem generosidade busca apenas o seu próprio bem-estar. Sem amor não há humanidade. O exercício da caridade é o melhor apoio da evangelização. **A beleza da caridade** é o melhor argumento a favor de nossa fé. A caridade com o próximo é o sinal de que o amor de Deus está presente no mundo.

II - O EVANGELHO DA CARIDADE: TESTEMUNHO E REALIZAÇÃO

O testemunho pessoal e comunitário da caridade faz parte da evangelização: é a primeira forma de evangelização (Redemptoris Missio 42s). O testemunho é um anúncio não verbal que dá credibilidade à palavra, é um sinal que interpela não a partir de conceitos, mas a partir da maneira de viver. São as obras que dão credibilidade às palavras e é o anúncio que esclarece e explica o sentido do testemunho⁷. Eis a missão do cristão na Nova Evangelização: tornar visível a caridade de Cristo, dando testemunho e criando “espaços de salvação”⁸.

O testemunho do evangelho da caridade é possível graças ao amor de Cristo que regenera o coração do homem tornando-o capaz de amar: “*Nisto é glorificado meu Pai, para que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos*” (Jo 15,8). O testemunho da caridade contém uma grande força evangelizadora: é o sinal do amor de Deus, abre a mente e o coração dos homens para anunciar a palavra de verdade. Com frequência, algumas pessoas se abrem à Verdade graças ao testemunho da caridade: “*o homem de hoje admira mais as testemunhas que os mestres*” (EN, 5).

A testemunha da caridade sabe reconhecer quando deve falar de Deus e quando deve deixar que somente o amor fale. De qualquer maneira, o testemunho não se limita a ser um exemplo, mas contém uma verdade mais profunda porque expressa a verdade de Deus e a vocação do homem. O testemunho não é um fim em si mesmo, mas nos remete ao reconhecimento de uma Presença, que é a do Cristo. “*Em Cristo, a caridade na verdade torna-se o Rosto da sua Pessoa, uma vocação a nós dirigida para amarmos os nossos irmãos na verdade do seu projeto. De fato, Ele mesmo é a Verdade*”(C. in V, 1).

O evangelho da caridade se faz visível através do testemunho e nas obras, gerando “espaços de salvação”; a caridade evangeliza através do “ato de dar” e “do que é dado”.

A salvação celebrada na liturgia, explicada na catequese, se encarna e se torna uma realidade na caridade. O que salva é a ação de Deus que age nas experiências de vida das pessoas: a bondade, a verdade e a beleza.

Diante das “estruturas de pecado” que impedem de viver a caridade na verdade, somos chamados a criar “estruturas de salvação”, espaços e lugares onde o pobre possa descobrir a ação de Deus e sentir-se amado por Ele. Estas “estruturas de salvação” são lugares onde se busca o bem comum, onde as pessoas recuperam sua dignidade, onde existe a justiça e se faz a experiência de Deus.

“O crescimento do mal ... é ultrapassado pelo imenso crescimento do bem. Contra este grande peso do mal, que existe no mundo e que abala o mundo, o Senhor põe outro peso maior, o do amor infinito que entra neste mundo”⁹.

A comunhão com Cristo faz de nós, homens novos. O Cristo nos capacita a viver segundo o coração de Deus e a conduzir toda humanidade para Ele. Trata-se de assumir o que somos e ser o que recebemos, corpo de Cristo, deixando o dinamismo do Cristo nos invadir.

Criar espaços de salvação consiste em ser refúgio, criar lugares de acolhida onde se experimente o amor nas obras mais que nas palavras. É necessário colocar em movimento o dinamismo criador que há em nós, nos abirmos à ação de Deus, assumir riscos sem ter medo de acolher o que se apresenta e nos deixarmos transformar, impedidos pela paixão e a compaixão.

III – CAMINHOS PARA ANUNCIAR O EVANGELHO DA CARIDADE

A Nova Evangelização abre novos caminhos, novos horizontes a fim de anunciar o Evangelho da Caridade; novos não tanto pela novidade, mas pela mudança de disposição e de proposta pastoral. É necessário abandonar a preocupação com a eficácia e os resultados; é preciso manifestar pelas obras o amor de um Deus que liberta, mostrar o caráter evangelizador da caridade, desenvolvendo uma nova pastoral da caridade. A Nova Evangelização necessita desenvolver uma pastoral da caridade.

Como o semeador da parábola, encontraremos no caminho diversos tipos de terra: uma “terra pedregosa” onde a caridade não criou raízes, vivida de um modo superficial; uma terra onde os “espinhos” sufocam a semente da caridade; uma “terra boa” onde a caridade cria raízes. É fundamental saber detectar os novos caminhos que facilitem o anúncio do Evangelho da Caridade, mas, antes, precisamos verificar se as raízes da caridade são bem profundas em nossa vida.

Como estamos acolhendo o Evangelho da Caridade? Podemos ser:

- uma “terra que esta à beira do caminho”: ouvimos sem realmente acolher o outro, pois não temos tempo...
- uma “terra pedregosa”: vivemos a caridade sem nos aprofundarmos, sem refletirmos sobre o que isto implica. Cheios de boa vontade somos audaciosos e ao mesmo tempo dominados pela emoção ou pela impaciência de ver os resultados.
- uma “terra cheia de espinhos”: queremos viver o Evangelho da Caridade, mas estamos dominados por problemas mais urgentes;
- uma “terra fértil”: se somos fiéis em viver a caridade aceitando nos deixar questionar pelos pobres.

Sugiro duas urgências pastorais nas quais somos chamados a anunciar o Evangelho da Caridade:

- a) promover a caridade como uma maneira de servir os pobres a partir de nosso carisma.
- b) propor o evangelho da caridade às famílias e aos jovens.

A atitude necessária para anunciar o Evangelho da Caridade é a acolhida vivida na humildade. *“Revesti-vos de humildade no relacionamento mútuo; porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes”* (1Pd 5,5).

O ACOLHIMENTO VIVIDO NA HUMILDADE

A atitude fundamental na Nova Evangelização é acolher o outro de maneira humilde. Para São Vicente a humildade tem uma dimensão apostólica: a testemunha da caridade se sente enviada para realizar a vontade de Deus e vive sua entrega e seu serviço com uma atitude de desprendimento e de confiança em Deus. A acolhida, o diálogo, o respeito, a escuta, a valorização da pessoa, o reconhecimento de sua dignidade...são expressões diferentes da humildade numa perspectiva pastoral.

A humildade implica, além disso, em deixar-se evangelizar pelo outro que acolhemos: *“a humildade implica uma atitude de servo... Devemos escutar Deus que nos fala quando vemos a boa vontade dos pobres em partilhar o pouco que têm; quando vemos sua gratidão a Deus pelos simples dons que Ele lhes dá; quando vemos sua paciente espera contra toda esperança de que Deus proverá; quando constatamos sua veneração, sua delicadeza, seu respeito tanto para conosco como para com Deus. Os pobres nos pregam de maneira eloquente se lhes permitirmos”*¹⁰.

O acolhimento é uma atitude fundamental na Nova Evangelização. Quando acolhemos o outro, nossa atitude expressa o rosto do Cristo, e então, o Evangelho da caridade torna-se credível. Não se trata de uma estratégia, mas de um ato de amor.

Esta atitude de acolhida deve estar presente em nossas reflexões, quando fazemos o nosso planejamento pastoral. Deve ser algo comum para nós, interiormente. De certo modo, acolher é um modo de transmitir a vida. No contexto da Nova Evangelização, alguns autores falam de uma “pastoral do engendramento”. Para que a caridade evangelize, é necessário levar em consideração as pessoas, sua situação e suas expectativas. Esta pastoral de acolhida implica o diálogo e a escuta do outro, sem esquecer que o Espírito age tanto naquele que evangeliza, como naquele que é evangelizado, e que o evangelizado nos evangeliza; trata-se, portanto, de anunciar o Evangelho através do “amor mútuo” e da “afeição fraternal” (Rm 12, 4-10).

Acolher, acompanhar é uma atitude pastoral que permite uma releitura de fé da própria vida a partir do Evangelho. A pastoral não é uma questão de palavras, mas a expressão da preocupação com o outro através de uma atitude de serviço, compaixão e ternura. Quando acolhemos o outro, nós o ajudamos a olhar, a caminhar, o acompanhamos no processo de fé. Em “Evangelii Nuntiandi”,n.46 fala-se da “transmissão de pessoa a pessoa”, ou seja, ajudar a pessoa a crescer, a descobrir o melhor de si mesma.

A) SERVIR OS POBRES NO CONTEXTO DE UMA CULTURA DA SOLIDARIEDADE

O amor preferencial pelos pobres constitui uma exigência do Evangelho da Caridade e o critério fundamental de todo discernimento pastoral. A proposta da Nova Evangelização no contexto da situação atual exige uma ampliação e atualização do nosso conceito de pobreza. Sem abandonar as antigas pobreza, temos que descobrir as novas formas de pobreza, para dar-lhes uma resposta a partir do Evangelho da Caridade. Apesar do desenvolvimento econômico das últimas décadas, as desigualdades sociais persistem e aumentam. O bem-estar vivido de modo materialista e o excessivo consumismo têm favorecido a expansão das chamadas “pobrezas pós-materialistas” que atingem, em geral, aqueles que vivem em situação precária.

A Igreja na Nova Evangelização assume o estilo de humildade e de abnegação do Senhor e reconhece sua imagem nos pobres e nos que sofrem¹¹. Somente, a partir da cruz de Cristo, isto é, do amor crucificado é que se pode encontrar uma resposta de esperança às pobreza e aos sofrimentos do homem de hoje. O amor preferencial pelos pobres diz respeito a toda comunidade cristã. O evangelho da caridade é a “*comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a Igreja dos pobres*”¹². A missão da Filha da Caridade é viver concretamente a caridade, estar atenta às novas urgências, reconvertendo obras e as metodologias para responder às necessidades atuais.

A caridade fundamentada no amor de Cristo é o caminho para aprofundar o Evangelho da Caridade e avançar na dinâmica do Reino. Precisamos de um “coração samaritano” para estabelecer uma verdadeira relação com cada pessoa. Quando saímos das fronteiras de nossa atividade caritativa habitual, geramos novas possibilidades, de tornar conhecida a salvação dada por Jesus Cristo, não somente aos pobres, mas também àqueles que estão afastados, aos que não creem, e aos que não são praticantes.

Somos chamados a responder ao sofrimento dos pobres. Eis o nosso desafio. Diante das novas pobreza não podemos responder com o velho assistencialismo que praticava uma caridade individual. Num mundo pós-industrial e fortemente institucional, a resposta adquire uma dimensão política: devemos servir os pobres e percorrer com eles um caminho de libertação. O amor ao próximo não pode se reduzir ao um simples sentimento. O problema da pobreza é um problema institucional e político, tem uma dimensão social. A caridade política exige que nos interroguemos sobre as causas da pobreza, que denunciemos os mecanismos que a provocam e que lutemos de maneira organizada para transformar o mundo, suas estruturas e instituições para que estejam a serviço do homem e da vida.

A justiça é o primeiro caminho do amor. A primeira causa da injustiça é a falta de fraternidade entre as pessoas e os povos: “*A sociedade, cada vez mais globalizada, torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos*” (C.in V., 19). O amor exige a justiça: se interessa pela pessoa que sofre, constrói a fraternidade, não há limites, mas um objetivo: a fraternidade, a civilização do amor.

b) PROPOR AOS JOVENS E ÀS FAMÍLIAS O EVANGELHO DA CARIDADE

No documento “*Propor hoje a fé aos jovens, uma força para viver*” descobre-se a necessidade de uma mudança de perspectiva diante dos jovens. A necessidade de desenvolver uma pastoral mais flexível assumindo a situação atual; a necessidade de explorar novos caminhos, descrever a experiência da fé utilizando uma linguagem vinculada aos jovens. Precisamos de uma pastoral de pertença flexível, diversificada e de qualidade onde os jovens possam ser iniciados na vida de oração, sejam formados, participem e colaborem no compromisso caritativo.

Para semear as sementes da caridade nos jovens, devemos ajudá-los a descobrir o Deus de Jesus, o rosto humano de Deus em Jesus de Nazaré e sua presença atuante em nossas vidas. Jesus continua atraindo: Ele é o Amor que nos acolhe e nos aceita sem condições. Ele nos seduz por suas escolhas, sua vida, seu acolhimento aos pobres, sua liberdade e sua vida totalmente entregue.

Devemos propor aos jovens o carisma vicentino. O Evangelho da caridade é o centro dinâmico e unificador de uma pedagogia integral da fé: ele considera a fraternidade, a solidariedade e oferece caminhos concretos de serviço. O evangelho da caridade pode ajudar aos jovens a descobrir o que é verdadeiro, bom e belo (cf. Fl 4,8) e a ser e amar verdadeiramente; a viver a vocação cristã no

seguimento de Cristo como perfeição da caridade. A fé ensina a descobrir uma lógica diferente para viver e agir, a olhar para o outro como irmão.

O desafio consiste em ajudar os jovens a entrar em contato com os pobres. As palavras, a formação, as reuniões, as leituras não são suficientes, é necessário iniciá-los no contato direto com seus irmãos. Deve-se organizar atividades caritativas que lhes permitam colocar em prática sua fé, ajudá-los a participar das atividades sociais em favor da justiça...É importante ajudá-los a perceber o sentido do compromisso e da fidelidade, assim como o desenvolvimento de uma consciência de cidadãos que são sensíveis ao compromisso sociopolítico.

Não podemos pensar nos jovens sem pensarmos em suas famílias. Na Nova Evangelização: “*Deve ser assegurada também uma especial atenção à pastoral da família*” (NMI, 47). Deus nos envia às famílias que vivem a tentação de se fecharem em si mesmas em razão das exigências do trabalho, horários e das incertezas do futuro. Muitas Filhas da Caridade estão em contato com as famílias. A família é o espaço cotidiano da evangelização dos pais e dos filhos, onde se transmite o evangelho de geração em geração. Como podemos anunciar-lhes o evangelho da caridade? Partindo de suas realidades, como propor-lhes um engajamento com os mais pobres? Muitas famílias estão passando por dificuldades: falta de trabalho, problemas relacionados com a imigração, alojamentos estreitos, dependências...A solidão dos enfermos, das pessoas com necessidades especiais, dos idosos não param de crescer.... As famílias unidas ao Cristo tornam-se lugares de caridade que são contagiados por seu brilho.

CONCLUSÃO

Como podemos contribuir com a Nova Evangelização? A novidade permanente da caridade suscita “*um humanismo transcendental*” (C.inV., 18). Devemos reparar alguns erros de sentido que a caridade sofre em determinados contextos. É preciso revisar nossa ação caritativa, expressar a opção pelos pobres de maneira nova e concreta.

Esta caridade compreende o desenvolvimento integral da pessoa, de suas necessidades materiais e espirituais. Não podemos separar o anúncio do Evangelho da promoção humana. Trata-se tanto de servir os pobres como de lhes anunciar o Evangelho. O Cristo é indispensável para o desenvolvimento integral da pessoa, precisamos aprofundar nossas convicções evangélicas para podermos assumir as mesmas atitudes de Jesus. A missão da Filha da Caridade consiste em testemunhar e concretizar o amor de Deus através do serviço.

A caridade evangeliza colocando a pessoa no centro da vida. Não trabalhamos com problemas, mas com pessoas: “*o homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida econômica-social*”, (C.in V, 25). Nossa vida deve ser um serviço para os pobres, reconhecendo sua dignidade e colocando-os no centro de nossa vida, solicitando também ajuda de outras pessoas. O desenvolvimento não é avaliado somente do ponto de vista econômico e tecnológico, ele compreende igualmente a dimensão espiritual da pessoa¹⁴.

A caridade evangeliza em primeira pessoa, é uma experiência que temos que viver pessoalmente como elemento configurador de nossa vocação. Trata-se de “*fazer o bem agora e pessoalmente*”, (Deus caritas est, 31b). O que fazemos é consequência do que somos, o que fazemos é expressão de nossa identidade. É a caridade que deve nos motivar: uma ação que não é fruto da caridade, não serve para nada: “*Se eu não tenho amor, eu nada sou*” (1Cor 13,2). Podemos ser generosos, fazer milagres, mas se nos falta o amor, nossa vida pastoral não produz nenhum fruto. A ausência de amor anula toda ação ainda que seja extraordinária. Somente o amor é que faz existir. Não podemos

nos conformar com as maneiras habituais de viver a caridade, devemos buscar incessantemente a “juventude da caridade”, segundo a expressão utilizada por Paulo VI.

Como podemos rejuvenescer a caridade?

A caridade “rejuvenesce” quando damos testemunho de uma comunidade verdadeiramente fraterna, quando nosso serviço é vivido em comunhão com a Igreja. A ação e a competência profissional não são suficientes, devemos nos doar, nos preocuparmos com os outros com sentimentos fraternos. A caridade “rejuvenesce” quando unidos ao Cristo formamos nossa consciência social por mais justiça e mais caridade¹⁵. A caridade “rejuvenesce” quando nos deixamos evangelizar pelos pobres. Podemos estar bem organizados, dispor de todos os meios tecnológicos modernos, mas se nos falta a caridade, nossas obras e instituições não terão alma, nem vigor, nem o entusiasmo de Cristo. As técnicas, as ideologias, o impulso voluntarista... necessitam sempre de uma conversão à caridade do Cristo.

Essência da vida da Igreja e da vida das Filhas da Caridade, a caridade é a verdadeira “*ecologia humana*”¹⁶. Que a caridade renove nosso espírito de serviço na escola do Evangelho e dos fundadores.

Padre Fernando Del CASTILLO, cm

NOTAS

¹ TMA 33

² “Assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus «que era de condição divina... despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo (Fl. 2, 6-7) e por nós, sendo rico, fez-se pobre” (2 Cor. 8,9): assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai «a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração» (Lc. 4,18), «a procurar e salvar o que perecera» (Lc. 19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo.” Lumen Gentium, 8.

³ “Toda a atividade da Igreja é manifestação dum amor que procura o bem integral do homem: procura a sua evangelização por meio da Palavra e dos Sacramentos,(...); e procura a sua promoção nos vários âmbitos da vida e da atividade humana.” Deus caritas est,19.

⁴ Graças a este “coração novo”, pode-se compreender e realizar o sentido mais verdadeiro e profundo da vida: **ser um dom que se consuma no dar-se**. É a mensagem luminosa sobre o valor da vida que nos vem da figura do Servo do Senhor: “oferecendo a sua vida em sacrifício expiatório, terá uma posteridade duradoura e viverá longos dias. (...) Livrada a sua alma dos tormentos, verá a luz”(Is53, 10.11).... É a Nova Lei, “a lei do Espírito que dá vida em Cristo Jesus” (Rm 8, 2), cuja expressão fundamental, a exemplo do Senhor que dá a vida pelos próprios amigos (cf. Jo 15, 13), é o dom de si no amor aos irmãos: « Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos » (1 Jo 3, 14). É lei de liberdade, alegria e felicidade.” Evangelium Vitae 49

⁵ cf. Caritas in veritate, 3

⁶ “O versículo joanino deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus.” Deus caritas est, 16. “Eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, **mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo**.” Deus caritas est, 18

⁷ EN 22

⁸ DV 2,4,7,17,18.

⁹ Bento XVI. Discurso ao clero da Diocese de Roma, 22 de fevereiro de 2007: “*O plus do mal, que existe sempre, se vímos apenas empiricamente as proporções, é ultrapassado pelo imenso plus do bem*”

¹⁰ Dicionário de espiritualidade vicentina. “Humildade”. R. Maloney, Ceme. Salamanca 1995, 296

¹¹ cf. Lumen gentium,8; cf. Gaudium et spes, 88

¹² Laborem exercens, 8

¹³ Berger, K. Jesús, Sal Terrae, Santander 2009, 152

¹⁴ Deus caritas est, 76

¹⁵ DCE 13; Compendio DSI 46; SRS 41.

¹⁶ Centessimus annus, 38

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

A Companhia chamada a deixar-se transformar pelo Espírito

17 de maio de 2012.

Introdução

Há 389 anos, em 1623, Luísa de Marillac passa a festa de Ascensão num “grande abatimento de espírito”¹, com o coração cheio de dúvidas sobre o direção a dar a sua vida e sobre a imortalidade da alma. Sabemos, através dos seus escritos, que ela experimenta uma “aflição incrível”², nos dias que se seguiram e somente encontra a paz na festa de Pentecostes, em 4 de junho de 1623. A Ascensão é portanto, uma data bastante importante para cada uma de nós. A exemplo de nossa cofundadora, começamos a preparação para a festa de Pentecostes.

Para Santa Luísa, a experiência de Pentecostes foi decisiva. A partir do episódio da “luz de Pentecostes” em Saint Nicolas des Champs, ela compreendeu o que o Senhor lhe pedia. Depois, dócil ao sopro do Espírito de Pentecostes, ela pôde guiar e acompanhar as Irmãs em sua caminhada vocacional.

Por sua vez, São Vicente as encorajava a reconhecer a presença do Espírito Santo que, de acordo com suas expressões, enche o universo, inspira nosso agir cotidiano³, é força e consolação. É essencial para ele fazer as Irmãs compreenderem como a ação do Espírito Santo é transformadora em todo acontecimento. “*Saberemos que O recebemos - diz uma Irmã na conferência de 31 de maio de 1648 – quando sentirmos mais amor e prontidão na aquisição das virtudes*”⁴.

Hoje, como ontem, a Companhia se sente interpelada a deixar-se transformar pelo Espírito, a viver um Pentecostes permanente, abrindo-se assim, ao futuro com esperança. Esta transformação requer abertura e docilidade à ação do Espírito Santo. “*Procuram ser dóceis às inspirações do Espírito, convencidas de que, na medida em que forem fiéis, serão instrumentos de suas obras. Santa Luísa desejava que a Companhia fosse dependente do Espírito Santo para realizar o desígnio do Pai e testemunhar o Filho ressuscitado*”⁵.

Parece-me que para entrar nesta reflexão tão essencial para a vida da Companhia, poderíamos percorrer juntas um caminho em três etapas:

- A Companhia nasce de Pentecostes
- A Companhia é chamada a viver um Pentecostes permanente
- A Companhia olha para o futuro com esperança, à Luz de Pentecostes

I. A COMPANHIA NASCE DO PENTECOSTES

Exploremos mais os Escritos dos nossos Fundadores...⁶ No começo desta reflexão, gostaria de convidá-las a reler um outro episódio do início da Companhia que marcou longa e profundamente as Irmãs, e particularmente Santa Luísa. Trata-se da queda do soalho da Casa Mãe, às vésperas de Pentecostes de 1642, que agora completa 370 anos. O relato deste acontecimento encontra-se na conferência de São Vicente de 13 de fevereiro de 1646 sobre o Amor da vocação e a assistência aos pobres, quatro anos após os acontecimentos. Encorajo-as a reler esta conferência onde São Vicente, muito emocionado e muito inspirado, conduz as Irmãs numa espécie de reflexão apostólica antes da carta.

São Vicente comenta um acidente bem recente: alguns dias antes, de fato, uma Irmã, carregando a marmitta para os pobres, tinha sobrevivido milagrosamente ao desabamento de uma casa, que causou a morte de aproximadamente quarenta pessoas. São Vicente vê isto como um sinal da bondade de Deus que é o autor da Companhia e que nos escolheu para sua obra. Ele insiste sobre o desígnio especial de Deus sobre a Companhia e sobre cada uma das Irmãs, e cita um outro exemplo, a tragédia evitada, por ocasião da ruptura de uma viga no assoalho da Casa Mãe, há alguns anos...Santa Luísa estava no local, alguns segundos antes do incidente e Padre Vicente deveria também encontrar-se lá com um grupo de senhoras⁷.

São Vicente tira conclusões do ocorrido e as apresenta às Irmãs que o escutam: *“Eis portanto, minhas queridas Filhas, fortes razões para vos incitar a estimar a vossa vocação e a desempenhá-la com prazer, pois isso agrada a Deus e o próximo é socorrido por esse meio, e sem receio, pois o próprio Deus vos preserva”*⁸.

Por sua vez, Santa Luísa relaciona o acontecimento da queda do assoalho da Casa-Mãe à luz de Pentecostes que ela recebeu em 1623; descobre nos dois fatos um sinal muito especial da Providência⁹. Ela retira algumas lições para o seu comportamento e o da Companhia. *“Pareceu-me - dirá Santa Luísa - que para sermos fiéis a Deus, devemos viver em grande união umas com as outras e, assim como o Espírito Santo é a união do Pai e do Filho, assim também a vida que voluntariamente empreendemos deve transcorrer nessa adesão dos corações...esta virtude e a do abandono total à Divina Providência, pois me parece ser uma das coisas mais indicadas e pedidas por Deus para fazer subsistir a nossa Companhia”*¹⁰.

As primeiras Irmãs estavam conscientes do tesouro que haviam recebido e se sentiam responsáveis por conservá-lo com fidelidade. A graça do carisma as mantinha vigilantes, atenciosas e sensíveis ao clamor dos pobres, audaciosas para servi-los “indo e vindo” pelas aldeias e vilarejos, com uma disponível alegria.

O dom de Pentecostes permaneceu vivo nelas e gostaria rapidamente e evocar o testemunho fascinante de algumas dentre elas que se deixaram transformar pelo Espírito, na simplicidade de sua vida quotidiana, consumindo sua vida pela caridade, por Deus e pelos pobres¹¹, nos serviços mais variados e em todos os lugares. Lembremo-nos da Irmã Andrea, cujo único remorso era de ter tido muito prazer em servir os pobres, pois ela voava para servi-los¹².

Desde o começo, as Irmãs souberam enfrentar os riscos e situações complicadas. Para utilizar um termo que está na moda, poderíamos evocar sua resiliência.

A distância e a dificuldade das comunicações faziam com que muitas viagens se tornassem verdadeiras aventuras, como a que Santa Luísa e as Irmãs fizeram para ir a Nantes.

Às vezes, seu heroísmo consistia em deixar seu serviço como em Mans, onde as Irmãs que tinham organizado o hospital, que estava em péssimas condições, foram muito criticadas e perseguidas¹³. Outra vez, elas tiveram que enfrentar a incompreensão, a calúnia, e a rejeição como em Chars onde um padre nega publicamente a comunhão à Irmã Marie Poulet. No meio deste doloroso conflito, as Irmãs mantiveram-se firmes sem ceder à pressão dos jansenistas, o que ocasionou sua partida para Chars¹⁴.

Existem ainda muitas outras Irmãs que se deixaram transformar pelo Espírito, elas permaneceram firmes na adversidade e souberam reter os acontecimentos na fé. Nelas, resplandeceu a luz de Pentecostes. Hoje, estas filhas fortes são as Irmãs da Síria e as da Nigéria diante da violência dos extremistas, as do Haiti, do Chile, do Japão, das Filipinas diante das catástrofes naturais e paro por aqui, porque vocês podem continuar....Colômbia, Moçambique, China....

II. A COMPANHIA É CHAMADA A VIVER UM PENTECOSTES PERMANENTE

A Assembleia geral, animada pelo sopro do Espírito Santo, deixou-se inflamar pelo fogo de um novo Pentecostes para a Companhia¹⁵. O apelo para nos deixarmos transformar pelo Espírito é um caminho de conversão renovado que requer abertura do coração e docilidade às suas inspirações. O Documento Interassembleias nos oferece pistas para viver nossa vocação e missão sob a inspiração de Pentecostes. Vocês já o utilizaram muito bem em seus projetos provinciais (setenta foram aprovados depois da Assembleia geral) e vou me inspirar nele novamente para desenvolver esta parte.

Um Pentecostes permanente implica viver enraizadas em Jesus Cristo “fonte e modelo de toda caridade”¹⁶.

O enraizamento em Jesus Cristo

Precisamos nos enraizar em Jesus Cristo para viver um Pentecostes permanente. O Papa Bento XVI retomou a citação da carta de São Paulo aos Colossenses: “*Portanto, assim como recebeste a Cristo Jesus, o Senhor, assim nele andai. Arraigados nele, sobre ele edificados, e apoiados na fé...*”¹⁷ como tema da Jornada mundial da Juventude em Madrid no ano passado.

Ele aproximou esta imagem sugestiva da árvore que pode crescer e manter-se em pé por causa da profundidade e da vitalidade de suas raízes, a uma passagem do profeta Jeremias: “*Bendito o homem que confia no Senhor, cuja confiança é o Senhor. Ele é como uma árvore plantada junto da água, que lança suas raízes para a corrente: ela não teme quando chega o calor, sua folhagem permanece verde*”¹⁸.

Daí vem a nossa grande responsabilidade de nos abirmos à graça, de trabalhar cotidianamente na formação do nosso coração, de aprofundar nossa vida espiritual, de nos alimentar da Palavra de Deus e dos sacramentos e de traduzí-la na caridade. “*Se a fé não ganhar uma nova vitalidade, tornando-se uma convicção profunda e uma força real graças ao encontro com Jesus Cristo, permanecerão ineficazes todas as outras reformas*”¹⁹, destacou o Santo Padre Bento XVI em seu discurso anual na Cúria Romana no final do ano de 2011.

Uma vida enraizada em Jesus Cristo conserva a capacidade de se encantar, sabe saborear na alegria a beleza do cotidiano. Ao contrário, existem pessoas que, infelizmente, passam sua vida como estes turistas que fotografam impetuosamente tudo o que eles veem, fazendo uma grande provisão de imagens, mas que esquecem de contemplar as maravilhas que o Senhor realiza. Da mesma forma, a erupção quase permanente de estímulos exteriores (mensagens eletrônicas, telefone, rádio,

televisão, etc.) em nossos dias pode produzir uma forte dispersão e tornar difíceis a reflexão, a interiorização e o discernimento. Revisemos nosso ritmo de vida para favorecer a qualidade de nosso ser de Filha da Caridade (sua ação nos projetos comunitários).

A força motriz da Palavra de Deus

O Documento Interassembleias sublinha a importância de dar um lugar central à Palavra de Deus, e de reencontrar sua força ativa em nossa vida²⁰.

A Palavra é força que age (1Ts 2,13), se ela provoca em nós um impulso de renovação, se nos encoraja a começar novamente a viver com entusiasmo o combate da fé e a produzir frutos de caridade, pois, “*A fé sem a caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida*”²¹.

A Palavra é força motriz, se deixamos ser iluminados por ela. Esta luz aguça o nosso olhar para ler a vida quotidiana no espírito do Evangelho, para reconhecer o Senhor na pessoa e nos acontecimentos e nos deixarmos transformar pelos pobres²². A mensagem do final do Sínodo sobre a Palavra de Deus nos convidava a uma viagem espiritual com a Palavra de Deus, acompanhadas destes quatro elementos:

- a voz da Palavra: a Revelação;
- o rosto da Palavra: Jesus Cristo;
- a casa da Palavra: Igreja;
- os caminhos da Palavra: a missão.

Esta palavra é também, um espelho que nos revela nossas incoerências, nossas mediocridades. Cada uma de nós pode certamente lembrar de momentos de graça, como uma Lectio Divina vivida em Comunidade, uma meditação bíblica durante um retiro anual ou mensal.

Os desafios para a vida de fé

Necessitamos fortalecer nossas convicções de fé, de cuidar da nossa formação contínua para anunciar o Evangelho num mundo onde a perda do sentido religioso constitui um maior desafio para a Igreja, como ressalta o Santo Padre Bento XVI: “*em vastas áreas da terra a fé corre o perigo de se extinguir como uma chama que deixa de ser alimentada*”²³.

Em alguns meios, descobrimos os fenômenos contraditórios: uma sede crescente de espiritualidade que pode terminar em cultos exotéricos e conduzir aos extremos e, por outro lado, um secularismo e um laicismo que, subitamente, poluem as consciências e penetram nas sociedades.

As orientações para a formação inicial que enviamos após o Seminário de 2011, sublinham o quanto o momento atual é atravessado pelas ideologias diversas, onde algumas são contrárias à fé, o que exige da autoridade “*um discernimento esclarecido, quanto às escolhas dos interventores e dos ensinamentos propostos*”²⁴. Permitam-me insistir neste ponto. Ficamos às vezes, perplexas no Conselho Geral diante de certos planos de formação.

Os tempos atuais não são fáceis, e diante de tantas formas de pressões internas e externas que encaminham para uma vida cômoda e superficial, para um certo relativismo moral, vocês são chamadas a orientar, estimular e encorajar a vida de fé. Vocês oferecem às Irmãs motivações de fé que as ajudam a viver em fidelidade à vocação e à missão? Sabem reagir com o Conselho diante de algumas maneiras de agir, afastadas da obediência? Discernem com o Conselho, com as Irmãs Serventes e com as Irmãs o que está coerente com nossas Constituições e o que não está?

Encorajam a viver o desapego evangélico e cortam tudo o que é apego às pessoas, aos lugares e aos serviços?

*Um Pentecostes permanente implica bem viver juntas, a fim de que nossa vida comunitária se torne profecia de amor e caminho de esperança*²⁵.

O testemunho profético da comunhão fraterna

O bem viver juntas é um apelo para fazer de nossas comunidades lugares de partilha da experiência de Deus, de comunidades abertas e acolhedoras em vista da missão²⁶. A união reforçada na Eucaristia, motiva a trabalhar pela harmonia fraterna, a dar e a receber com humildade, a acolher cada Irmã como o próprio Senhor.

O bem viver juntas é um testemunho atraente que suscita questões e pode despertar o interesse pela fé. *“A Igreja tem urgente necessidade de tais comunidades fraternas, cuja própria existência já constitui uma contribuição para a nova evangelização, porque mostram de modo concreto os frutos do “mandamento novo”*²⁷.

A Comunidade é um dom, muito mais que uma construção humana, é um espaço teologal onde o Senhor se faz presente²⁸, é um lugar de crescimento vocacional. Em suas Províncias, como vocês encorajam as Irmãs a criar, em comunidade, este clima de fé que sustenta e estimula a vocação de cada uma? Como vocês apoiam as Irmãs Serventes que carregam esta responsabilidade cotidiana? Este encontro e suas discussões de grupo são uma excelente ocasião de partilhar suas experiências a este respeito, pois escutamos falar da importância do testemunho da Comunidade, da formação das Irmãs Serventes.

Uma espiritualidade de comunhão

O Documento Interassembleias, fazendo eco ao convite da Igreja, nos chama a aprofundar a espiritualidade de comunhão²⁹ que nos conduz à compaixão, a permanecer atentas ao sofrimento dos outros, a carregar o fardo de nossos irmãos³⁰, a repelir as *“tentações egoístas que continuamente nos preparam armadilhas”*³¹. Tudo isso nos interpela para melhorar a qualidade da vida fraterna. *“A comunhão nasce justamente da partilha dos bens do Espírito, uma partilha da fé e na fé, onde o vínculo de fraternidade é tanto mais forte quanto mais central e vital é o que se coloca em comum”*³². Esta última frase nos questiona sobre a qualidade de nossas partilhas.

Os desafios da vida comunitária

Num ambiente que exclui e marginaliza, é essencial aprender a integrar a diversidade. A interculturalidade, as diferenças de idade e de mentalidade são características atuais às quais devemos prestar atenção. *“A formação deverá educar para o diálogo comunitário na cordialidade e na caridade de Cristo, ensinando a acolher a diversidade como riqueza e a integrar os diversos modos de ver e pensar”*³³. As atitudes de acolhimento, de amabilidade, de perdão e de misericórdia constroem a comunhão. As palavras e os gestos positivos geram a esperança.

Devemos nos perguntar como recuperar os espaços e tempos comunitários que trazem a harmonia, o equilíbrio, que favorecem a unidade de vida, pois esta pode estar desestabilizada pelas tensões e a superficialidade. Com coragem e na verdade, devemos cuidar do clima fraterno, da qualidade das relações e das partilhas, consagrar tempo para a reflexão apostólica e a outros encontros comunitários, num clima de escuta mútua e de diálogo³⁴.

O estilo de vida reflete a qualidade e a profundidade do nosso dom total a Deus. O Documento Interassembleias mostra a necessidade de adotar um estilo de vida que respeite o meio ambiente³⁵ pois, *“são numerosos os perigos que ameaçam o autêntico desenvolvimento humano integral – não são menos preocupantes os perigos que derivam do desleixo, se não menos do abuso em relação à terra e aos bens naturais que Deus nos concedeu. Por isso, é indispensável que a humanidade renove e reforce a aliança entre o ser humano e meio ambiente que deve ser o espelho do amor criador de Deus, de quem viemos e para quem iremos”*³⁶.

O Guia para a Irmã Servente destaca a necessidade de refletir sobre o necessário e o supérfluo e de revisar a maneira de viver a pobreza³⁷ O uso das novas tecnologias, muito particularmente quando elas invadem os espaços e os tempos comunitários exige também um discernimento atencioso.

*Um Pentecostes permanente implica servir “indo e vindo” com criatividade e audácia, manifestando assim o amor de Deus para com os pobres*³⁸.

Respostas que devem ser renovadas diante dos desafios das novas pobreza

O Documento Interassembleias nos pede para *“renovar nossa resposta aos desafios das novas pobreza, acentuadas pela crise mundial e ousar tomadas de posições proféticas diante das injustiças”*³⁹. A fidelidade à herança dos nossos Fundadores nos impulsiona a sermos profetas da caridade no mundo atual. Ouvimos ontem sobre a importância deste rosto social, caritativo da Igreja.

Em sua mensagem à Assembleia geral de 2009, o Papa Bento XVI nos chamou a *“prosseguir com audácia e criatividade o serviço corporal e espiritual das pessoas mais desfavorecidas de nossas sociedades”*⁴⁰. Somos convidadas a viver em comunhão fraterna com todos os cidadãos de um mundo intercultural em profundas mudanças, com avanços científicos e tecnológicos fabulosos, de um mundo também onde a injustiça, a opressão, o tráfico de pessoas e a cultura da morte estendem seus tentáculos com uma impressionante normalidade. Os pobres, em seus múltiplos rostos, estão em toda parte. *“Milhares de pessoas procuraram, e procuram ainda, atravessar os desertos e os mares à procura de oásis de paz e prosperidade, duma formação melhor e de maior liberdade... A situação de precariedade de tais pobres deveria suscitar a compaixão e a solidariedade generosa de todos...”*⁴¹.

Assumimos claramente nossa posição em favor dos desfavorecidos, pela defesa da vida, desde o início até o fim, pela promoção da justiça e da paz? Quais são nossas prioridades? Se com muita frequência as soluções nos escapam e ficam fora do nosso alcance, permanece sempre a proximidade do coração, a compaixão, o contato pessoal com *“os rostos sofredores que doem em nós”*⁴². É sobre este carisma vicentino que se fundamentam estas opções que devem ser tomadas, nossa maneira de servir e nossa maneira de colaborar. Questionemo-nos sobre o que fazemos e como o fazemos para reacender a chama do carisma e responder com um ardor renovado às urgências dos mais desfavorecidos da sociedade. *Em nossas Províncias, elaboramos projetos de prioridades missionárias e revisamos periodicamente as obras e os serviços?*⁴³

Disponibilidade e atitude de serva

Servir indo e vindo supõe ser disponível, em atitude de servas, oferecer nosso tempo com alegria, generosidade e gratuidade⁴⁴. A disponibilidade e a gratuidade são expressões de uma amor simples e humilde. Estas atitudes são essenciais para assumir as responsabilidades e os serviços confiados pela comunidade que vão além dos desejos pessoais. Viver em atitude de serva exige o desprendimento de si mesma, uma grande liberdade de espírito e uma profunda compreensão da missão da Companhia.

Todo serviço da Filha da Caridade é a expressão do seu dom total a Deus. Ela o realiza em nome da Companhia, enviada por ela. Como vocês ajudam as Irmãs permanecerem disponíveis, a sentir-se enviadas em missão? Como vocês despertam o entusiasmo vicentino das Irmãs que lhes faz “*transformar tudo em amor*”?⁴⁵

Colaboração e trabalho em rede.

O Documento Interassembleias sublinha a importância de buscar novas formas de colaboração *com os leigos e favorecer sua formação no espírito vicentino*⁴⁶.

Gostaria de destacar a importância de estabelecer a colaboração com os leigos sobre bases sólidas. Num mundo de múltiplas ofertas, é essencial assegurar a identidade cristã e o espírito vicentino das obras das Filhas da Caridade. O projeto missionário da obra deve englobar toda a pessoa em sua dimensão humana e transcendente. O testemunho da caridade deve ser visível, a atenção às pessoas, aos mais desprovidos permanece sempre uma prioridade.

Para um bom serviço em colaboração, é importante definir bem qual é o papel da Província (a Visitadora e seu Conselho, as Irmãs com quem pode contar) de afirmar a quem são delegadas algumas responsabilidades, quais são os sistemas de prestação de contas, de controle. Um grande desafio consiste em preparar as Irmãs (formá-las para trabalhar com leigos) para saber trabalhar em equipe, acolher as opiniões dos outros e aprender com eles. Deve-se igualmente velar para oferecer a todos os colaboradores uma sólida formação cristã (quando for possível) e os valores vicentinos (sempre). As obras da Companhia devem poder realizar o fim apostólico para o qual nasceram, e nós somos responsáveis por isso. Permanecemos vigilantes para que as obras sejam coerentes com o carisma? *Verificamos se a nossa maneira de servir e os nossos critérios de realização permanecem a expressão bem visível do carisma?*

O Documento Interassembleias nos convida também, *a reforçar o trabalho em rede na Companhia, na Família Vicentina e na Igreja*⁴⁷. É importante estudar como melhorar e desenvolver um trabalho em rede a fim de partilhar e de encorajar projetos e realizações. É um trabalho sistemático de colaboração e de complementaridade para favorecer projetos em comum com uma visão de conjunto. Isto exige esforços de coordenação, partilha de experiências, de informações, etc. Tudo isso exige ampliar o olhar para além das ações locais e provinciais, de abrir-se para agir com critérios mais universais. Noto com muita alegria que cresceu entre nós uma verdadeira colaboração em âmbito internacional, para responder às necessidades urgentes, assim como uma generosa partilha de recursos humanos e materiais... na missão do Quênia, na Tanzânia, Ilhas Fiji, nas missões anuais vicentinas no Chile, Paraguai, Argentina, e para os serviços na Ucrânia e na Sibéria...

Um Pentecostes permanente implica em “aprofundar nossa pertença à Companhia e nos tornarmos responsáveis pela Companhia do futuro” (cf. C. 59)⁴⁸.

Aprofundar o sentido de pertença à Companhia

Este quarto apelo do Documento Interassembleias nos faz mergulhar no coração da nossa vocação e da nossa missão e nos lembra nossa responsabilidade de viver e de manter o carisma, tesouro da Companhia. As futuras vocações receberão a herança que nós lhes deixamos.

O sentido de pertença reflete a vitalidade da vocação e se traduz pela coerência de vida com as Constituições e Estatutos. São também claras expressões de pertença: a disponibilidade, a

mobilidade, a aceitação alegre das orientações da Companhia, a participação corresponsável na missão comum, o interesse por tudo o que se refere à Companhia, etc.

A formação, cuja finalidade consiste em fortificar as motivações e o dinamismo da vocação⁴⁹, ajuda a aprofundar a comunhão com todo o corpo da Companhia, bem como o sentido de pertença. Estou certa de que vocês têm esta preocupação e que trabalham para consolidar nas Irmãs, desde a formação inicial, a apropriação dos valores da Companhia, base da pertença.

Revitalizar a vocação missionária

O Documento Interassembleias nos exorta com insistência a “*revitalizar a vocação missionária da Companhia desde a formação inicial e durante toda a nossa vida*”⁵⁰.

Fazemos todo o possível para manter viva a chama do espírito missionário que nossos Fundadores acenderam na Companhia? Eles não hesitaram em enviar as Irmãs, pelos caminhos do mundo, mesmo em meio a grandes dificuldades. Suas palavras ressoam em nossos corações com força e nos interpelam: “*É assim que deveis proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir para onde Deus quiser; se for para África, para África...sois Filhas da Caridade, deveis ir...*”⁵¹.

A nova evangelização à qual a Igreja nos impele é um desafio que exige novos evangelizadores. Devemos ampliar nosso olhar para além de nossa Província para favorecer e estimular o envio das Irmãs às novas implantações ou reforçar outras em dificuldades.

Como vocês sabem, a concepção da missão ad-gentes foi ampliada e se situa para além de uma compreensão somente geográfica ou territorial. Somos chamadas, em alguns casos, a deixar nossas obras habituais para irmos ao encontro de pessoas distantes e próximas. O mundo inteiro e o coração de cada pessoa são terrenos de missão. Quais esforços realizamos em nossas Províncias para dar um novo impulso missionário⁵²? Quais mudanças poderíamos considerar? Quais são nossos medos, por que?

Dar um novo impulso à pastoral da juventude e das vocações

É dentro do contexto da fé que se vive a pastoral vocacional. É o Senhor que chama quem Ele quer, quando Ele quer e como Ele quer. No entanto, devemos agir com entusiasmo e perseverança, acompanhar e encorajar as Irmãs, escolhidas especialmente para este setor da pastoral.

É importante preparar as comunidades para acolher os jovens, para ajudá-los a crescer na fé e a discernir sua vocação. Gostaria de lhes encorajar para redobrar os esforços em cada Província e em cada comunidade local a fim de responder a estes desafios. As Irmãs estão atentas às orientações diocesanas? Como colaboram na pastoral diocesana e com as paróquias? Elas convidam os jovens a conhecer a beleza do carisma oferecendo-lhes a oportunidade de visitar os pobres, de comprometer-se no serviço dos mais desfavorecidos⁵³ e de reler tais experiências com a ajuda da Palavra de Deus?

III. A COMPANHIA OLHA O FUTURO COM ESPERANÇA, À LUZ DE PENTECOSTES

“*Se quiserdes viver do Espírito Santo, conservai a caridade, amai a verdade, desejai a unidade*”⁵⁴. Na última Assembleia geral, a Companhia acolheu o apelo a viver um Pentecostes permanente e traçou um claro caminho: deixar-se transformar pelo Espírito Santo.

Sob o impulso de Pentecostes

A luz de Pentecostes ilumina o hoje da Companhia e irradia um futuro que nos é desconhecido.

Como nos lembrou o Padre Cantalamessa nesta mesma sala, há três anos, o Pentecostes evoca unidade e comunhão. A confusão e o caos da Babel desaparecem para dar lugar à linguagem universal do amor que toda pessoa compreende, sem distinção de raças, etnias ou culturas. O Espírito Santo cria a novidade, inspira e anima a missão, torna capaz de proclamar as maravilhas de Deus e de ser testemunha do seu amor.

O Pentecostes significa transformação, união de corações, irresistível novidade... então nossos medos desaparecem, nosso respeito humano é superado, e são substituídos pela audácia profética.

A ação transformadora do Espírito Santo prepara nossos corações para acolher os sinais de Deus presentes nas novas realidades que vivem a humanidade, a Igreja e a Companhia. Ela nos impele a enfrentar os desafios de nossa época com alegria serena, um olhar de fé, e nos convida a fazer uma experiência pascal, a morrer para nascer para uma vida nova. *“Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente ; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança. Por isso, é imperioso assegurar calorosos espaços de oração comunitária que alimentem o fogo de um ardor incontido e tornem possível um atraente testemunho de unidade “para que o mundo creia” (Jo17, 21)”*⁵⁵.

Com a capacidade de renovação e de mudança

A Companhia soube adotar constantemente suas estruturas às necessidades da missão. São Vicente percebeu este dinamismo da Companhia diante da evolução dos tempos: *“E eis, minhas filhas, qual foi o começo da vossa Companhia ; não era nessa altura o que é atualmente e é de crer que não é ainda o que virá a ser, quando Deus a tiver posto no ponto em que a quer”*⁵⁶.

A realidade atual da Companhia requer uma análise lúcida e serena para ver como vivemos o carisma, quais são as sementes de vida que temos necessidade de reforçar, quais são os pontos frágeis que nos fazem tropeçar. Nestes dias, vocês tiveram a ocasião de estudar os dados globais da Companhia, calculados no final do ano de 2011. Saibamos interpretá-los à luz do que o Espírito quer para a Companhia.

Como em outras etapas da história da Companhia, algumas mudanças na organização em âmbito geral e provincial são necessárias. Muitas já aconteceram, algumas vão acontecer, outras estão amadurecendo. Sou testemunha de que elas são inspiradas por uma fidelidade criativa ao carisma e um desejo de estar mais em acordo com a realidade que vivemos.

Gostaria de convidá-las para dar uma olhada na história da Companhia e no pequeno livro da Gênese da Companhia que descreve brevemente a expansão geográfica e as diferentes mudanças. Aqui estão alguns exemplos sobre a evolução do número de Províncias e das Conselheiras gerais.

Em 1997: 72 Províncias; 4 Vice-Províncias; 7 Regiões. Em 2012: 70 Províncias e 1 região. O número de Conselheiras evoluiu desde o começo da Companhia: 3 até 1956⁵⁷ (Assistente, Econômica e a Despenseira); 6 de 1956 à 1968; 8 de 1968 à 1997; 10 desde 1997...

Estas mudanças comportam a renúncia a certas seguranças, para algo que não tem futuro, elas obrigam a abandonar as amarras que nos prendem ao cais. As mudanças comportam, às vezes, sofrimentos, mas são fatores de crescimento, quando são bem preparadas, elaboradas com a participação de todas as Irmãs. As mudanças têm aspectos positivos se as vivemos na fé, com

alegria, abertura, confiança e humildade; se as vivemos como uma graça, como uma passagem do Senhor. Novos horizontes se abrem, novas possibilidades, novos desafios, novos apelos. *Seremos capazes de aceitar as mudanças para começar novos caminhos?*

Temos uma grande responsabilidade histórica. A nossa força não está no número de Irmãs, nem no número e na qualidade de nossas obras, nem no reconhecimento social, ela está *“na caridade de Jesus Cristo crucificado, que anima e inflama o coração da Filha da Caridade, impele-a a correr ao serviço de todas as misérias”*⁵⁸. Nossa responsabilidade situa-se, primeiro neste nível: manter esta chama em nós mesmas e em nossas Irmãs, assegurarmo-nos de que o *serviço nutre nossa contemplação e dá sentido à nossa vida comunitária, assim como à relação com Deus e à vida fraterna em comum, revigoram sem cessar o compromisso apostólico*⁵⁹. Então, as Irmãs, estando convencidas da atualidade do carisma vicentino, vivem uma experiência profunda de gratidão a Deus pelo dom de sua vocação, sentem-se honradas por pertencer à Companhia, estão totalmente comprometidas e entusiasmadas em seus serviços quaisquer que sejam e sua vida se torna uma proposta vocacional.

É o momento de ampliar o olhar para novos horizontes, de discernir onde o Espírito nos conduz na etapa e nas circunstâncias em que vivemos. É o momento de unir nossas forças e de multiplicar nossas energias para realizar a finalidade da Companhia.

Com criatividade e audácia

*“Este é um tempo no qual o Espírito irrompe, abrindo novas possibilidades. (...) Também o futuro da vida consagrada se confia ao dinamismo do Espírito, autor e dispensador dos carismas eclesiais”*⁶⁰.

O futuro é a novidade de Deus, a imaginação do Espírito. A criatividade torna capaz de enfrentar os grandes desafios com métodos diferentes. A Companhia, ao longo de sua história, tem demonstrado uma impressionante criatividade. A imaginação da caridade fez com que a Companhia estivesse presente em muitos países, onde homens e mulheres continuam tendo necessidade do pão material e do pão da fé. Busquemos juntas como ir mais longe, ao Sudão, Uganda, Benim, Gabão...

Talvez, sejamos igualmente chamadas para alcançar este objetivo, a compartilhar ainda mais nossos recursos com a Companhia ou a nos desfazermos materialmente de algumas riquezas (objetos preciosos, móveis de valor, ornamentos litúrgicos, - seja oferecendo àqueles que podem utilizá-los ou valorizando ou vendendo-os).

Com confiança na Providência

Nossos Fundadores nos ensinaram a descobrir a mão da Providência que nos protege e nos conduz, que dirige os acontecimentos, pois, *“não sei que valor terá a Filha da Caridade sem esta confiança”*⁶¹, dizia São Vicente.

Santa Luísa viveu profundamente ancorada na Providência, de tal maneira que ela via a confiança na Providência e na comunhão fraterna, como os dois pilares que mantinham os princípios da Companhia⁶². *“Oh! Deus seja bendito - dizia São Vicente com uma firme convicção - é de esperar que a Companhia fará muito bem, contanto que confie na Providência e se deixe governar por Ela”*⁶³.

Portanto, sigamos as orientações do Espírito, o Documento Interassembleias nos convida a isto e nos mostra o caminho: **uma busca de interioridade, uma necessidade de autenticidade e um**

sentido novo de solidariedade. As jovens, ou menos jovens, que se apresentam à Companhia a isto aspiram e querem que vivamos neste caminho.

Fortalecidas pelo amor maternal de Maria, por sua docilidade ao Espírito, retomemos nossa estrada em direção a novos horizontes, com a plena confiança de que lá onde se encontra o Espírito Santo, tudo é possível, tudo se recria, tudo renasce.

Irmã Evelyne Franc,
Filha da Caridade

Notas

¹ Escritos Espirituais, pág. 11.

² Ibid.

³ cf. São Vicente de Paulo, conf. de 22 de janeiro de 1645, sobre a observação do regulamento, pág. 138 e seg...

⁴ São Vicente de Paulo, conf. De 31 de maio de 1648, Sobre a oração, pág. 267

⁵ C. 17c.

⁶ Documento Interassembleias, pág.25.

⁷Cf. São Vicente de Paulo, conf. de 13 de fevereiro de 1646, amor da vocação e assistência aos pobres, pág. 162 e seguintes.

⁸ Ibid. pág. 168.

⁹ cf. Santa Luísa de Marillac, Escritos E.3(A.2) pág. 781

¹⁰ Santa Luísa de Marillac, Escritos E.53(A.75) pág.879.

¹¹ cf. São Vicente de Paulo à Irmã Anne Hardemont, 24 de novembro de 1658; Coste VII, pág. 382.

¹² Cf. São Vicente de Paulo conf. de 25 de maio de 1654, Sobre a conservação da Companhia, pág. 446.

¹³ Cf. São Vicente de Paulo conf. de 9 de Dezembro, sobre as Virtudes das Irmãs, págs. 351-356.

¹⁴ Cf. Santa Luísa de Marillac, C.592(L. 529 bis) e C. 593 (L. 527 bis); Escritos, págs. 633 e 635.

¹⁵ Documento Interassembleias, pág.5

¹⁶ Cf. Documento Interassembleias 2009, pág. 9.

¹⁷ Col, 2, 6-7.

¹⁸ Jeremias 17, 7-8.

¹⁹ Bento XVI, 22 de dezembro de 2011.

²⁰ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 9.

²¹ Carta Apostólica Fidei, n. 14.

²² Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 10.

²³ Bento XVI, discurso de 27 de janeiro de 2012 aos participantes da Assembleia plenária da Congregação para a Doutrina da Fé.

²⁴ Orientações para a Formação Inicial. Após o Seminário de maio 2011, pág. 4.

²⁵ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 11.

²⁶ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 11.

²⁷ Vita Consecrata, n. 45.

²⁸ Cf. Mt 18, 20 ; Vita Consecrata n. 42; Vida fraterna em comunidade, n. 8.

²⁹ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 11.

³⁰ Cf. Ga 6, 2.

³¹ Novo milênio ineunte, n. 43 ; Cf. Partir do Cristo, n. 29.

³² A vida fraterna em Comunidade, n. 32.

³³ Partir do Cristo, n. 18.

³⁴ Cf. Documento Interassembleias, 2009, págs. 21 e 22.

³⁵ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 11.

³⁶ Bento XVI, Mensagem para o dia mundial da paz, 2010.

³⁷ Cf. Guia da Irmã Servente, pág. 58.

³⁸ Documento Interassembleias, 2009, pág. 13.

³⁹ Documento Interassembleias, 2009, pág. 13.

⁴⁰Mensagem do Papa Bento XVI à Assembleia geral de 2009.

⁴¹ Exortação Apostólica pós-sinodal, Africano munus, n. 84.

⁴² Documento Aparecida 2007, n. 407.

- ⁴³ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 23.
⁴⁴ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 13.
⁴⁵ Constituições, pág. 8.
⁴⁶ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 26.
⁴⁷ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 26.
⁴⁸ Documento Interassembleias, 2009, pág. 15.
⁴⁹ Cf. C. 49.
⁵⁰ Documento Interassembleias, 2009, pág. 25.
⁵¹ São Vicente de Paulo conf. 18 de outubro de 1655, pág. 547
⁵² Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 15.
⁵³ Cf. Documento Interassembleias, 2009, pág. 15.
⁵⁴ Santo Agostinho, Sermão 267, 4.
⁵⁵ Documento de Aparecida 2007, n. 362.
⁵⁶ São Vicente de Paulo conf. 13 de fevereiro de 1646, pág. 165 e 166
⁵⁷ História das Filhas da Caridade, Matthieu Bréjon de Lavergnée, Fayard, pág. 256.
⁵⁸ Constituições, pág. 15.
⁵⁹ Cf. Constituições 16b.
⁶⁰ Partir do Cristo, n. 10.
⁶¹ São Vicente de Paulo conf. de 9 de junho de 1658, Sobre a confiança na Providência, pág. 782.
⁶² Cf. Santa Luísa de Marillac, Escritos, E.53 (A.75) pág.879.
⁶³ São Vicente de Paulo conf. de 9 de junho de 1658, Sobre a confiança na Providência, pág. 785.

IRMÃ ELISABETH ROBERT, SUPERIORA GERAL DO ISSFA

Dimensão relacional da missão da Visitadora

21 de maio de 2012

São Francisco de Assis tinha o costume de saudar a todos os que encontrava, desejando-lhes: “Paz e Bem” (Pax et Bonum). A cada uma no início desta partilha de algumas convicções ou questões, quanto à missão de Visitadora, dirijo a todas o mesmo desejo: que o Senhor lhes conceda **Paz e Bem**, especialmente no acompanhamento das pessoas.

Nesta introdução, tomei a liberdade de repetir o que já mencionei no ano passado, por ocasião do encontro das novas visitadoras.

Estou bem consciente de duas dificuldades principais:

- a primeira, trata-se da minha pouca experiência, já que estou no governo da Congregação há quatro anos e permaneço ainda um pouco noviça, tendo sempre algo para descobrir e a aprender para viver em fidelidade a missão que o Capítulo geral me confiou.

- A segunda, é por ser franciscana! Tenho bastante consciência de pertencer a uma outra família, de não ter aprendido bem o seu vocabulário e suas fontes (Constituições, Estatutos, Guia da Visitadora) que são ainda um pouco desconhecidos para mim, embora os tenha consultado. Dificuldade agravada pela diferença hierárquica entre as nossas Congregações.

Assim, é como “Irmã” de São Francisco que lhes proponho algumas reflexões sobre a dimensão relacional da missão da Visitadora. Vou fazê-lo mais como um testemunho ou uma partilha fraterna do que como grandes desenvolvimentos teológicos ou psicológicos sobre a relação interpessoal ou os modelos de governo.

Enfim, uma última precaução. Não esperem de mim alguma solução milagrosa para todos os problemas relacionais que sempre acontecem na animação de uma província ou de comunidades. Todas nós sonhamos, mas não existem manuais sobre o assunto, o que existe são caminhos singulares para serem descobertos e inventados.

Como introdução, permitam-me apenas, assinalar o quanto fiquei impressionada no ano passado, ao ler o Guia da Visitadora, pela frequência dos termos **união, comunicação e relação**.

A tradição bíblica exige que um nome seja uma vocação. São Francisco de Assis quis que seus Irmãos fossem chamados menores, que os responsáveis pela comunidade fossem chamados guardiões e os superiores de ministros. O nome escolhido contém em si uma orientação, um conjunto de especificações. Acontece o mesmo com vocês. Vocês são Visitadoras, ou seja, que no centro de sua missão, existe um **encontro**, uma **visita**, uma **visitação**. A visita de Maria à sua prima Isabel, ambas, servas da vontade de Deus, é uma das mais belas expressões bíblicas do que significa fazer comunidade, estar juntas, estar reunidas em torno de uma promessa, confirmando assim o que se produz no meio de nós, a vinda do Reino.

Assim, vocês são Visitadoras com tudo o que isso significa de atitude para com o outro, de abertura e acolhimento, de escuta mútua, de comunhão no acolhimento de uma comum promessa, no reconhecimento de uma missão comum.

As expectativas por parte das Irmãs e das comunidades são imensas e nos sentimos muito pobres e desprovidas. Elas esperam de nós competência ou qualidades múltiplas, às vezes, técnicas organizacionais, mas sobretudo, espirituais e de relação interpessoal.

Lembro-me de um conselho, antes do capítulo, ao longo do qual havíamos listado as qualidades desejadas para a futura Superiora geral e para suas Conselheiras. Este tipo de exercício pode parecer desesperador. Ninguém reúne todas as qualidades e ainda bem....Temos a tendência de exigir das nossas superiores que elas sejam acompanhadoras, plenas de compaixão, prestativas, excelentes guias espirituais, hábeis mulheres de negócios, capazes de interagir com as parcerias civis. Numa Congregação internacional, acrescentamos a capacidade de inculturação e o dom das línguas.

Por outro lado, a procura ou expectativa em relação aos responsáveis são, às vezes, contraditórias. Aqui, intervêm as diferentes culturas (países, idades), mas também as estruturas de personalidade. Este grupo é particularmente representativo desta diversidade cultural e é evidente que o tipo de relação que acontece entre as Irmãs e a Visitadora varia, em função das áreas geográficas. De minha parte, em uma escala bem menor, comparo quanto o título de “Mère” é utilizado de maneira diferente, aqui em França, na Itália ou na África Ocidental.

Alguns grupos de Irmãs são desejosas de uma referência forte do que uma responsável sozinha, correndo o risco de uma submissão infantil. Elas esperam um governo firme, com orientações ou preceitos claros.

O Concílio Vaticano II lembrou o grande respeito pela dignidade e a liberdade das pessoas, através de uma longa consulta e participação do governo e através do encorajamento a uma obediência responsável capaz de discernir. Para alguns, foi libertador, para outros foi incomum e assustador. Algumas culturas tornam difíceis para as Irmãs jovens, por exemplo, atitudes de expressão pessoal diante de uma mais velha ou diante de uma pessoa em posição de autoridade.

Algunas chegam ao extremo de impelir a colegialidade a um limite tal que a pessoa eleita não pode decidir algo se o grupo não chegar a um consenso. E a Irmã responsável no governo deve então manifestar uma incontestável qualidade de negociadora.

Como não ser tomada, às vezes, pelo temor diante destas expectativas múltiplas e às vezes, contraditórias, pela percepção aguda de sua própria indigência e de sua indignidade?

Este sentimento de incapacidade vem também do que esperamos de nós mesmas:

- Esperar conseguir agradar a todos... e nós nos desgastamos continuamente para fazer tal ou tal ajuste, tal adaptação para satisfazer a uns e a outros, para evitar conflitos, reclamações ou críticas.
- Esperar ser competente e ter boa solução para todos os problemas, controlar toda situação de conflito.

A Bíblia está plena de pessoas que, tendo um sentido profundo de sua incapacidade, não quiseram assumir a responsabilidade do mandamento, por exemplo: Moisés, Jeremias ou Paulo: “*Quem sou eu para ir ao Faraó e fazer sair do Egito, os filhos de Israel ?* Então, o Senhor lhe dar a sua palavra: “*Eu estarei contigo*”. Ex 3, 11-12.

Jeremias é um outro personagem bíblico que sentiu sua fraqueza diante do chamado do Senhor: “*A palavra do Senhor me foi dirigida nos seguintes termos: ‘Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conhecia; antes que saíesses do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações’. Mas eu disse: “Ah! Senhor, eis que eu não sei falar, porque sou ainda uma criança!”. Mas o Senhor me disse: Não digas: “Eu sou ainda uma criança!” Porque a quem eu te enviar, irás, e o que eu te ordenar, falarás. Não temas diante deles, porque eu estou contigo para te salvar, oráculo do Senhor*” (Jeremias 1, 4-8). O Senhor realmente disse: “na sua confusão, na experiência do temor diante de sua incapacidade, saiba que estou com você”.

Paulo também estava muito consciente de sua inaptidão: “*Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um agulhão na carne - um anjo de Satanás para me espancar - a fim de que eu não me encha de soberba. A esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”. Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo. Por isto, eu me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte*” (2Cor 12,7-10).

Portanto, é à luz da graça que o Senhor concede àqueles e àquelas que Ele envia, que lhes proponho reler a missão da Visitadora como uma aventura eminentemente relacional e como caminho pascal.

I - A DIMENSÃO RELACIONAL DA MISSÃO DA VISITADORA

As Constituições definem assim sua missão: “*A Visitadora recebe da Companhia a missão de promover a vitalidade espiritual e apostólica da Província*” (C.73) *em fidelidade ao carisma*. O serviço de animação e o governo da Província têm por objetivo o serviço de Cristo nos pobres.

1 - UM SERVIÇO DO CARISMA

O serviço de Cristo nos pobres: esta missão é entendida como um compromisso partilhado, num espírito de participação e de corresponsabilidade e portanto, inscrita **numa espiritualidade de comunhão**.

Parece-me, portanto, compreender sua função como **um serviço do carisma**, e logo, uma escuta das necessidades e dos sofrimentos dos pobres, dos apelos da Igreja, um discernimento nas diferentes atividades apostólicas, nas tensões que se apresentam, muitas vezes, entre os apelos e a realidade

demográfica, cultural e social de uma província. Trata-se de manter viva a memória da “graça fundadora” como fonte permanente de sua identidade.

Ajudar o instituto e seus membros a viver, cada vez mais, a “graça fundadora” com mais vigor e fervor. No desenvolvimento desta função, o caminho pode passar por situações e vicissitudes bem diversas. Há períodos muito tranquilos, de calma, onde vemos claramente o caminho; existem, no entanto, períodos de entusiasmo pessoal e coletivo, vibrante. Porém, há também outros, onde o caminho pode tornar-se longo, cansativo, desgastante, e mesmo incerto; mais ainda, há momentos onde parece que o caminho atravessa um deserto, implacável, imenso, interminável, quando os números se apresentam baixos, e que sentimos as forças e os recursos se esgotarem. *“A função é de acompanhar, cuidar, encorajar e sempre dar esperança. Uma esperança solidamente estabelecida na promessa e na fidelidade de Deus, esta “esperança que não decepciona” (cf. Rm 5,5). A função do governo é ajudar a fazer a experiência da fidelidade de Deus, comprometido na “graça fundadora” ou carisma. Uma esperança que se encarna na história. Governar, é pois, sugerir, propor e mesmo provocar, abrir novos caminhos e traçar projetos nos quais, sucessivamente, se encarna a graça das origens.*¹

Deus continua a criar. Sensibilidade e discernimento são necessários para perceber e interpretar os sinais dos tempos. Atualmente, nas diversas circunstâncias e mudanças da história humana trata-se de fazer frutificar com sabedoria e confiança, o talento confiado. Sobre este primeiro ponto, acho difícil ir mais longe, não tendo absolutamente a competência (no duplo sentido do termo em francês, sem conhecimento do seu carisma próprio e sem legitimidade).

2 - UM SERVIÇO DE COMUNHÃO

Nosso cargo ou ministério nos convoca para estamos no **cruzamento de múltiplos encontros**: no seio da Companhia (diversas instâncias e conselhos, encontros de comunidades, encontros pessoais com as Irmãs), com as parcerias eclesiais, religiosas, civis, associativas. Um dos traços essenciais de nossa missão é ser relacional e “implicadora” de comunhão. Trata-se ainda mais de tecer relações do que acumular informações.

Mesmo que os institutos devam, em suas obras apostólicas, possuir um alto grau de profissionalismo, uma perspicácia nos negócios, sobretudo, não se deve retirar o sentido fraterno, o sentido do “estar em casa” que caracteriza as relações entre nós. O cargo de governo nos convida a sermos mediadoras: para traduzir a cada membro a presença de toda a comunidade e vice-versa, para conduzir a uma experiência sempre mais profunda do “nós”, do espírito de corpo.

O governo ordena ao corpo, um corpo formado por pessoas vivas que participam, cada uma a sua maneira, do carisma, da graça fundadora como dom particular de Deus a todas e a cada uma. Em união com o Conselho Geral com os responsáveis das obras (funcionários, associações, tutores), com as comunidades de sua Província e as Irmãs Serventes, a Visitadora é convidada a viver e a alimentar a comunhão entre todos os atores, no respeito aos princípios de governo: unidade na diversidade, participação e subsidiaridade. Esta comunhão se expressa, também, na prática da corresponsabilidade. Exige uma atenção e uma conversão para respeitar cada um na sua responsabilidade, para resistir à tentação de fazer tudo ou de pensar que não é útil favorecer a participação (perde-se tempo). Convida-nos a cuidar da comunicação e da circulação das informações entre estas diferentes instâncias,

“A autoridade é responsável pelas decisões a tomar após busca em comum da vontade de Deus, através do diálogo e do discernimento. Deve estar próxima das Irmãs para compreendê-las,

conhecer-lhes a vida e com elas auscultar as necessidades dos pobres, buscando os meios para dar-lhes respostas com a audácia e a prudência dos Fundadores”².

Estes processos de discernimento acompanhados nas comunidades se apoiam sobre:

- A busca em conjunto da vontade de Deus, e a escuta das mediações que nos são dadas.

- O diálogo e a escuta, a abertura às novas perspectivas.

- *“a disponibilidade para reconhecer em cada irmão ou irmã a capacidade de colher a verdade, mesmo que parcial, e, por isso, para acolher o seu parecer como mediação para descobrir, juntos, a vontade de Deus, até ao ponto de saber reconhecer as ideias dos outros como melhores que as próprias”³.*

- A firme resolução de manter a unidade em todas as circunstâncias, qualquer que seja a decisão final.

- O reconhecimento da interdependência, entre comunidades, entre províncias e a busca do bem comum.

Vivemos também em uma variedade de idades, de meio social, de culturas, de nacionalidades ou de etnias. A diversidade de países, de culturas, de idades é um dom que nos é dado, mas que devemos sempre colocar em prática. *“De países diferentes, mas que se fundem num só coração”*. O encontro das culturas não se vive somente na internacionalidade, mas também fortemente na inter-geração. É essencial reconhecer e considerar os desafios, as crises, mas também as graças particulares próprias de cada idade.

“A autoridade está chamada a servir igualmente, com espírito de comunhão, a estas comunidades compostas, ajudando-as a oferecer, em um mundo marcado por tantas divisões, o testemunho de que é possível viver juntos e amar-se mesmo em meio à diversidade. Deverá ter bem firmes, então, alguns princípios teórico-práticos:

- ✓ *recordar que, no espírito do Evangelho, o conflito de ideias jamais se torna conflito de pessoas;*
- ✓ *lembrar que a pluralidade de perspectivas favorece o aprofundamento das questões;*
- ✓ *favorecer a comunicação, de modo que a livre troca de ideias esclareça as posições e faça vir à tona a contribuição positiva de cada um;*
- ✓ *ajudar a libertar-se do egocentrismo e do etnocentrismo, que tendem a lançar sobre os outros as causas dos males, chegando assim a uma compreensão mútua;*
- ✓ *tornar-se conscientes de que o ideal não é o de conseguir uma comunidade sem conflitos, mas uma comunidade que aceita enfrentar as próprias tensões para resolvê-las positivamente, procurando soluções que não ignorem nenhum dos valores a que é necessário referir-se”⁴.*

3- O SERVIÇO DA VOCAÇÃO DE CADA UMA DAS IRMÃS

Um serviço para permitir a cada Irmã viver feliz sua consagração religiosa, qualquer que seja sua idade ou suas dificuldades, para lhe permitir participar da vida do corpo inteiro.

Na realidade, *“fomos todos batizados num só Espírito”* (1Cor 12,13). Todos os membros de uma congregação são, portanto, chamados, tanto que possam, a serem “Pedras Vivas” assumindo o seu lugar e segundo sua função própria, de acordo com a graça recebida e sua história humana espiritual, vocacional, e a serem acompanhados para manifestar a graça recebida na sua participação no projeto comum.

As Irmãs têm necessidade de responsáveis que tenham por elas um interesse pessoal e com quem elas possam entrar numa relação feita de maturidade e de respeito mútuo.

Estar atenta a elas, consolá-las, encorajá-las, viver também o serviço da correção fraterna, acompanhá-las com zelo. Poderia mesmo falar do interesse pastoral, no sentido do zelo do pastor por suas ovelhas. “*O governo religioso deve ser ‘pessoal’ e ‘espiritual’, ou seja, realizado no e segundo o Espírito, seguindo a trajetória que ele traça para cada pessoa*”⁵.

“*A Visitadora está atenta às suas Irmãs e lhes testemunha uma afeição sincera. Mantém com elas uma atitude de escuta e de respeito. Interessa-se pela sua vida e pelo serviço dos pobres. Em diversas ocasiões, encoraja as Irmãs a viver a própria vocação com alegria e fervor.*” (Guia da Visitadora, pág. 16)

Está claro que a dimensão relacional da função é essencial. “*A Visitadora vive em atitude de abertura e de acolhimento, à escuta do Senhor, das Irmãs, dos pobres e de cada pessoa*” (Guia da Visitadora, pág. 16).

Escutar

Esta atenção se traduz na escuta. É sem dúvida uma das necessidades mais fortes que podemos ter: ser escutada. Escutar, tornar-se disponível para que a outra possa falar, que ela diga seu sofrimento ou sua aspiração, escutar o que o Espírito lhe diz.

Escutar, é oferecer uma atenção singular a um ser único. “*Ela sabe escutar*” podemos dizer de uma Irmã que possui esta feliz capacidade de estar “*inteiramente à sua disposição*”, de se abstrair de seu trabalho ou de suas preocupações institucionais para lhe consagrar sua atenção benevolente e exclusiva.

É uma arte difícil, às vezes difícilíssima, sobretudo quando somos interpeladas de todos os lados por solicitações e urgências. Escutar é difícil porque, algumas vezes não queremos ouvir o que ouvimos.

Mas a visita nas Comunidades ou os encontros pessoais devem poder oferecer às nossas Irmãs este espaço e esta hospitalidade, principalmente para aquelas que estão mais sozinhas, ou que têm necessidade de atenção, sobretudo, para aquelas que têm dificuldade na comunicação, em especial, por causa da idade ou de doenças.

“*Uma escuta atenta permite coordenar melhor as energias e os dons que o Espírito deu à comunidade, além de considerar, nas decisões, os limites e as dificuldades de algum de seus membros. O tempo que se emprega na escuta jamais será tempo perdido e a escuta, amiúde, pode prevenir crises e momentos difíceis, quer na esfera individual, quer na comunitária*”⁶.

“O exercício da autoridade requer, necessariamente, o respeito às pessoas, a aceitação mútua, a discrição e em alguns casos, o sigilo” .

Acompanhar, dar esperança e coragem nas dificuldades, apoiar e animar. “*Carregai o fardo uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo*” (Gal 6, 2)

Podemos conhecer, em diferentes etapas da vida, períodos de aridez, de solidão afetiva, de indolência e de tibieza apostólica.

O trajeto de vida de nossas Irmãs, como o nosso, pode ser atravessado por muitas dificuldades, por muitas noites, quando a presença do Senhor parece distanciar-se, quando o serviço de Cristo nos pobres se torna mais irreverente ou desagradável.

É importante oferecer plena atenção e afeição fraternas para enfrentarmos os nossos combates e nos ajudarmos a suportar paciente e humildemente nossas fragilidades. A atenção afetuosa oferecida ao outro é o coração de uma espiritualidade da visitação e da hospitalidade.

Somos muitas vezes confrontadas com a fragilidade das Irmãs. Também, conhecemos bem a nossa, mas às vezes, o acúmulo de fragilidades numa comunidade pode nos abater (fragilidades físicas associadas a idades, fragilidades afetivas, psicológicas).

Com relação ao nosso próprio temperamento, podemos ser mais compassivas a tal ou tal fragilidade e às vezes, devemos reconhecer, mais intolerantes ou irritadas diante de outras. Seremos sempre chamadas à nos descentralizarmos de nós mesmas para escutar o outro em sua própria dificuldade e apoiá-la.

Em particular durante momentos ou acontecimentos especialmente fragilizantes: crises do estilo de vida, mudança de comunidade, fechamento de casas, encerramento de uma atividade profissional.

Sem dúvida, vocês tiveram a possibilidade de meditar este ano a carta para a Quaresma do Papa Bento XVI. Ao ler esta carta, pensei imediatamente no tema deste dia e no que eu poderia partilhar com vocês. *“Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras”* (Hb 10, 24).

Esta poderia ser uma especificidade para o nosso ministério. Bento XVI nos exorta para *“prestarmos atenção ao irmão”, (à Irmã!), a “fixar o olhar no outro, a começar por Jesus, e a estar atentos uns aos outros, a não se mostrar alheio e indiferente ao destino dos irmãos... Também hoje, Deus nos pede para sermos o “guardiões” dos nossos irmãos (cf. Gn 4, 9), para estabelecermos relações caracterizadas por recíproca solicitude, pela atenção ao bem do outro e a todo o seu bem. O grande mandamento do amor ao próximo exige e incita a consciência a sentir-se responsável por quem, como eu, é criatura e filho de Deus: o fato de sermos irmãos em humanidade e, em muitos casos, também na fé deve levar-nos a ver no outro um verdadeiro alter ego (outro eu), infinitamente amado pelo Senhor. Se cultivarmos este olhar de fraternidade, brotarão naturalmente do nosso coração a solidariedade, a justiça, bem como a misericórdia e a compaixão”* (n.1).

4 - MISSÃO IMPOSSÍVEL ?

O quadro assim apresentado é ideal. Sabemos bem que a realidade é muito mais complexa. Nossas comunidades são marcadas pelo pecado, pela violência ou indiferença. Elas são compostas por seres humanos, frágeis e limitados.

O exercício da autoridade nos confronta a uma realidade, às vezes, dolorosa, a da Companhia, as das Comunidades, a nossa. Em muitas situações, será possível suscitar um diálogo, uma partilha de perspectivas e de ideias, de pontos de convergências e de divergências, de dificuldades e incompreensões para propor “remédios”. Sabendo muito bem que não existem soluções milagrosas, nem receitas prontas.

Isso implica também para nós:

- Um conhecimento de si sempre crescente, nascido de uma experiência e de um questionamento pessoal, refletidos, por exemplo, a respeito dos valores e das motivações, da aceitação dos dons e das limitações.

- A capacidade (ou a busca) de manter uma tensão criativa entre seus dons e limites, entre seus valores, sonhos, esperanças, desejos e suas capacidades e incapacidades; entre o seu eu ideal (o que desejo ser) e seu eu real (o que sou atualmente). Isto não se faz na tranquilidade. Na maioria das vezes, se enfrenta a tensão, a diferença entre o ideal e a realidade, se cria um sentido de inquietação e de ansiedade. A atitude que assumimos diante desta inquietação e ansiedade é crucial para as relações saudáveis consigo mesma, com os outros e com Deus.

- A capacidade de suportar ansiedade e tensão, sem se deixar dominar por elas. A tensão pode ser um recurso para estimular e manter o crescimento. Parece que em chinês, o ideograma para crise é “wei ji”, que é composto por dois elementos indissociáveis: a parte superior (wei) significa perigo, a parte inferior (ji) significa “oportunidade”. A sabedoria chinesa ensina que cada crise é ao mesmo tempo uma ocasião de oportunidade, ou de perigo. O fator decisivo reside na atitude assumida diante da crise: assim, de uma crise podem nascer a coragem ou a decisão da ação. O que implica um enraizamento profundo e consciente neste cargo: fui “enviada” para realizar o ministério da autoridade, que não fui eu que dei a mim mesma.

- A exigência fundamental é a contemplação do Cristo e o desejo de segui-Lo no caminho da Páscoa.

II – A RESPONSABILIDADE COMO CAMINHO DE PÁSCOA

O exercício do governo nos faz mergulhar numa experiência pascal. *“Como toda autoridade na Igreja, a autoridade na Companhia se exerce como um serviço, à imitação do Cristo Servo que amou os seus até dar a vida por eles”*⁷.

Tendo preparado esta intervenção durante a semana santa, deixei-me conduzir nesta segunda parte por alguns “encontros pascais”, como da quinta e da sexta-feira santas e do sábado santo. Deixemos que estas figuras bíblicas sejam para nós “intermediárias” que acompanham nosso caminho de responsabilidade.

QUINTA-FEIRA SANTA

“Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.(...) Depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. Chega, então, Simão Pedro, que lhe diz: “Senhor, tu me lavares os pés?!”. Respondeu-lhe Jesus: “O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde” (Jo 13,1.4-7).

Pedro tem o sentido da hierarquia. Existem pessoas no “alto” e pessoas em “baixo”. Ele sabe muito bem, um mestre não lava os pés dos seus discípulos. No entanto, eis Jesus, o Verbo, a Luz do mundo, de joelhos como um escravo. Um gesto que diz que o homem, segundo o projeto de Deus, é servo de seus irmãos. Um gesto que vem para quebrar como nunca nossas ideias de hierarquia e de dignidade. Aqui está a suprema dignidade: ser suficientemente desapegado da preocupação de si, de seu eu para poder assumir o risco do rebaixamento.

“Mais tarde o compreenderás”. Mais tarde, Pedro compreenderá que o Cristo inaugurou uma nova forma de exercício de autoridade. A autoridade do bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas, uma

autoridade que transforma o corpo da pirâmide, no qual cada pessoa é diferente e importante, e todos os membros estão em comunhão.

Talvez, Pedro ainda compreenderá que o lava-pés é também a única resposta de Jesus à traição e à negação. O gesto do lava-pés é imediatamente precedido e seguido pela evocação da traição de Judas.

A fraternidade da quinta-feira santa é uma fraternidade servidora, de joelhos. É igualmente a fraternidade do amor e da fidelidade até o fim, “até o extremo”.

O Evangelho, segundo São João nos oferece nesta passagem a nona beatitude: “*Felizes sereis vós, se o fizerdes*”.

Ter paciência nas suas relações com os outros, não deixar-se abalar pela fratura da vida fraterna, amar, servir sempre e apesar de tudo, podem nascer daí uma alegria e uma paz verdadeiras; paz e alegria que vêm da tomada de consciência de nossa pobreza radical, de nossa realidade diante de Deus (“*Tal é o homem diante de Deus, como ele é sem mais*”, costumava dizer São Francisco de Assis aos seus Irmãos), mas, sobretudo, o apego ao Cristo Pobre. “*Ele veio para os seus e os seus não o reconheceram*”. O ápice da abordagem do amor do Cristo, não são os milagres, os profetas. Tudo culmina no momento, quando abandonado por todos, rejeitado, negado, condenado à morte, pelas próprias pessoas por quem Ele dá a vida. Apesar de tudo, o Filho de Deus continua a amar. É um caminho de pobreza, de despojamento.

- O que devemos deixar, de qual pedestal devemos descer para sermos servas aos pés de nossos irmãos?

- Nas situações difíceis em fraternidade, no encontro com o outro, quem quer que seja, ousamos acreditar que um caminho de crescimento, de salvação é possível?

- De qual ressentimento devemos nos desfazer para reencontrar o amor sem amor-próprio?

- De qual poder devemos jejuar para não exercer sobre nenhuma Irmã, qualquer tipo de poder ou dominação?

SEXTA-FEIRA SANTA

O exercício da autoridade é uma tarefa, às vezes, muito difícil. Pode acontecer algumas incompreensões. Ferimos umas às outras através de respostas precipitadas demais, de decisões pouco coerentes e imprudentes, por falta de experiência, de grandes esperanças ou muito mesquinhas ou uma indiferença ao sofrimento. Nós nos fazemos sofrer ao não levarmos em consideração alguns dons, ao mantermos conversas depreciativas sobre terceiros, por manipular a autoridade de maneira autocrática. Nós nos ferimos reciprocamente, às vezes, mais por ignorância ou falta de competência, que por negligência ou por malícia, o que não diminui em nada a dor ocasionada.

Somos pressionadas também a tomar decisões sobre transferência das Irmãs, fechamento de casas que fazem sofrer.

As decisões que devemos tomar nem sempre são unânimes, e às vezes, nos conduzem à aversão.

Às vezes, somos também, confrontadas com situações de pessoas particularmente difíceis⁸. Suas comunidades não as suportam mais e ficamos divididas entre uma Irmã e um grupo, ou no centro de um conflito de valores.

A fraternidade é uma fraternidade ferida, às vezes desfigurada quando conhece em sua história o sofrimento, a zombaria, a injustiça, a traição, a covardia, a incompreensão. Uma fraternidade pobre e frágil, marcada pelo pecado, mas é igualmente uma fraternidade que se abre à misericórdia e à compaixão.

Numa carta dirigida a um ministro provincial, Francisco convidava ao perdão e à compaixão. *“Veja como reconheerei que tu amas o Senhor, e que tu me amas; eu, servo do Senhor e teu: se algum irmão no mundo, após ter pecado, tanto quanto se é possível pecar, pode encontrar teu olhar, pedir o teu perdão e te deixar perdoado. Se ele não te pedir perdão, tu o deves pedir, se quiseres ser perdoado. E mesmo depois disso ele ainda pecar mil vezes, contra ti, ama-o ainda mais que tu me amas, e isto para trazê-lo para o Senhor. Tem sempre piedade destes infelizes”*.

Entrar na pedagogia de Deus que faz misericórdia, mesmo denunciando o mal e a injustiça, testemunhando a misericórdia recordando sempre as exigências de nossa forma de vida, indo, às vezes, até as formas canônicas de sanções.

Convidar a comunidade para entrar nesta dinâmica da misericórdia reconhecendo que há situações que exigem a mudança de uma Irmã.

Aceitar permanecer próxima de uma Irmã em situações, muitas vezes sem soluções satisfatórias e nas quais experimentamos nossa impotência, “ser requisitada” ou “esquivarmo-nos daquele que é nossa própria carne”, mesmo se não soubermos mais o que fazer, é uma passagem, uma Páscoa que custa uma perda, a da ilusão da onipotência, uma Páscoa que purifica e que torna mais humilde, mais pobre. Esta travessia é também acompanhada pelo desânimo e o desencantamento: diante das resistências de algumas pessoas ou de algumas comunidades, diante de algumas questões que parecem impossíveis de serem resolvidas.

SÁBADO SANTO

Homens e mulheres do silêncio, José de Arimateia, Nicodemos e Maria... *“Depois desses acontecimentos, José de Arimateia (...) pediu a Pilatos que lhe permitisse retirar o corpo de Jesus (...). Nicodemos(...) veio, trazendo cerca de cem libras de uma mistura de mirra e de aloés. Tomaram o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com os aromas (...) e como o sepulcro estava perto, eles depositaram Jesus”* (Jo19, 38-42).

Sucede então o silêncio, o silêncio do sábado, dia do sabbat, o sétimo dia, o dia do repouso semanal. O sábado é um dia litúrgico estranho, entre o drama da morte e a alegria da ressurreição. O tempo do sábado santo, por vazio que seja, não é portanto, o momento do tempo perdido, em vão. É o tempo da esperança, o tempo da espera e do despertar. O Cristo desce em todos os infernos humanos e traz a sua presença misericordiosa.

A fraternidade do sábado santo é aquela que deixa o Cristo agir na invisibilidade da fé. Ela reconhece sua fraqueza, mas mantém no acolhimento da graça, da esperança. Ela vigia e aguarda com confiança os sinais de vida. Ela sabe que a paz e a salvação vêm, não somente de nossas forças ou de nossas capacidades de gerar os problemas ou as situações difíceis, mas do Cristo vencedor do mal e da morte.

Esta expectativa não é ociosa. Após sua morte, o Cristo recebe sinais de compaixão humana: Nicodemos traz uma mistura de mirra e de aloés, as mulheres preparam os aromas e os perfumes. O corpo do Cristo entra na escuridão do túmulo com os perfumes e os aromas, fruto da compaixão dos que lhe eram próximos. No momento em que desce às profundezas da escuridão, é envolvido por um gesto de doçura, de respeito e de esperança.

Este sábado santo é o momento por excelência do silêncio, da atenção paciente para o que vem: o silêncio da espera e não o silêncio do desespero. A força admirável desta paciência se experimenta como vontade de não ceder ao mal e de não acreditar em seu triunfo definitivo. Na esperança, podemos envolver outras pessoas com uma delicadeza orante e ungi-las com respeito e confiança.

O livro do Apocalipse nos dá uma outra beatitude: “*Feliz aquele que vigia*” (Ap 16,15). O Senhor nos convida à paciência tenaz dos vigilantes. Trata-se de uma felicidade que prepara o encontro com Deus através do rosto do irmão, de vigiar sobre o próprio amor e sobretudo quando acreditamos que Ele está morto. Vigiar para ver o nascer da aurora. Como manter-se na paciência daquele que vem? Que tempo de silêncio, de solidão, de oração damos decididamente para deixar o Espírito do Senhor nos manter vigilantes, atentas aos passos dAquele que vem?

O governo não é possível, nem pensável e sustentável sem a graça de Deus. Uma graça de estado que não se realiza, talvez, sob a forma que aprendemos no passado, um sobressalto de resistência que acontece quando percebo não poder mais suportar ou fazer algo a mais; a coragem de agir diante do medo ou da oposição, como as palavras surpreendentes saídas de nossa boca numa situação complexa, como a força de manter na morte do Mistério pascal com a esperança da Ressurreição.

SINAIS DE RESSURREIÇÃO

Sabemos muito bem que não existe uma fórmula mágica, nem manuais para ser uma boa superiora maior. Existe somente a presença benevolente do Deus vivo, que pode ser reconhecido na confusão da nossa vida e nas sombras do nosso mundo conturbado.

Os sinais de ressurreição são muitos, e temos o dever de lê-los, de interpretá-los, partilhá-los e de render graças.

Na vida que nossas Irmãs partilham conosco simplesmente, somos as testemunhas privilegiadas do crescimento corajoso, da fidelidade à oração, da simples generosidade, da vontade de permanecer em diálogo no período de conflito, da beleza e da profundidade que revelam as conversas, do testemunho de uma longa vida de serviço de Cristo nos Pobres, da fidelidade, dos momentos de intuição, dos riscos assumidos e acolhidos, todos os pequenos gestos de bondade, do combate para compreender o que significa a vida de fé, em meio à uma efervescência cultural e religiosa, do sofrimento vivido com mansidão e na paz, da coragem em meio a uma noite profunda. Cada Irmã, cada história, cada graça, da qual somos testemunhas são bênçãos.

Assim, podemos cooperar com Deus, através de nossas ações quotidianas, nossas decisões difíceis, fazendo avançar nossas comunidades para o futuro prometido, mas ainda desconhecido.

Que a cada uma seja dada a graça de acolher estas grandes e pequenas bênçãos e de dar glórias a Deus e de se tornarem:

- Mulheres que sabem o que significa ser lançadas no fogo ardente do desígnio de Deus, para nele serem formadas e modeladas pelos movimentos e acontecimentos imprevisíveis.

- Mulheres cuja familiaridade com as visitas inesperadas de Deus aumentam a capacidade de analisar a situação presente e de imaginar formas alternativas de fazer comunidade e de responder à missão.

- Mulheres cuja leitura espiritual da vida da província ou das comunidades estimulam a comunidade em sua convicção de que Deus está agindo nos lugares mais surpreendentes e com os mais sutis movimentos.

Irmã Elisabeth ROBERT
Superiora geral do Instituto das Irmãs de São Francisco de Assis

Notas:

¹ P. Urbano Valero, sj “Autorité et médiation. Un service de gouvernement charismatique” UISG, n°135 2007 p.52

² C 62 b1

³ O serviço da autoridade e a obediência, n. 20 e

⁴ O serviço da autoridade e a obediência, n.25b

⁵ P. Urbano Valero, art; cit p. 54

⁶ O serviço da autoridade e a obediência, n. 20a

⁷ C 62 a 1

⁸ Jeffrey Mickler : « *S'en sortir avec les religieux au caractère difficile* ».Vies consacrées 83,2011 – 1 p. 75-80

IRMÃ PIA HUMBEL, ECÔNOMA GERAL

Corresponsáveis pelo Patrimônio dos pobres

23 de maio de 2012

Esta apresentação foi realizada com o auxílio de audiovisual e foi aqui resumida em vista da publicação. O programa entregue às participantes contém referências das Constituições e do Guia da Ecônoma. Alguns assuntos foram abordados sob forma de questões destinadas a serem aprofundadas com os membros do Conselho provincial, outras, foram dirigidas pessoalmente às Visitadoras.

INTRODUÇÃO

Para falar sobre a *administração dos bens* diante de um auditório vindo dos cinco continentes, com realidades tão diferentes, me fez refletir sobre “a maneira de abordar” este tema que permitisse a cada uma sentir-se incluída nos pressupostos que lhes apresento.

Escolhi três elementos comuns de nossa identidade, quaisquer que sejam nossas origens geográficas e culturais ou nossos lugares atuais de missão.

Somos Filhas da Caridade pela graça de Deus, “*chamadas e reunidas...doadas a Deus para o Serviço dos Pobres*”. É com este título que somos convidadas, hoje, a refletir sobre nossa corresponsabilidade na administração dos bens.

Somos Filhas da Igreja, de uma Igreja afrontada por inúmeras críticas, tanto internas como externas, mas que, neste processo de purificação, permanece um farol que orienta e cujo

ensinamento ilumina os “homens de boa vontade”. Ao longo de sua história, o barco de Pedro atravessou muitas tempestades, mas *“as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela”*, prometeu Jesus a Pedro (Mt 16,18). Com Luísa de Marillac, reconhecamos que *“temos duplamente a ventura de ser filhas da Santa Igreja”* (E. Espirituais C.197 (L.179), pág. 233).

Somos cidadãos do mundo, chamadas por vocação a servir o Cristo em seus membros sofredores. *“Deus ama este mundo e nos convida a amá-lo profundamente, a olhá-lo como Ele o olha (...) a dele nos aproximar com a sensibilidade de nossos Fundadores que veem no mais vulnerável, o preferido”* (D.I. A, pág. 7).

As crises numerosas abalam nosso mundo e afetam em primeiro lugar os mais pobres.

O colapso do sistema financeiro em 2008 teve repercussões dolorosas no mundo inteiro! Os “grandes deste mundo” estão sempre confrontados com os imensos desafios: regulamentação do mercado financeiro, dívidas colossais do Estado, pobreza crescente dos povos, movimentos sociais gerados pelas injustiças, pelo desemprego, pela exclusão, etc.

O mal funcionamento do modelo de crescimento econômico dominante que busca o lucro a todo custo, tem aumentado ao longo desses últimos 20 anos, as desigualdades nas sociedades e entre os países, quando existe de uma maneira geral um aumento das riquezas em nosso mundo!

O governo mundial não respeita o bem comum e muitos **regimes políticos corruptos** trazem a infelicidade aos pobres.

O comércio das drogas e das armas alimenta as guerras, as poderosas redes de tráfico humano, etc.

A crise ecológica, que se manifesta através de tantas catástrofes chamadas **“naturais”**, quando elas resultam em grande parte, da atividade humana desordenada e de comportamentos irresponsáveis: desmatamentos em grande escala, exploração excessiva dos recursos da terra, poluição industrial, exportação de resíduos tóxicos, etc.

I - FILHAS DA CARIDADE NO MUNDO ATUAL... UMA VOCAÇÃO DE UMA ATUALIDADE ABRASADORA

“Temos sede, sede de responder com uma caridade criativa aos apelos dos pobres...Queremos renovar nossa resposta aos desafios das novas pobreza acentuadas pela crise mundial e ousar assumir posições proféticas diante da injustiça” (D.I.A, pág. 7).

Um provérbio francês diz que: *“o dinheiro é um bom servo e um péssimo mestre”*. Para nós, Filhas da Caridade, ele é um meio, indispensável, certamente, mas somente um meio a serviço da missão. O dinheiro está no centro de todas as misérias provocadas por uma gestão de atividades humanas que não estão no plano de Deus.

Na encíclica Caritas in Veritate, Bento XVI afirma que sem o amor e a verdade o impulso planetário da mundialização pode ser mortal para a família humana! Ele convida a uma reflexão profunda sobre o sentido da economia e os valores éticos a serem recuperados.

Em proximidade com os Pobres deste mundo, vocês estão bem posicionadas para tomar tais iniciativas, sabendo que através da Companhia e diversas ONGs pode-se encontrar *a ajuda financeira necessária* para melhorar suas condições de vida. É evidente que vocês já o fazem, mas podemos sempre fazer mais.

Na carta que o Superior geral dirige aos membros da Família Vicentina, para a Quaresma 2012, encontramos tais motivações:

- *Favorecer atividades que promovam as mudanças sistêmicas na sociedade, desenvolver a autogestão local, a formação de grupos de entreaajuda e de programas de microcrédito locais;*

- *Proporcionar assistência jurídica para a defesa dos Pobres e a promoção da justiça.*

- *Criar programas que impeçam o tráfico de pessoas e que assegurem a promoção da vida, o acesso universal à ajuda social, a proteção do meio ambiente, a dignidade das mulheres e das crianças, os direitos dos migrantes e a participação na sociedade civil.*

Nossas Constituições, ao tratarem do nosso voto específico (C. 24) nos mostram como servir o Cristo na pessoa dos pobres e os Estatutos 8 e 9 dão algumas orientações bem concretas – retomadas no D.I.A páginas 7-13 para trabalhar com outras pessoas, na construção de um mundo melhor... Sim, se o amor faz maravilhas, a união faz a força !

II – A ADMINISTRAÇÃO DOS BENS DA COMPANHIA

1) Administrar os bens segundo um espírito.

Nossa identidade de Filhas da Caridade deve impregnar todo nosso ser e nosso agir e expressar-se também, na maneira de administrar os bens! “*A Companhia das Filhas da Caridade, tendo por finalidade o serviço de Cristo nos Pobres, serve-se dos bens materiais para realizar esta missão*” (C. 88).

Lembrarei as fontes nas quais podemos beber: a Sagrada Escritura, a Doutrina Social da Igreja, os textos das Conferências episcopais, os escritos dos Fundadores, as Constituições e Estatutos, os Guias, as Cartas dos Superiores, etc.

Estes fundamentos bíblicos e doutrinários devem iluminar *nosso estilo de vida e a maneira de gerar os bens.*

2) A GESTÃO DOS RECURSOS FINANCEIROS, UM LUGAR DE MISSÃO

a) nossa própria evangelização-conversão

Em contacto com os pobres, nossos Mestres, nos deixamos evangelizar. Administrando os bens, também temos que **nos deixar evangelizar** - e permaneceremos vigilantes - para que o dinheiro “bom servo da missão não se torne um mau mestre”! Todas as Irmãs que administram o dinheiro devem estar conscientes de que não são proprietárias. Daí , a necessidade de um espírito de desprendimento e todas as outras características de uma boa administração.

A administração dos recursos colocada em nossas mãos não pode estar desassociada de nossos votos. Ela tem vínculos não somente com o voto de pobreza, o que nos parece evidente, mas também com a obediência, visto que temos que respeitar as leis da Igreja, o direito próprio da Companhia e a legislação do Estado; e ainda tem vínculos com a castidade, que liberta o coração, “para uma doação incondicional e uma total disponibilidade no serviço dos pobres” (C.29). O resultado destes lembretes trazem consequências práticas, como a partilha dos dons recebidos para os Pobres e sua utilização nas Comunidades locais, (C 30e), a partilha entre as Comunidades, (Estatuto 72) e a maneira de resistir à corrupção, etc.

b) quanto ao aspecto profético

Como consagradas, somos chamadas a deixar aparecer claramente que *nosso compromisso ao lado dos Pobres é a parte visível de nosso dom a Deus. “O amor ao homem - e em primeiro lugar ao pobre, no qual a Igreja vê Cristo - concretiza-se na promoção da justiça (...) De fato, não se trata apenas de “dar o supérfluo”, mas de ajudar povos inteiros, que dele estão excluídos ou marginalizados, a entrarem no círculo do desenvolvimento econômico e humano...”* (João Paulo II, CENTESIMUS ANNUM, nº58).

A doutrina social da Igreja tem uma função de anunciar e de denunciar: anúncio de um olhar particular sobre o homem; denúncia diante do pecado, da injustiça, e da violência que atingem nossa sociedade.

Diante das “*estruturas do pecado que destroem a convivência e a solidariedade*”, podemos “*ser sinais*” pela qualidade de nossa vida comunitária, pelo testemunho de desapego e de dependência no uso dos bens, pela partilha, pelas múltiplas ações realizadas no serviço dos pobres que visam a “*promoção integral de todas as pessoas*” ...etc. (cf.C. 24e).

III - ADMINISTRAR: UM SERVIÇO VINCULADO, VIVIDO EM CORRESPONSABILIDADE (C 30 C, C 90, S 72)

1) Nível geral

As colaboradoras do Economato geral estão a serviço de toda a Companhia. Nos diferentes gabinetes, Irmãs e leigos tratam, vinculados com o Economato geral, dos fluxos financeiros, da contabilidade e do correio que a ele se dirigem, das doações e heranças, bem como dos documentos da segurança social para as Irmãs das Províncias fora da França (CAVIMAC e EMI).

Os vínculos entre os diferentes serviços do Economato geral e das Províncias são cotidianos, mais frequentemente com as Ecônomas provinciais.

O mesmo acontece entre a Companhia e cada Província: as contas de administração geral incluem produtos e despesas.

a) Os Produtos:

A C.90 recorda que *os bens são comuns* e que *a Cúria geral coordena a ajuda interprovincial* (G.E.P. pág. 22). Enquanto que o Economato geral registra os fluxos financeiros, as decisões de afectação são tomadas pela Superiora geral com seu Conselho.

A Cúria generalícia dispõe de dois recursos para financiar os encargos comuns da “Quase Província”. A taxa generalícia, de 5 à 30 dólares por Irmã/ano, de acordo com o país e a contribuição voluntária que as Visitadoras com seu Conselho enviam para o funcionamento da Cúria. Estes montantes permitem cobrir os encargos de funcionamento da Casa-Mãe na qual cerca de 140 Irmãs estão a serviço da Companhia e dos peregrinos.

A Partilha Interprovincial é a fonte indispensável que permite a Superiora geral com seu Conselho responder aos pedidos de ajuda vindos de algumas Províncias.

b) Os encargos

A divisão das receitas da partilha interprovincial mostra que um certo número de Províncias recebe a ajuda para a manutenção e a formação das Irmãs, o serviço dos pobres, construções (obras e Comunidades)... As quantias enviadas variam de acordo com o pedido e são completadas pelos outros “fundos”, por exemplo, os fundos para catástrofes, DREAM, etc. e os projetos do IPS. Assinalar também em favor dos pobres, as inúmeras doações de pessoas particulares e de associações que tramitam pelo Serviço Missões.

2) Nível provincial

Mesmo se as situações das Províncias são diferentes, dois “princípios” podem guiar nosso modo de relação: a corresponsabilidade e a colaboração.

a) Relações Visitadora - Ecônoma provincial

Cada uma foi designada para tal ou tal serviço. O Evangelho e as Constituições nos traçam o caminho... e os Guias são instrumentos que devem ser bem estudados para fácil referência. Uma boa compreensão dos papéis de cada uma permite evitar conflitos.

Papel e missão da Ecônoma

A Ecônoma tem a administração dos assuntos econômicos da Província de acordo com o Direito Canônico (CDC: can. 634-640) e de acordo com o carisma dos fundadores e nosso direito próprio.

Esta administração permite prover todas as necessidades dos membros da Província, servir o projeto apostólico em fidelidade ao carisma; viver a partilha e a entreatada. A finalidade missionária é, portanto, essencial, para uma boa administração.

Quanto às **relações**, o guia da Visitadora na página 17, afirma:

- que “são baseadas no respeito, na confiança do diálogo e vividas num espírito de fé e comunhão” ,
- o que “exige a compreensão clara das responsabilidades de cada uma, da subsidiaridade e a prestação de contas”.

b) Formação das Irmãs

É importante dar às Irmãs uma formação na área econômica e no manuseio de dinheiro! Os planos de formação das Províncias contêm algumas orientações para a formação inicial e contínua das Irmãs, em termos de pobreza, fidelidade ao espírito dos Fundadores e das Constituições, mas, qual é a importância dada ao assunto da *administração dos bens*, concretamente, com as competências a serem adquiridas no plano contábil e administrativo para todas as Irmãs que devem trabalhar com dinheiro? Alguns aspectos poderão ser tratados pelo Diretor Provincial, enquanto que a Ecônoma Provincial tem um papel importante a realizar na formação das Irmãs Serventes, e das Ecônomas locais, para torná-las aptas a exercer sua responsabilidade econômica: contas, orçamentos, compras, etc.

A Irmã Servente é responsável - com suas Irmãs - "pelos bens temporais das Comunidades locais segundo as Constituições e Estatutos e de acordo com as diretrizes provinciais" (C.82e). Uma boa gestão que deve ser vivida em corresponsabilidade, porque os bens são comuns.

As qualidades exigidas para uma boa administração são: honestidade, transparência, confiança, responsabilidade, prestação de contas. Nós geramos nossos bens em coresponsabilidade (C. 90), subsidiariedade (C. 91b), solidariedade (Estatuto 72). Uma Irmã não deve jamais agir “como proprietária” qualquer que seja o nível da Comunidade ou da obra.

- Nos princípios da administração dos bens legados por São Vicente e Santa Luísa (cf. C. 88, 89, 90), desde as origens da Companhia, existem regulamentos, registros, orçamentos para as obras. Luísa de Marillac formou suas Irmãs, não somente no plano espiritual, mas também *rigorosamente na gestão*, na “prestação de contas”.

- As expressões concretas do nosso voto de pobreza e do serviço dos pobres, nos obrigam a *escolher um estilo de vida sóbrio e simples*: “as Irmãs fazem frequentemente uma revisão pessoal e comunitária sobre o uso dos bens e recursos da terra, seu estilo de vida e seus deveres de justiça e de caridade e para discernir suas verdadeiras necessidades. É um meio de conservar o espírito e a prática da pobreza” (Estatuto 16a).

Finalmente, na administração, existe uma regra de ouro: “prever”. A administração não se improvisa, ela se aprende e se aperfeiçoa com a experiência. Portanto, é importante discernir quais as Irmãs que têm as aptidões necessárias para uma formação na área da *contabilidade e da gestão*. “Prever” é preparar, hoje, as Irmãs a quem se poderá confiar as responsabilidades da gestão (obras e Comunidades), para a continuidade da missão e dos serviços comunitários.

b) A gestão do patrimônio

“Os bens da Companhia são administrados com responsabilidade, competência, prudência, justiça e confiança na Providência. Eles tornam possível o serviço dos pobres e a manutenção das Irmãs” (C.89).

É importante “permanecer na realidade” (situação do país, da Província) e considerar as realidades não contábeis, mas essenciais, tais como os recursos humanos, isto é, a idade das Irmãs da Província (grande número de Irmãs Jovens ou de Irmãs idosas) etc.

Conclusão

Filhas da Caridade, vivemos nossa vocação como Igreja, fiéis aos seus ensinamentos, e através do testemunho de uma vida alimentada pelo Evangelho, de acordo com nossa identidade própria (C 24, Estatuto 8). Temos que administrar o nosso patrimônio espiritual, fazê-lo nosso, expressando-o também em nossa maneira administrar os bens materiais, em espírito de humildade, simplicidade e de caridade. Nossa pobreza material efetiva se expressará em um estilo de vida sóbrio e simples, pelo serviço e pela proximidade com os Pobres que são nossos mestres, e através da partilha dos nossos bens.

Que Nossa Senhora da Missão nos acompanhe no caminho íngreme do discernimento evangélico, para que o Reino de Deus venha, hoje, para nós. Possamos ser com nossas Irmãs, junto aos pobres “*sinais de profecia e de esperança, agora e em toda parte*” (D.I.A p. 27).

Irmã Pia HUMBEL
Ecônoma geral

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Apresentação do Encontro dos Diretores Provinciais

23 de maio de 2012

Como é sugerido no “Diretório dos Diretores Provinciais das Filhas da Caridade” (p. 14), organizamos a cada dez anos um encontro dos Diretores provinciais das Filhas da Caridade. Sendo assim, Padre Gregory decidiu reunir todos os Diretores de 1º-14 de julho de 2012; com o apoio de Irmã Evelyne e seu Conselho e das Irmãs da Casa Mãe, esse encontro acontecerá aqui.

Padre Gregory preparou uma carta para os Diretores para contextualizar o objetivo do encontro. Ele escreve aos Diretores:

“Acredito que todos sabem o quanto o nosso ministério junto às Filhas da Caridade é importante para mim, e tenho certeza de que ele o é também para cada Diretor. São Vicente tinha uma grande estima por este serviço que lhe era muito querido. Evidentemente, que o trabalho que ele fez pelos pobres da França e do mundo não poderia ter sido realizado sem o apoio de Santa Luísa de Marillac e das primeiras Filhas da Caridade. E isto é ainda hoje, uma verdade. Unimo-nos às nossas Irmãs na expressão viva do nosso carisma. Neste sentido, sua tarefa de Diretor provincial têm uma particular importância.

Para este encontro, desejo que aproveitemos o tempo para aprender a nos conhecer e partilhar os nossos conhecimentos. Alguns serão novos nesta função de Diretor provincial, outros já estão há mais tempo, servindo com fidelidade. Parte do que será discutido será informação nova para uns, para outros não. Todas as informações e discussões serão filtradas através do prisma de nossas diferentes culturas e situações. Tal é a natureza da Igreja universal e de nossas Comunidades internacionais, e é uma bênção pela qual sou, particularmente, agradecido. Aproveitemos desta oportunidade para ensinar mutuamente e aprender uns dos outros. Assim, também desejo fazê-lo. Isto será a obra do Espírito entre nós”.

Uma das orientações dadas pelo Padre Gregory foi a de favorecer as partilhas e o diálogo entre os participantes sobre problemas concretos, partilhando assim, mutuamente seus conhecimentos. Ele desejaria que a maioria das soluções e orientações surgissem do grupo e não das intervenções exteriores. Eis uma breve apresentação sobre o programa que terá como tema: **“O Diretor Provincial na Animação, no Acompanhamento e na Formação das Filhas da Caridade”**. Certamente, o Diretor Provincial não é o único que realiza estas três tarefas, e deve ser acrescentada a **“colaboração”**: o Diretor Provincial colabora com a Visitadora e as Irmãs da Província nos importantes serviços de animação, no acompanhamento e na formação.

O Encontro começará com uma manhã de recolhimento para rezar e refletir sobre nosso chamado como Lazaristas para “pregar o Evangelho aos pobres” e sobre a maneira como este serviço é realizado em nosso trabalho com as Filhas da Caridade. De tarde, Irmã Evelyne falará sobre a Companhia e duas Irmãs do Conselho Geral falarão sobre o encontro das Visitadoras.

No dia seguinte, teremos as intervenções sobre nossos Santos Fundadores, Vicente e Luísa, com uma ênfase particular no caráter próprio das Filhas da Caridade e sua espiritualidade. Devemos contar sempre estas histórias de família para nos lembrarmos de nossas raízes e examinarmos as possibilidades de um crescimento permanente. Novas inspirações surgem quando ouvimos a história ser contada por fontes diferentes.

No terceiro dia refletiremos sobre a Igreja, sobre seus diferentes documentos, especialmente, sobre aqueles que podem ser mais úteis ao Diretor. Na parte da tarde, a Irmã Sylvie Robert, uma “Religiosa Auxiliadora”, falará sobre o chamado vocacional para o serviço na Igreja e os fatores que podem levar a rejeição deste chamado.

No quarto dia, trataremos sobre a identidade das Filhas da Caridade, tal como está expressa nas Constituições e os votos. A identidade das Filhas da Caridade deve ser bem compreendida pelos Diretores.

No quinto dia, os Diretores Provinciais vão estudar o Diretório e discutirão sobre eventuais emendas que devem ser feitas para a próxima edição, em função de nossa experiência e da evolução atual. O Padre Javier, envolvido na redação deste documento, conduzirá este estudo e discussão.

No sexto dia refletiremos sobre a importância da “animação”, e daremos uma atenção especial ao trabalho do Espírito Santo na realização desta função como Diretor. Na parte da tarde, falaremos sobre o planejamento de exercícios espirituais como retiros e dias de recolhimento.

Na segunda-feira da segunda semana, falaremos sobre o “Acompanhamento”, seu significado e sua importância, e depois sobre o acompanhamento no quadro das visitas pastorais. Coirmãos de diferentes regiões partilharão suas experiências.

Na terça-feira, falaremos sobre a “formação”: primeiro a “formação inicial”, depois a formação contínua para o desenvolvimento pessoal das Irmãs e o serviço dos pobres.

Na quarta-feira, o Padre Vernaschi guiará nossa reflexão sobre as questões canônicas do Direito da Igreja. À tarde, ouviremos os desafios especiais associados ao ministério junto às Irmãs idosas.

Na quinta-feira, examinaremos primeiro a relação entre o Diretor Provincial, o Conselho Provincial e a Assembleia Provincial, a partir das partilhas de experiências, depois o acompanhamento das Irmãs com dificuldades.

Na sexta-feira, o Padre Gregory animará um fórum a partir de questões sobre o Diretor Provincial e as alegrias deste ministério a serviço das Irmãs.

No dia seguinte, após a síntese e avaliação, terminaremos o encontro com a Celebração Eucarística

Conclusão

Ao longo destas duas semanas de encontro, o Padre Gregory e eu ficaremos disponíveis para falar com os Coirmãos sobre todas as questões que lhes parecerem importantes como Diretores Provinciais. Irmã Evelyne e o Conselho geral foram convidados a participar das sessões do encontro e a contribuir em alguns assuntos de discussão a partir de sua experiência e de sua perspectiva como Filhas da Caridade.

Padre Patrick GRIFFIN
Diretor geral

Encerramento do Encontro

27 de maio de 2012

Chegamos ao final do nosso encontro neste grande dia de Pentecostes que evoca vento e luz, audácia e profecia, união de corações e comunhão, criatividade e esperança, abertura, disponibilidade, missão...

A presença do Espírito Santo no meio da Igreja nascente e sua força transformadora provocaram e continuam provocando ainda hoje, surpresa e admiração. *“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e aqueles que vieram ver o que tinha acontecido, surpresos e perplexos, os ouviam falar na sua própria língua”* (Cf. At. 2,4).

Certamente, a ação do Espírito e suas manifestações são surpreendentes. A vinda do Espírito Santo faz nascer a comunidade; os medos dos discípulos desaparecem, as suas tristezas são substituídas pela alegria e entusiasmo para anunciar a boa nova da salvação; as barreiras socioculturais são derrubadas e dão lugar a uma linguagem comum e universal.

Onde o Espírito está presente, existe vida, novidade, vigor. Com a força do Espírito tudo é possível; nós a pudemos sentir nestas últimas semanas, não é verdade? Não sei se vocês chegaram para este Encontro com um *“grande abatimento do espírito”* (E.Espirituais, pág. 3), como aquele sentido por Santa Luísa no início da novena preparatória de Pentecostes, mas sei que terminamos estas semanas de oração, reflexão e partilha na alegria e na confiança na Providência.

Demos graças ao Senhor!

Permitam-me, igualmente expressar meu reconhecimento ao Padre Patrick, aos membros da Comissão de Animação (Ir. Rosa Maria, Ir. Françoise, Ir. Micheline, Ir. Miguelina, Ir. Angèle e Ir. Christo Kumari), à Irmã Zofia, às Irmãs da Cabine de som e do Secretariado, e é claro, a valente equipe de tradutoras, sem esquecer as Irmãs da Casa Mãe e seu cordial acolhimento.

Hoje, nesta festa de Pentecostes 2012, estamos reunidas no Cenáculo da Companhia, como os discípulos com Maria e damos graças pelo dom do Espírito. No final deste encontro Interassembleias, estou certa de que vocês sentem a urgência de reavivar o carisma da caridade, e reacender a flama do espírito missionário da Companhia, de fazer crescer nossa disponibilidade à ação surpreendente do Espírito Santo.

Foi o Espírito Santo que nos guiou durante todo este Encontro e é o mesmo Espírito que nos mostra o caminho que agora devemos seguir. **À sua luz**, poderemos ler os sinais dos tempos, refletir sobre a realidade que vivemos para descobrir o que agrada a Deus, o que constitui e favorece a comunhão e o que estimula a missão. **Com sua força**, poderemos nos comprometer com entusiasmo com os novos caminhos e enfrentá-los, com uma generosa disponibilidade, às mudanças que incluem situações novas que se apresentam neste tempo de reorganização para a revitalização do carisma. **Com a paz e a alegria que vêm do Espírito**, partilharemos com nossas Irmãs, com os pobres, com nossos colaboradores a esperança que há em nós; a certeza de que o Espírito pode mudar os corações, e que não podemos nos conformar às situações de corrupção, violência, miséria, desprezo da vida e da dignidade das pessoas, e que também não podemos nos conformar nem com o agnosticismo tranquilo, nem com todas as expressões de intolerância religiosa das sociedades em que vivemos.

Escutemos São Vicente em 18 de outubro de 1655, alguns meses após o reconhecimento oficial da Companhia, em 8 de agosto do mesmo ano:

“Não sabemos se chegareis a envelhecer bastante para ver que Deus dá novos ofícios à Companhia; mas bem sabemos que, se viverdes conforme ao fim que Nosso Senhor pede de vós...se fizerdes bem, como espero que comeceis, Oh! Deus abençoará cada vez mais os vossos exercícios e conservar-vos-á : mas é preciso serdes fiéis para vos tornardes dignas disso” (Conf. Sobre o fim da Companhia, pág. 545 e 546).

Estas palavras ressoam ainda hoje como um novo apelo para nos sentirmos responsáveis pela vitalidade da Companhia e por sua fidelidade:

Deus abençoará os vossos exercícios e conservar-vos-á: mas é preciso serdes fiéis para vos tornardes dignas disso.

Vocês poderão ajudar muito as Irmãs de suas Províncias, neste tempo de reorganização e de revitalização. A reorganização vai muito além da planificação e da gestão de novos projetos apostólicos, requer a energia e a moção do Espírito.

De fato, para todas nós na Companhia, trata-se de nos enraizarmos profundamente em Jesus Cristo, de cuidar da qualidade de nossa vida fraterna, de nos comprometermos a viver um estilo simples, coerente com o nosso ser de servas dos pobres.

É o tempo de tornar mais viva a confiança na Providência, tempo de coragem e de audácia diante de certos desapegos, medos e cansaços. É o momento de um dinamismo vocacional renovado. É um momento que exige abertura para novos horizontes apostólicos, mais universais, que exige um trabalho sólido de formação cristã e vicentina para nós e para os colaboradores leigos que participam da missão da Companhia.

“Recebereis a força do Espírito Santo e sereis minhas testemunhas” (Cf. At 1, 8)

Na verdade, o Espírito Santo faz irrupção em nossas vidas e nos impulsiona a reencontrar o fervor primitivo, a manter acesa a chama do carisma, a agir com uma percepção mais fina da universalidade da Companhia, a nos sentirmos responsáveis por sua vitalidade e por seu crescimento. Desperta em nós o entusiasmo e a audácia que impeliram as primeiras Irmãs a seguirem pelos caminhos do mundo, a viverem uma caridade inventiva e audaciosa e a permanecerem disponíveis para servir os pobres, indo e vindo, buscando os mais abandonados e mais desprezados, nos passos de nossos Fundadores.

Pentecostes é a grande festa da Companhia, de acordo com o desejo de Santa Luísa. Com ela, pedimos para sermos cheias do Espírito Santo *“que nada possamos dizer, nem fazer senão para sua glória e seu santo Amor”* (Cf. E. Espirituais, C.359 (L. 345), pág. 398). Hoje, cantamos, com o salmista, as maravilhas do Senhor e damos-Lhe graças porque seu amor e sua misericórdia são desde sempre e para sempre (Cf. Salmo, 135). Quão belas são tuas obras, Senhor, foi com sabedoria que as fizeste! (Cf. Salmo 103, 24, 31).

O Senhor nos fez viver uma experiência de Pentecostes durante nosso Encontro interassembleias e nos promete muito mais para o futuro, se nos abandonarmos a sua Providência, pois: *“os que*

confiam no Senhor, renovam as suas forças...correm sem se esgotar e andam sem se cansar” (Isaías, 40, 31).

Com toda a Igreja, somos convidadas a atravessar a porta que nos introduzirá no ano da fé, do Sínodo sobre a Evangelização: uma forte interpelação para nós, Filhas da Caridade, chamadas para anunciar Jesus Cristo através da diaconia da caridade, do testemunho de nossa vida e através de nossas palavras, sempre que possível (Cf. C. 24b)

Permaneçamos unidas em oração, abertas ao que o Espírito Santo quer realizar em nós. A Virgem Maria, dócil à ação do Espírito Santo nos acompanhe cada dia, particularmente, hoje, que pedimos para toda a Companhia o dom de viver um Pentecostes permanente. Com Santa Luísa, deixemo-nos transformar pelo Espírito, para *“realizarmos o desígnio do Pai e testemunharmos o Filho ressuscitado”*(C. 17c).

A cada uma, desejo uma boa viagem de retorno às suas Províncias e uma feliz festa da Visitação. As Conselheiras e eu garantimos-lhes o nosso carinho, o nosso agradecimento e as nossas orações. No final deste Encontro, somos todas enviadas em missão para sermos testemunhas do que vivemos, do que vimos e ouvimos (Cf. 1 Jo, 1-3; At 4, 19-20). Caritas Christi urget nos !

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade